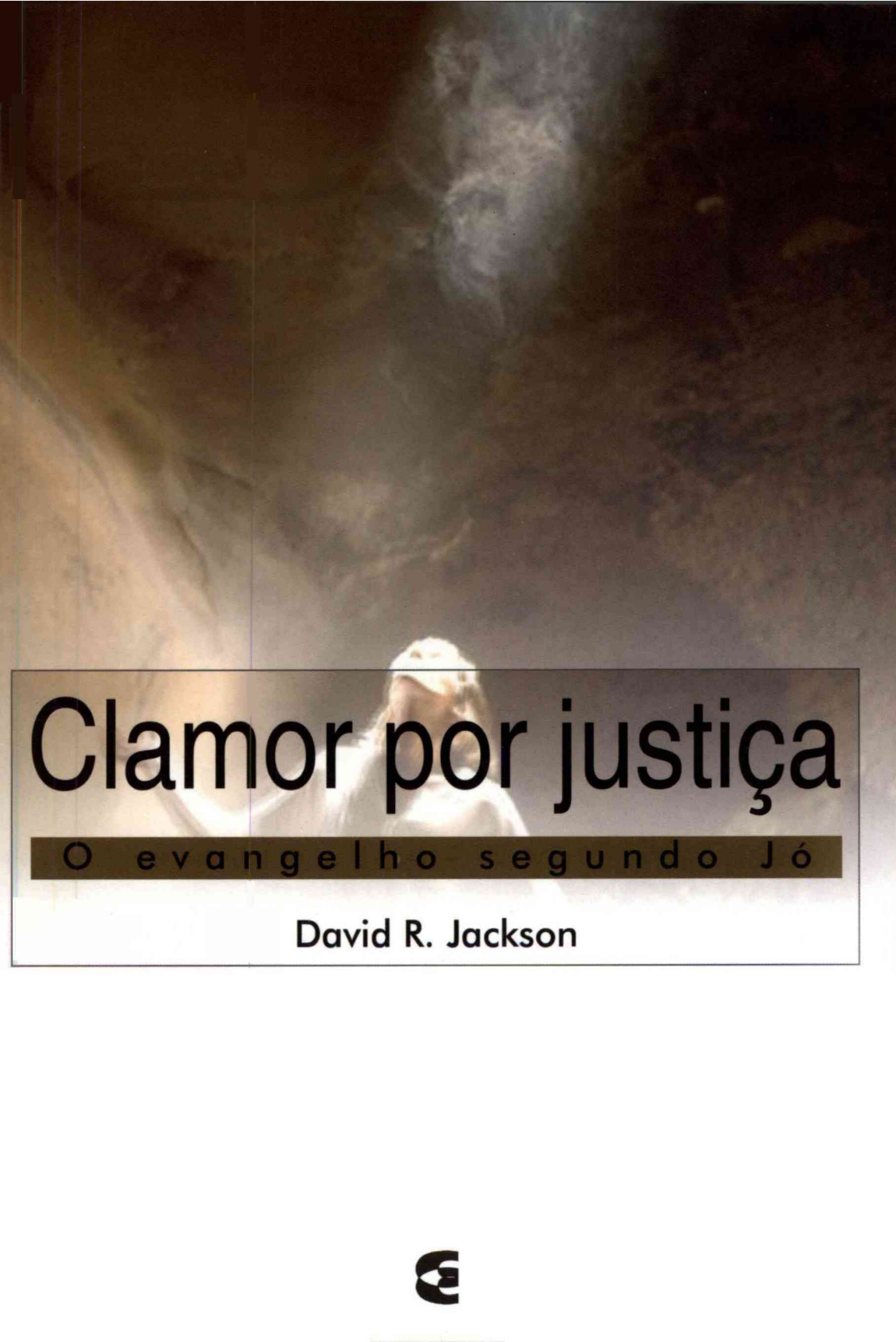

Clamor por justiça

O evangelho segundo Jó

David R. Jackson

Clamor por justiça – O evangelho segundo Jó © 2011, Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado com o título *Crying out for vindication – The gospel according to Job*, David R. Jackson ©2007 by David R. Jackson. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P. O. Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

1ª edição – 2011 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães Jr.
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fabiano de Almeida Oliveira
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Digitalização Geral: jogois2006
Edição Geral: Escriba Digital

Produção Editorial
Tradução
Maria Judith do Prado Menga
Revisão
Claudete Água de Melo
Sandra Couto
Wilton Vidal de Lima
Editoração
Lidia de Oliveira Dutra
Capa
Magno Paganelli

J124u Jackson, David R.

Clamor por justiça–o evangelho segundo Jó / David R. Jackson; traduzido por Maria Judith do Prado Menga. _São Paulo: Cultura Cristã, 2011

192 p.

Tradução de Crying out for vindication – the gospel according to Job

ISBN 978-85-7622-389-4

1. Cristo no Antigo Testamento 2. Estudo Bíblico 3. Vida Cristã I. Título

CDD 248

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br
0800-0141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Dedicado à memória dos santos que foram martirizados em Eichenfeld, Ucrânia, entre 1919 e 1920; e àqueles que herdaram as bênçãos da fé e da fidelidade, inclusive a minha sogra, Verna Schroeder; à minha esposa, Patrícia; aos nossos filhos e netos; e a todos os santos que fielmente mantiveram o seu testemunho de Cristo diante da besta para que hoje outros possam ter a oportunidade de ouvir o evangelho e serem salvos.

Sumário

Prefácio 9
Em memória de J. Alan Groves 12
Agradecimentos 13
Introdução 15

1. A leitura do livro de Jó 17

PARTE UM: Um tempo para clamar
2. A cena no céu (1.6 – 2.13) 26
3. A pergunta (1.6 – 2.13) 35
4. A resposta: sabedoria 44
5. Clamando no silêncio (2.13 – 3.26) 55

PARTE DOIS: Um tempo para pensar
6. Apegando-se ao evangelho 66
7. O último homem 76
8. Apelando para o tribunal de Deus 85

PARTE TRÊS: Um tempo para agir
9. Aprendendo por meio da fidelidade 96
10. Quem mais está assistindo? 107
11. O poder do silêncio 116

PARTE QUATRO: Um tempo para ouvir
12. Mas primeiro o tolo: Eliú (32 – 37) 128
13. Afinal, a resposta (38.1 – 42.6) 138

PARTE CINCO: Um tempo para se recuperar
14. Graça sobre graça (42.7-17) 150
15. Uma reflexão: Jó, Jesus e eu 159

Apêndice A: A justiça de Jó 169
Apêndice B: Satanás 174
Apêndice C: Jó arrependeu-se no final? 181
Apêndice D: A representação de Jó 187
Notas 189

Prefácio



O Novo Testamento está oculto no Antigo;
o Antigo Testamento é revelado no Novo.
Agostinho

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar. (1Pe 1.10-12)

É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram. Então, lhes

> disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. (Lc 24.22-27)

Os profetas pesquisaram. Os anjos desejavam ver. E os seus discípulos não entendiam. Porém, Moisés, os profetas e todas as Escrituras do Antigo Testamento haviam falado sobre isto – que Jesus viria, sofreria e, em seguida, seria glorificado. Deus começou a contar uma história no Antigo Testamento, cujo final as pessoas ansiosamente aguardavam. Porém, no Antigo Testamento o público foi deixado em suspense. A trama foi definida, mas o ápice foi adiado. A história inacabada pedia um final. Em Cristo, Deus proveu o clímax da história do Antigo Testamento. Jesus não veio sem aviso prévio; sua vinda foi previamente declarada no Antigo Testamento, não apenas em profecias explícitas do Messias, mas também por meio das histórias de todos os acontecimentos, personagens e circunstâncias no Antigo Testamento. Deus estava contando uma história maior, geral e unificada. A partir do relato da criação em Gênesis, e até as histórias finais do retorno do exílio, Deus desdobrou progressivamente o plano de salvação. E o relato do Antigo Testamento desse plano apontava sempre de algum modo para Cristo.

Os objetivos desta série

A série "O evangelho segundo o Antigo Testamento" está comprometida com a proposição de que a Bíblia, tanto o Antigo como o Novo Testamento, é uma revelação unificada de Deus, e que a sua unidade temática é encontrada em Cristo. Os livros do Antigo Testamento exibem diversos gêneros, estilos e teologias individuais, mas amarrá-los todos juntos é a constante do prenúncio e do apontar para Cristo. Acreditando na natureza fundamentalmente cristocêntrica do Antigo Testamento, bem como do Novo Testamento, oferecemos esta série de estudos no Antigo Testamento com os seguintes objetivos:

- expor a revelação de Cristo ao longo de todo o Antigo Testamento;
- promover uma interpretação do Antigo Testamento centrada em Cristo;
- incentivar a pregação e o ensino a respeito de Cristo a partir do Antigo Testamento.

Para esse efeito, os volumes desta série foram escritos para pastores e leigos, e não para acadêmicos.

Embora esta série pudesse ter várias formas diferentes, decidimos, na maioria dos casos, focar personagens individuais do Antigo Testamento – as pessoas – em vez de livros ou temas. É evidente que alguns livros irão receber uma atenção maior em conexão com seus autores ou personagens principais (p. ex., Daniel e Isaías). Além disso, alguns temas serão enfatizados em relação a figuras em particular.

É nossa esperança e oração que esta série irá reavivar o interesse pelo Antigo Testamento, bem como seu estudo, à medida que os leitores reconhecerem que o Antigo Testamento aponta em direção a Jesus Cristo.

TREMPER LONGMAN III
J. ALAN GROVES

Em memória de J. Alan Groves

Após a morte de Ray Dillard, em 1993, Al Groves e eu nos encarregamos da publicação do livro do nosso querido amigo, mentor e colega, *Faith in the Face of Apostasy*, dando início com isso a uma nova série: "O evangelho segundo o Antigo Testamento", que procura mostrar, como o próprio Cristo declarou, que "todas as Escrituras" falam do sofrimento e glorificação do nosso Senhor (Lc 24.27).

É com tristeza que comunico que Al Groves faleceu recentemente, com a idade de 54 anos. A tristeza de nossa perda é temperada pela alegria que sinto em saber que ele está agora com o Senhor, a quem amou e serviu tão bem nesta vida. Somos devedores a Al pelos seus ensinamentos perspicazes, sua escrita incisiva, sua obra sobre o uso do texto hebraico para computador e, para aqueles de nós que o conheceram, sua amizade e incentivo.

Tremper Longman III

Agradecimentos



Quando refletimos sobre um trabalho como este, é apropriado lembrar daqueles que exerceram uma influência significativa no pensamento e entendimento da pessoa. Normalmente, essa lista inclui pastores, acadêmicos e críticos, entre os quais estão o falecido Alan Begbie, George Robinson, Reg Piper, Terry Dean, Don MacPhail, Greg Fox, Noel Weeks, o falecido Ray Dillard, os funcionários e alunos da William Carey Christian School, e em particular as minhas doze classes. Um agradecimento especial é devido ao editor da série, Tremper Longman III, por seu incentivo e críticas úteis.

Gostaria também de agradecer a algumas pessoas cuja contribuição veio de outro modo, e também de reconhecê-las. Sem invadir a privacidade delas, ou pretender embaraçá-las, é conveniente falar daqueles cujos exemplos de fé perseverante deram substância a tantos aspectos do evangelho segundo Jó.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha esposa, Patrícia, que tem constantemente trazido graça, encorajamento, conforto e sabedoria quando este homem precisou, muitas vezes quando era ela quem mais necessitava.

Em segundo lugar, fui abençoado por conhecer uma senhora que, à primeira vista, parece ser uma crente fraca e um pouco tímida. Alguns, de passagem, podem ver nela apenas fraqueza. Para aqueles que a têm conhecido, mesmo desde a infância, ela tem sido um modelo de coragem diante do medo, de paciência diante da adversidade e de fé através do fogo, e sempre um modelo de gentileza, humildade, bondade e generosidade que demonstrou ser surpreendentemente poderoso. Como tal, agradeço a Deus por minha mãe, Violet Jackson, mais conhecida como Pidge, por seu amor, sabedoria e exemplo.

Aspectos significativos das lições de Jó foram-me tornados muito mais acessíveis por meio da sabedoria e do companheirismo de Warwick e Ruth Wilkie, John Goldsmith e Jan Watherhouse, colegas na William Carey Christian School. A eles, meus sinceros agradecimentos.

Com esses há uma nuvem de testemunhas, muitas facilmente esquecidas, não sendo encontradas entre as estrelas num palco, ou num lugar de destaque, mas que continuam a vencer pela fé e que, a cada semana, tomam o seu lugar na assembleia dos santos.

É preciso humildade para assumir nosso lugar nesse grupo, isso só pode ocorrer pela graça de Cristo.

Introdução



Num monte de lixo, na dor, no desespero do luto pela perda de seus filhos, em situação de pobreza, sob a acusação dos amigos e provocação de sua esposa, numa intensidade de emoções humanas que escandalizavam seus amigos piedosos, um homem falou ousadamente com Deus e perguntou: "Por quê?"

Em algum ponto em nossa vida também estivemos nesse monte de lixo e perguntamos ao Senhor o nosso "por quê?" Pode não ter sido relativo a nós, mas a respeito de uma pessoa próxima de nós. Às vezes, podemos ver o nosso sofrimento se encaixar num padrão de planos e propósitos de Deus – quando são os resultados de perseguição ou uma consequência direta do nosso próprio pecado. Porém, outras vezes parece aleatório e sem propósito – até mesmo simplesmente cruel. Às vezes, nos sentimos como se tivéssemos caído numa emboscada. É como se um inimigo saltasse do nada diante de nós e nos atacasse.

Descobri o livro de Jó quando estava sentado à beira da cama de minha esposa no hospital, esperando que ela acordasse depois de um aborto. Tínhamos orado pela segurança daquela criança e pela salvação dela desde antes de ela ser concebida. Oramos por toda aquela noite para que a criança sobrevivesse à crise do momento. A resposta foi não. Fiquei ali sentado, olhando pela janela do hospital ao nascer do sol, e assisti a um pássaro voando num céu sem nuvens, enquanto o sol se levantava. Perguntei ao Senhor: "Como é que esse pássaro infeliz pode voar em meio ao nascer do sol, e nosso filho, feito à sua imagem, nunca verá a luz do dia?" Abri a Bíblia em Jó, porque achei que ele poderia ter algo a dizer num momento como aquele, e folheei as páginas aproximadamente até o final do livro. Quando cheguei ao discurso final de Deus para Jó, meus olhos caíram sobre as perguntas: "Onde você estava quando lancei

os fundamentos da terra?... Você já deu ordens à manhã, ou mostrou à aurora o seu lugar?... Você sabe quando as cabras da montanha vão parir?... Será que o falcão voa por sua sabedoria?" Então, eu me sentei e chorei, e lembrei-me das palavras de Jó: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei. O SENHOR deu e o SENHOR o tomou; louvado seja o nome do SENHOR".

Conhecer o Senhor em tais ocasiões é desesperadamente importante. Saber que uma resposta pecaminosa só irá aumentar a dor nos impede de perder a perspectiva. Porém, entender isso e estar em paz com Deus nesses momentos é uma questão totalmente diferente.

Certamente, um bom conhecimento da Palavra de Deus nessas horas é essencial. Quando o fogo das emoções for mais quente, quando acontecer a emboscada, será tarde demais para querer saber. Esse é o momento em que mais precisamos lançar mão do conhecimento da verdade que está guardado. É também um tempo que cria uma fome de saber e compreender mais.

Nesse momento eu me dediquei a estudar o livro de Jó, e convido você a fazer o mesmo, porque por meio de Jó nós chegaremos a Cristo. Em Jesus, as nossas perguntas são respondidas, nossas dúvidas esclarecidas, nossa fé vindicada e nosso sofrimento redimido.

1

A leitura do livro de Jó



Na forma e no estilo *Jó* é diferente de qualquer outro livro da Bíblia. É uma daquelas obras que você tem de estar com vontade de ler. Muitas pessoas dão uma olhada e o colocam de lado. Para aqueles que dedicam um tempo para entrar nos seus temas, a leitura é uma experiência incrível. Alguém certa vez perguntou ao meu filho qual era o seu livro favorito da Bíblia. Acho que ele estava no início da adolescência na época. O olhar de espanto no rosto do interlocutor quando ele disse "Jó" era digno da capa de qualquer revista de fotografia. Você já conheceu um menino de 12 anos que considerasse Jó o livro mais interessante da Bíblia? Ele tinha 7 anos quando eu preguei uma série sobre Jó em nossa igreja. Divertimo-nos muito recebendo várias pessoas da congregação para lerem os capítulos quando apresentamos o livro de Jó no formato de um programa de rádio seriado a cada semana. O que deu vida foi o fato de que algumas coisas difíceis estavam acontecendo para as pessoas em nossa igreja na época, e o livro de Jó nos falou de Cristo e do seu papel em nossas lutas. Meu filho não conhecia todas as histórias até então, mas a Palavra de Deus tomou vida quando nós a estudamos e escutamos e oramos juntos. Portanto, vamos fazer uma pausa e pensar sobre como vamos abordar essa parte da Palavra de Deus.

Ninguém sabe quem escreveu esse livro, ou quando, e essa não é a nossa principal preocupação neste estudo. Mas é interessante e vale a pena pensar se isso nos ajuda a imaginar exatamente o que aconteceu. O livro de Jó não é um mito antigo ou uma história atemporal definida na terra do nunca. Os mitos são sobre pessoas ou criaturas que não são encontradas em qualquer local ou época identificada e em histórias que

nunca podem ser confirmadas. O livro de Jó é sobre pessoas reais, identificadas pelo nome de família e localizadas num lugar real em determinado tempo – assim como nós.

Ouvindo Jó como uma peça teatral

O livro de Jó parece ter sido escrito na forma de uma peça teatral. Não fazemos ideia de como esse livro teria sido lido ou apresentado à comunidade onde ele primeiro apareceu. Imaginamos que ele tenha sido lido em voz alta para uma plateia, uma vez que os livros eram copiados à mão e caros demais para que a maioria das pessoas pudesse ter acesso direto a um exemplar.

Não sabemos quase nada sobre a peça, ou mesmo se havia algo semelhante ao que chamamos de peça teatral ou teatro no antigo Oriente próximo.[1] Provavelmente não havia. Mas Jó parece ter sido escrito como se um narrador estivesse contando uma história e as pessoas estivessem lendo suas respectivas partes.

Podemos imaginar um livro que está sendo apresentado para uma plateia quase que da mesma maneira que uma novela de rádio era apresentada no século 20. Mesmo que todas as falas fossem lidas por uma mesma pessoa, continuava a haver um elemento de drama no ciclo de discursos. Muito provavelmente, eram apresentados por um leitor profissional ou contador de histórias semelhante às pessoas que ganham a vida com isso em muitos países hoje.

O livro de Jó seria diferente do que nós conhecemos como teatro, porque não há ação. O drama é encontrado nas ideias, na paixão e na lógica dos argumentos. O público é arrastado para dentro das questões, como num remoinho, à medida que o leitor dá expressão à frustração e agonia refletidas da situação de Jó e pelas várias maneiras de tentar fazer sentido de tudo o que estava acontecendo.

O gancho que atrai o público é o fato de que nós todos sofremos, e de vez em quando todos nós vemos exemplos de sofrimento que pensamos serem imerecidos, aleatórios, ou até mesmo cruéis. Todos nós lutamos com questões difíceis (ou tentamos não pensar nelas).

Os argumentos apresentados não são questões abstratas. É sobre mim. É sobre a perda do meu filho. Trata-se da família com dois filhos autistas que eu conheço. Trata-se de um marido que cuida da esposa que

está com leucemia. Trata-se do Deus que governa um mundo onde um homem justo, bondoso e piedoso é assassinado. E todos nós queremos saber a razão. Algumas pessoas querem acusar Deus, e outras querem defendê-lo, mas não sabemos por que ele permite que tais coisas aconteçam. E isso nos faz sofrer.

Então, queremos pular de nosso assento e discutir com esses homens. Como os críticos de cinema ou de rádio, não podemos apenas nos sentar e nos divertir com essa leitura do roteiro. Também queremos ter a nossa fala. E, às vezes, quando tudo fica próximo demais, queremos fugir.

As pessoas que ouviram essa peça pela primeira vez talvez a tenham considerado chocante. O sofrimento de Jó é indigno e confrontante. Os amigos tornam-se tão irritados que não conseguem nem falar. Há um jovem que se faz de tolo ao fazer um comentário quase cômico como que para prover um alívio depois de toda a tensão da discussão, bem a tempo de prepará-los para a fala do Senhor.

As coisas que são ditas parecem não apenas ir contra as crenças religiosas e os deuses da cultura local, mas até mesmo ridicularizam suas alegações. Como uma leitura dramática, Jó convida uma cultura pagã a repensar todas as coisas e desafia sua visão de mundo em cada ponto.

No livro de Jó encontramos referências a figuras que agora sabemos que são personagens míticos ou deuses pagãos, e que tiveram grande importância nas crenças e costumes de uma gama de pessoas no antigo Oriente Próximo. Ouvimos sobre Mot (morte), Behemoth, Leviatã, e as estrelas que cantam quando Deus estabelece as bases da criação. Vários oradores fazem alusão aos mitos antigos sobre Yam (o mar), Tanino, e Raabe, os monstros do mar. Há uma considerável utilização de imagens poéticas extraídas de vários entendimentos sobre o lugar dos mortos. Muitas dessas coisas são difíceis de entender, porque temos um conhecimento inadequado das diversas formas e evolução desses mitos, nas diferentes comunidades que os transmitiram ao longo de centenas de anos. O que está claro é que Jó e seus amigos estão expondo a verdade diante de alguns mitos temíveis. Nesse contexto, Jó e os outros estão determinados a apresentar Deus como muito mais poderoso, mais transcendente, bem como tendo total controle das coisas que os seus contemporâneos tinham em temor e reverência. É como dizer que o nosso Deus é maior do que o Super-homem, Alien, Predador, Godzilla, ou Rambo.[2]

Isso é teatro evangelístico e teologizar com paixão. A discussão começou na leitura pública do livro de Jó e tem continuado até aos nossos dias.

Nesse turbilhão de paixão e de ideias, crenças e medos, Jó firmou-se com unhas e dentes no que conhecia das "palavras do Santo", que eram as promessas e a declaração de Deus de que ele, Jó, era justo, e não as abandonou.

Nessa fornalha do sofrimento e da confusão, o entendimento de Jó estava no limite, e o que ele sabia o levou a descobrir coisas que ele não entendia.

Então, vamos descobrir um pouco mais sobre esse homem extraordinário.

O cenário

É possível que esse tenha sido o primeiro livro da Bíblia a ser escrito. Não há dúvida de que os acontecimentos descritos nele tiveram lugar antes de qualquer livro da Bíblia ter sido escrito. Imediatamente ficamos intrigados. Temos o texto integral da Palavra de Deus nas Escrituras – para Jó, não havia mais livros para vir. Esse homem, Jó, não tinha nenhum deles; então, em que base e com que recursos ele conseguiu passar por essas experiências sem pecar (Jó 42.7-8)?

A saga de Jó está provavelmente situada no período compreendido entre Abraão e Moisés, embora possa ainda ser anterior a Abraão. Sabemos que Jó viveu no "Oriente" (Jó 1.3), que se refere à terra a leste do rio Jordão. Poderia estar em qualquer lugar de Edom (Jz 6.3) ao norte da Síria (Harã, o lar de Labão, Gn 29.1). Ele veio da terra de Uz, e um jovem que se envolve nessa discussão, Eliú, era um buzita.

Sabemos de dois homens chamados Uz. O primeiro era um filho de Arã (Gn 10.23). A linha de sucessão da aliança não inclui Arã, mas segue a linha por meio de seu irmão Arfaxade (Gn 10.22, 24; 11.11-13). O segundo homem chamado Uz tinha um irmão chamado Buz, e esses homens eram sobrinhos de Abraão (Gn 22.21), filhos de seu irmão Naor. A pátria de Naor se chamava Arã-Mesopotâmia. Betuel, filho de Naor, era o pai de Labão e Rebeca e avô de Lia e Raquel. Uz e Buz eram irmãos de Betuel. Tanto Betuel como Labão são chamados de "arameus de Padã-Arã" (Gn 25.20; 31.20). É como se esses nomes como arameu

ou buzita pudessem ser usados para identificar um homem quer porque ele fosse descendente de alguém que originalmente tinha esse mesmo nome ou porque tinha vindo da terra que uma vez fora propriedade de uma família que trazia o mesmo nome. Muitas vezes descobrimos que mais de uma pessoa tem o mesmo nome. Assim, Uz e Buz têm um sobrinho chamado Arã. Embora seja possível que Jó tenha vivido antes de Abraão, a correlação dos dois nomes, Uz e Buz, empresta alguma probabilidade a um tempo entre Abraão e Moisés.

Por volta do século 6º. a.C., parece que os descendentes de Uz e Buz podem ter-se mudado para o sul, para a terra de Edom. Jeremias se refere a "os reis da terra de Uz" (Jr 25.20), em companhia dos filisteus, Edom, Moabe e Amom, e o povo de Buz (Jr 25.21-23), em sociedade com Dedã e Tema ao noroeste da Arábia. O livro de Lamentações localiza os edomitas na terra de Uz (Lm 4.21). Em Jó 1.15, 17, os invasores que roubaram os seus rebanhos e mataram os seus servos eram sabeus (árabes) e caldeus. Os caldeus eram um povo originalmente associados aos sírios, mas que, posteriormente, migrou para o sul da Mesopotâmia. Se a terra de Uz ficava em algum lugar perto ou dentro da área conhecida como Arã, a distribuição do gado e rebanhos parece bastante lógica. Cada um desses povos atacou os rebanhos e manadas de Jó separadamente. Por isso, é provável que alguns dos rebanhos e manadas de Jó possam ter sido desviados para as pastagens ao sul da Síria, ao longo do leste do Jordão, enquanto outros foram para o sudeste ao longo do vale do Eufrates. É mais difícil imaginar que todos tenham rumado para o norte a partir de um local em Edom estendendo-se ao longo de uma linha de tal distância.

Em ambos os casos, podemos estar razoavelmente certos de que, se Jó veio da terra de Uz, ele era descendente do sobrinho de Abraão com o mesmo nome, e que sua terra natal poderia estar localizada em qualquer lugar de Arã (norte da Síria) a Edom.

Os filhos de Jó viviam em casas e não em tendas, uma das quais, quando atingida por um "grande vento", caiu sobre seus filhos e os matou (Jó 1.19). Ele não era, portanto, um nômade, de modo que ele e sua família teriam de viver perto de uma fonte permanente de água doce. Sua posse da terra teria envolvido heranças e, possivelmente mais tarde, a compra. Sua atividade era a criação de rebanhos de ovelhas, camelos, bois e jumentos (1.3), o que exigia grandes áreas de pastagens e servos que se movessem com as vacas e ovelhas de um pasto para outro, possivelmente cobrindo distâncias significativas sobre um território que não

era propriedade de ninguém em particular, o que os tornava mais vulneráveis às invasões e ocupações das áreas.

Na zona cor-de-rosa

Isso coloca a linha de Jó fora da comunidade da aliança abraâmica. A Bíblia traça a linha da promessa de Noé até Jesus, observando, ao longo do caminho, que Deus eliminou vários ramos dessa árvore familiar (Cão e Jafé, Ismael, Esaú e, finalmente, as tribos associadas a José) para levar a Abraão, a Isaque, a Jacó, a Judá, a Davi e finalmente a Jesus. Tem sido comum, em algumas árvores genealógicas utilizadas para instrução em sala de aula, traçar essa linha em vermelho. Assim, alguns professores da Bíblia falam da linha vermelha que traça a promessa do evangelho de Gênesis 3.15 até Jesus.

Num gráfico como esse, poderíamos dizer que Jó está localizado na zona cor-de-rosa. Ele estaria fora, juntamente com Betuel, Labão e Ló.

Ao longo de todo o Antigo Testamento, nós somos repetidamente apresentados a exemplos da graça de Deus para pessoas que permanecem próximas da linha direta das promessas da aliança de Deus, mas que não estão nessa linha. Às vezes, somos pressionados a reconhecer que isso é uma questão de bondade ou, em alguns casos, podemos estar lidando com a graça salvadora. Podemos pensar em pessoas como Ló (Gn 19), a graça de Deus a Agar e Ismael (Gn 16.1-16), Labão e suas filhas (Gn 22-35) e, mais tarde, figuras como Rute, que era descendente de Ló. O sogro de Moisés era um "sacerdote de Midiã" (Êx 3.1) e parece que era bem aceito dentro da comunidade de Israel (Êx 18). Deus advertiu Moisés e os israelitas que não "molestassem" os edomitas porque eram "seus irmãos" (Dt 2.8-9; 23.7; cf. Nm 20.21). Davi enviou sua família para a segurança aos cuidados do rei de Moabe (1Sm 22.3).

E assim, conquanto a linha da promessa possa apontar-nos Cristo, aqueles adjacentes a essa linha parecem também ter chegado dentro dos limites da graça de Deus de várias maneiras. Quem sabe quantos mais deles serão encontrados na companhia do povo fiel de Deus naquele dia. O que está claro é que há graça, sim graça salvadora, para alguns que nasceram na zona cor-de-rosa, e Jó seria um deles.

O lugar de Jó na História

Podemos razoavelmente concluir que Jó viveu entre o tempo de Abraão e de Moisés. Chegamos a essa conclusão com base em várias indicações no texto.

Em primeiro lugar, não há nenhuma menção no livro do nome ou nação de Israel.

Em segundo lugar, nos dias de Jó, não havia sistema de sacrifício centralizado baseado na nação de Israel, localizado num tabernáculo ou templo e servido por sacerdotes descendentes de Arão. Em vez disso, encontramos as mesmas práticas que vemos em Gênesis, em que o patriarca, como chefe de sua família, agia como sacerdote para a oferta de sacrifícios e orações por sua família (Jó 1.5). Tal como os patriarcas, Jó poderia orar por pessoas que não pertenciam à sua família (Jó 42.8-9; cf. Gn 20.17).

Em terceiro lugar, o tempo de vida de Jó deve ter sido em torno de 200 anos. Ele viveu o tempo suficiente para se casar e formar uma família com filhos adultos, que por sua vez eram todos os casados, e que depois morreram. Depois, ele viveu mais 140 anos (Jó 42.16). Como tal, a vida de Jó é mais longa do que a de Moisés e as gerações depois dele e está mais de acordo com as dos patriarcas mais perto da época de Abraão. Segundo Gênesis 10, o tempo de vida das pessoas depois do dilúvio caiu rapidamente. Entre Sem e Pelegue, as pessoas viviam algo um pouco além de 400 anos. Com Pelegue, a idade vai cair de repente para menos de 250 anos, e à medida que nos movemos de Abraão a José, a queda continua constante. Assim, o avô de Abraão, Naor, viveu 148 anos, seu pai, Terá, 205, em seguida, Abraão morreu com 175 (Gn 25.7), Isaque com 180 (Gn 17.1), Jacó com 130 (Gn 47.9), José com 110 e Moisés com 120. O tempo de vida de Jó, portanto, o colocaria mais cedo e não mais tarde, durante o período patriarcal.

Em quarto lugar, além do livro de Jó, o nome Jó ocorre no Antigo Testamento somente em Ezequiel 14.14, 20, em que Ezequiel refere-se ao Jó bíblico. Fora da Bíblia, no entanto, o nome ocorre numa maldição egípcia do século 19 a.C. sobre o chefe de um clã palestino; numa lista de escravos do Egito do século 18, alguns dos quais tinham nomes semitas; em tábuas do século 18 de Alalakh e tábuas do século 16 encontradas em Mari; nas Cartas de Amarna, do século 14, e nos textos

ugaríticos do século 13.[3] Assim, podemos estar razoavelmente certos de que Jó viveu em alguma época entre 2000 e 1400 a.C.

E o nosso lugar

Vivemos numa época em que mais cristãos são perseguidos e mortos por causa do evangelho do que em qualquer outro momento na História. Há mais jós em montes de cinzas em mais países do que nunca. E, de várias maneiras, todos aqueles que depositam sua fé em Cristo terão de lidar com os mesmos problemas e desafios.

Aqui vamos descobrir, com Jó, mais da profundidade da graça de Deus para conosco em Cristo – que, por sua própria escolha, sofreu mais do que Jó para salvar-nos da crueldade e da dominação do pecado. No pior dos tempos, quando estamos emboscados e feridos, precisamos saber essas coisas, crer nelas e nos apegar a elas. E, assim, nos juntamos à plateia para aprender a sabedoria do evangelho segundo Jó.

Para reflexão adicional

1. Quais são alguns de seus "por quês" que você gostaria que Deus respondesse?

2. Que aspectos do evangelho você acha difíceis ou confusos?

3. Além da vida em si, o que é tão valioso para você que, caso você perdesse haveria a possibilidade de que abandonasse o seu apego a Cristo e ao evangelho? Onde a sua fé está vulnerável?

Parte um

Um tempo para clamar

2

A CENA NO CÉU

(1.6 – 2.13)



Provavelmente a melhor janela para o pensamento de uma geração seja a música ou os filmes que eram considerados harmoniosos por ela. O período de vida dos 12 anos de idade aos 25 parece ser o momento em que muitas questões são decididas e muito da vida está sendo moldado na forja. É útil ouvir a música da geração seguinte e conferir os filmes de que os jovens gostam, porque, por meio deles, podemos pegar o "vento" dos tempos.

No final dos anos 1970, tivemos uma onda de filmes com um herói que tinha que colocar-se fora da lei para fazer justiça e nos proteger. Nos últimos vinte anos temos sido submetidos às ondas de músicas e filmes que refletem a ideia de que somos vítimas de uma conspiração e que estamos essencialmente desamparados. Em 1986, o grupo de *heavy metal* Metallica[1] fez uma canção sobre o "Master of Puppets" [Mestre das marionetes] que controla a sua vida ao se instalar na sua mente e nos seus sonhos, deixando-o cego e fazendo-o gritar.

Desde então, tivemos muitos filmes sobre extraterrestres ou a Agência Central de Inteligência ou o Vaticano executando operações secretas para controlar o mundo. Minha cena favorita é a última em *Homens de preto*, quando a câmera faz um *zoom* por todo o sistema solar e através de todas as galáxias até que sai do universo para mostrar uma grande criatura de aparência estranha jogando bolinhas de gude. O nosso cosmos seria uma das suas bolinhas.

É assim que é? Somos pequenos seres humanos correndo ao redor do planeta Terra, como tantos insetos (o "lago com gosma não desenvolvido", como colocou o cara mau do filme *Homens de preto*), que vivem vidas desamparadas e sem sentido e que são controladas por seres que não podem ser vistos ou ouvidos? Estamos aqui para o divertimento de alguns seres entediados de outro mundo?

Essas ideias não são novas. Ideias semelhantes são encontradas nos mitos dos egípcios, assírios, cananeus, gregos e babilônios, tendo toda a dignidade das culturas antigas, relíquias arqueológicas, religiões exóticas e textos perdidos há muito tempo. Para o povo de Deus que viveu em tais contextos culturais, estes não eram filmes. Essas ideias eram a religião oficial apoiada por algumas pessoas amedrontadoras em posições de poder.

Como cristãos que têm a Bíblia como a revelação da Palavra de Deus, estamos em certa desvantagem quando entramos em discussão sobre essas coisas. Nós temos a Bíblia, e temos um Salvador ressuscitado, que veio ao mundo, morreu e voltou a falar conosco. Mas não temos o conhecimento em primeira mão do céu ou do que se passa ali. Não temos um quadro detalhado do que Deus está fazendo ou vai fazer ou por que ele faz o que faz na maioria dos dias da semana. A especulação pode preencher essa imagem muito rapidamente com algumas situações emocionantes que vendem montes de livros. Porém, na maioria das vezes temos que admitir: "Simplesmente não sei". Em determinado dia, essas coisas provavelmente não sejam tudo o que importa para nós, ou seja, até que a vida atinja o ventilador e os pedacinhos comecem a voar por toda parte. Assim, o nosso autor começa por dar ao público (mas não a Jó), as informações de que precisamos para que tudo o que está para acontecer faça sentido. Nós estamos por dentro da conspiração, e ele não.

Ato 1, cena 1.
Jó perante a corte (1.5)

Os sete filhos de Jó parecem estar desfrutando de um estilo de vida familiar idílico. No dia do aniversário de cada um (Jó 1.4; cf. 3.1, em que Jó amaldiçoa "seu dia" e passa a falar sobre o dia em que nasceu), toda a família se reunia para celebrar. Parece que essas festas duravam

uma semana (1.5). Então, apenas por precaução, Jó reunia toda a família e oferecia holocaustos para cobrir os pecados de todos. Aqui está o chefe da família convocando seus filhos para uma série de sacrifícios antes que eles retornassem para suas casas e labores. O tribunal de Jó é, então, uma cena do templo, um templo sendo um lugar onde Deus e os homens se encontram. Jó, aqui, é um sacerdote e mediador que representa a sua família diante do trono de Deus.

Ato 1, cena 2.
Deus convoca o tribunal de justiça (1.6-12)

A cena no céu é definida deliberadamente como um paralelo à cena na casa de Jó. Aqui nós temos Deus, seus filhos e aquele que parece ser um intruso.

Essa cena nos traz imediatamente alguma confusão, e, possivelmente, ao público original também. Quem seriam essas pessoas? Durante todo o antigo Oriente Próximo, temos uma gama de diferentes versões do que se pode ver na assembleia do céu. Por meio de uma série de tradições da Grécia até a Mesopotâmia, pode-se razoavelmente esperar encontrar uma assembleia de deuses com um deus tendo supremacia sobre os outros. Quaisquer outros seres que possam ser encontrados lá, são esses deuses que determinam o que acontece na terra, e com mais frequência do que se imagina, eles podem ser encontrados em todos os tipos de litígio uns com os outros.

Há várias passagens na Bíblia que fazem alusão a essa concepção pagã do céu. Muitas dessas passagens são difíceis de entender, e nós precisamos ter cautela e não tentar explicar essas dificuldades superficialmente. No entanto, há algumas coisas que devem ser esclarecidas. Quando os escritores bíblicos chamam os "deuses" para prostrarem-se diante do Senhor (Sl 97.7), isso não significa que eles estejam dizendo que haja muitos deuses no céu que precisam votar para eleger o Senhor e aceitá-lo como seu líder. Os homens que traduziram o Antigo Testamento para o grego antes de Jesus nascer parecem ter ficado incomodados por isso e outras passagens semelhantes (cf. Sl 8.5; 138.1); assim, traduziram a palavra hebraica para "deuses" como "anjos". Com o tempo, desenvolveu-se a prática de identificar os ídolos pagãos com

anjos, e então perceberam que estes deveriam ser anjos pecaminosos. Quando falta a informação, a especulação corre solta.

Há certamente um "exército do céu" (1Rs 22.19), incluindo os seres espirituais que não são humanos. Há seres chamados "anjos" e "espíritos" (Zc 6.5) ou "vigilantes / guardiões" (Dn 4.13, 17, 23). É difícil, em alguns casos, dizer se o escritor está se referindo à compreensão pagã do que há nos céus, ou se ele está afirmando que essa é a realidade. Mesmo quando temos a certeza de que o escritor está descrevendo a realidade, ser capaz de classificar ou saber se todas as criaturas relatadas são anjos é outra coisa. Poderia ser um grande salto afirmar que uma vez que os "filhos de Deus" podem aparecer no tribunal do Senhor, eles devem ser anjos.

Uma das coisas que acontecem no livro de Jó é uma sofisticada polêmica direcionada para tais crenças pagãs.[2] O autor de Jó faz uso pesado da mitologia e cultura de seu tempo para retratar o Senhor como o único Deus, criador e soberano sobre tudo o que existe na criação. Ele faz uso irônico de figuras míticas como Leviatã e Raabe para representar o Senhor como supremo, especialmente em Jó 38–41. Embora tendo o cuidado para não importar conceitos pagãos para a visão de mundo de Jó, precisamos admitir que algumas passagens em Jó são particularmente difíceis de entender, e em alguns casos é melhor adiar as nossas considerações na esperança de que surja uma luz maior.

Filhos de Deus

Entre as concepções pagãs de céu, encontramos uma tradição, bem representada na literatura ugarítica, que representa os "filhos dos deuses" como os espíritos dos mortos, também conhecidos como "refaim" (cf. Jó 26.5; Pv 21.16; Is 14.9). Esses espíritos são de algum modo associados a espíritos dos reis mortos. Ao longo de todo o antigo Oriente Próximo, os reis afirmaram que o seu direito de governar estava baseado em sua relação com um deus ou deuses. Às vezes, os encontramos afirmando que eles são deuses, ou se tornarão deuses quando morrerem. Mais comumente, acreditavam que eram filhos dos deuses. Contra essa vanglória arrogante e idólatra, os profetas bíblicos, ocasionalmente, falavam em termos carregados de sarcasmo e julgamento. Assim, as duas passagens muitas vezes entendidas como relatos das origens de Satanás,

Isaías 14.3-23 e Ezequiel 28.1-19, são profecias dirigidas à arrogância dos reis da Babilônia e de Tiro, respectivamente, que fizeram tais afirmações a respeito de si mesmos. A aceitação do rei Herodes do grito do povo de que ele era um deus resultou em sua morte pelos vermes (At 12.20-23), e relembra essa profecia (Is 14.11-12).

Quem são, então, os "filhos de Deus" em Jó?

Com apenas algumas exceções possíveis (Gn 6.1-4; Jó 1.6, 2.1), em toda a Bíblia "filhos de Deus" é sempre uma referência ao povo que crê em Deus – seu povo escolhido. Por volta do século 3°. a.C., surgiu uma seita judaica que via os anjos como "filhos de Deus" e ensinava que eram os principais causadores do mal na Terra. Essa seita é conhecida hoje como judaísmo enoquiano, e isso inclui os essênios, ou a seita dos Pergaminhos do mar Morto. Teria sido contra esse ensinamento que o escritor da Carta aos Hebreus fez a pergunta retórica: "Pois a qual dos anjos disse jamais, Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?" (Hb 1.5). Na vanguarda desse confronto está a compreensão do escritor da pessoa de Jesus como o Filho de Deus. No entanto, "os filhos do reino" são seres humanos, não anjos (Mt 13.36-43), como são os "santos" a quem o reino é concedido em Daniel 7.22, 27. De Adão (Lc 3.38) a Israel (Êx 4.22-23; Os 11.1) à herança de Davi (2Sam 7.14), a Salomão (1Cr 22.9-10) e até nós (Jo 1.12, 1Jo 3.1), o título refere-se aos seres humanos.

Não há dúvida de que em Jó 38.7 eles são seres míticos, sinônimo de estrelas, que são retratados como os que cantavam quando os fundamentos da terra foram lançados. Os judeus que seguiram os ensinamentos do 1Enoque tiveram problemas com esse versículo. No Targum aramaico a respeito de Jó que foi encontrado na biblioteca deles (11Q10 xxx. 5), as estrelas "brilhavam" em vez de "cantavam" e os "filhos de Deus" são "anjos", de acordo com essa maneira distinta em que os seguidores da tradição de Enoque desenvolveram sua versão da conspiração cósmica. Segundo o pensamento deles, os anjos eram os responsáveis pelo sol, pela lua e por tudo o que afetava as estações do ano e do calendário, e não idêntico a eles. O problema com a imagem em Jó 38.7, porém, é que de acordo com Gênesis 1 não havia estrelas (e, segue-se, presumivelmente, que não havia "filhos de Deus") quando os fundamentos da terra foram lançados, porque as estrelas não foram criadas senão no quarto dia. Jó está aqui emprestando outra imagem da mitologia pagã, como parte de sua polêmica contra os que temiam os poderes no céu ou no mar.

Era um conceito escandaloso, então, como o é em alguns círculos hoje, conceber os seres humanos tão perto do trono de Deus no céu. Quem traduziu o Antigo Testamento para o grego utilizou em sua tradução a palavra que colocava a maior distância possível entre Deus e os homens. Que o homem fosse o seguinte depois de Deus era chocante, e assim a afirmação do Salmo 8.5 foi alterada, colocando o homem como um pouco menor do que os anjos em vez de um pouco menor do que Deus, como afirma o texto hebraico (cf. Hb 2.7). Os escritores do Novo Testamento se mantiveram firmes a respeito dessa questão, com Paulo firmemente declarando que o povo de Deus iria "julgar os anjos" (1Co 6.3) e que os anjos são servos enviados por Deus para servir a nós (Hb 1.14) e, especialmente, ao cabeça da nossa aliança, Jesus.

Numa cena que lembra essa, o escritor da Carta aos Hebreus convida os cristãos a terem consciência de seu lugar nessa assembleia celestial. Sim, a assembleia celestial inclui anjos. Mas é preeminentemente uma assembleia diante do trono de Deus dos "primogênitos, arrolados no céu... aos espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.22-24). Na igreja da nova aliança o templo celestial e o terreno se fundiram – nós já chegamos ao monte Sião.

É particularmente significativo, então, que Jó 1.6-12 não mencione os anjos. O desafio de Satanás de fato não é apenas uma acusação contra Jó, mas contra todos os filhos de Deus presentes nessa assembleia. Jó é simplesmente a jurisprudência. Satanás está desafiando o direito de cada filho de Deus de estar diante do trono de Deus.

Satanás

Quem é esse "Satanás"? Aqui a imagem é muito vaga, e, possivelmente, deliberadamente. Nenhuma de nossas perguntas tem resposta. "De onde é que ele vem?"; "O que ele está fazendo na sala do trono de Deus, no céu?" Na verdade, no original hebraico, Satanás não é nem mesmo o nome dele aqui. Ele é "o satã", um título que significa simplesmente acusador ou adversário. Sem qualquer explicação, ele aparece do modo como o espião de um antigo rei pode chegar ao Tribunal de Justiça para apresentar um relatório sobre um funcionário corrupto. Ele funciona como um procurador e não tem um nome. Identificá-lo como Satanás ou o diabo exige mais revelações como as que vieram muito

mais tarde, como em Zacarias 3.1-7. Não nos é dito que a serpente no Jardim do Éden era Satanás senão em Apocalipse 12.9. É só com esse benefício da retrospectiva que podemos identificar "o satã" de Jó com aquele que tem o nome de Satanás, o diabo, ou alguns outros títulos na revelação posterior. Pode-se concluir que, para o autor de Jó, ele não era uma pessoa tão significativa – ou esse é um recurso polêmico para tratar o inimigo com desprezo?

O que sabemos de Satanás na Bíblia nos ajuda a dar sentido a essa cena – muito mais do que para o público original. Por razões de simplicidade, devemos, portanto, nos referir a ele como Satanás, tendo em mente que o fazemos com o benefício do conhecimento que temos do restante das Escrituras.

Sabemos que foi Satanás quem tentou Adão e Eva. Seu sucesso em Gênesis 3 transtornou a ordem do mundo de cabeça para baixo. Considerando que Deus era o proprietário, e o homem e a mulher dominavam o mundo sob Deus (Gn 1.28), agora o homem e a mulher haviam declarado sua independência de Deus e colocaram-se sob o domínio de um animal. Toda a humanidade a partir daí, tendo nascido no lado de Adão na guerra contra Deus, nasceu inimiga de Deus – menos Jesus. Nele finalmente encontramos um homem que entra no mundo sem pecado e por isso tem o direito de governar a terra. Esse homem tinha de enfrentar o mesmo desafio, e Satanás, para continuar no poder, teria de derrubá-lo.

Imediatamente depois de ser batizado com água e com o Espírito Santo, Jesus saiu para o que agora é significativamente o deserto e não o jardim, para enfrentar esse inimigo face a face. No decorrer desse encontro, ouvimos o inimigo fazer essa afirmação e oferta: "E, elevando-o, mostrou-lhe, num momento, todos os reinos do mundo. Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser" (Lc 4.5-6).

Jesus veio para tomar posse do reino de Deus. Ele veio para ser ungido (SI 2), e, em seguida, entronizado como rei no lugar de Adão (Rm 5.12-21). Ele é "o Filho do Homem" a quem Daniel viu, o qual subiu para o céu e foi entronizado ao lado direito do "Ancião de Dias" (Dn 7.13-14; At 1.9; 2.33). Para que ele tivesse um povo sobre o qual governar, teria de morrer na cruz para resgatá-lo. Na tentação no deserto, Satanás estava oferecendo um modo de Jesus obter o trono sem ir para a cruz. Eu ainda me delicio ao recordar Les Sloat, nosso professor de grego no Westminster Seminary, como ele deu expressão a essa resposta

contundente de Jesus a Satanás em Mateus 4.10, em que a palavra grega é "Hoopagay": "Perca-se!"

Nesse encontro, Satanás foi derrotado. Um homem tinha escolhido sofrer a fim de manter a sua fidelidade a Deus e, desse modo, comprar a justiça para todos os filhos de Deus. Esse mesmo ser chamado de "Satanás" ["o satã", no original hebraico] em Jó 1, nunca imaginou que algum homem iria fazer tal escolha. Em menor escala profética do sofrimento, Jó vai nos mostrar que o nosso Redentor iria fazer essa escolha.

Em seguida, ouvimos a respeito de Satanás nos Evangelhos, quando Jesus diz, quando do retorno dos setenta (Lc 10.18): "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago". Temos que esperar até Apocalipse 12 para aprender que, tendo falhado em matar o filho da promessa, Satanás foi expulso do céu. João nos narra as boas-novas de que "foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus" (Ap 12.10).

Isso significa que o perseguidor que falhou se tornará o vigilante que iria matar. A era da perseguição tem início, e essa é a última tentativa desesperada de Satanás para manter os reinos deste mundo para si (Ap 12.11-17; Dn 7.21-22, 24-27; 1Pe 5.8).

O primeiro caso de julgamento que ouvimos falar em Jó 1–2 termina com Jesus. Agora nós temos o direito de ser chamados filhos de Deus (Jo 1.12). Fomos justificados à custa do seu sofrimento e morte. Agora temos de enfrentar a besta em carne e perseverar e sofrer para ganhar o reino de Deus. E assim o modo da perseverança e a fé soam alto e forte por meio das páginas do Novo Testamento à medida que os autores dessas Escrituras começam a experimentar o que hoje conhecemos por perseguição global e intensa. Juntamente com esses que já o venceram, nós aguardamos o encontro final com Satanás, quando a corte celestial será novamente convocada e Jesus vai abrir os livros (Ap 20.11-15), justificar-nos e pôr fim ao nosso sofrimento.

Para reflexão adicional

1. Reflita sobre os filmes e as músicas que o tocavam quando você era adolescente. Por que aquelas canções mexiam tanto com você? Quais eram as perguntas, e quais as respostas que elas forneciam? Que respostas sua geração passou ou vai passar para a próxima?

2. Quais as melhores respostas da Palavra de Deus você tem agora para passar adiante? Com quem você deveria ter essas conversas?

3. Você fica intimidado quando fala a outros sobre o evangelho? Por quê?

4. O que você sabe sobre o que acontece conosco quando morremos? Você pode encontrar uma base para essas ideias na Bíblia, ou há um elemento de pensamento positivo misturado a elas?

5. Quanto do que você sabe ou pensa sobre Satanás pode ser encontrado na Bíblia?

6. Você sempre "acredita" naquilo que "imagina ser verdade"?

3

A PERGUNTA (1.6 – 2.13)



Coisas que encantam o coração de um pai: tenho quatro filhos agora já adultos. Se eu olhar para trás e me lembrar das coisas que faziam meu coração disparar, provavelmente os pontos mais altos foram quando eu pegava os meus filhos fazendo as escolhas certas, sem que eles imaginassem que eu os estava observando. A melhor das crianças, quando tem certeza de que sua mãe ou o pai está por perto, faz e diz as coisas que irão fazer os pais felizes, mas e quando o papai e a mamãe não estão por lá? Quais as escolhas que eles irão fazer, então? Que pensamentos eles expressarão? O que eles realmente pensam (Pv 20.6)? Geralmente é melhor não perguntar, e eles apreciam a dignidade da sua privacidade (Ec 7.21). Ainda assim, é quando eles voam sozinhos que descobrimos do que são feitos.

No livro de Juizes lemos que Deus deixou o povo de Israel entregue à sua própria consciência depois do êxodo e da conquista da terra. Não havia governo centralizado e nenhum policial para fazer cumprir a lei de Deus. "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21.25). Numa terra de liberdade total o coração do povo de Deus foi revelado, e o que se viu não era nada prazeroso. Como era de se esperar, eles rapidamente pediram para desistir de sua liberdade e quiseram um rei como tinham as outras nações, que lhes trouxesse a lei e a ordem.

Uma coisa é ser fiel quando aqueles que aplicam a lei estão observando. Outra é fazê-lo porque queremos. Nosso governo estadual decidiu há algum tempo definir o limite de velocidade colocando câmeras em pontos nas estradas onde havia uma alta incidência de acidentes de

trânsito. Essas câmeras registram a velocidade e a placa do veículo do infrator e fotografam o veículo no momento da ocorrência do delito. Elas também são colocadas nos semáforos para fotografar os carros que atravessam no farol vermelho. É fascinante dirigir nessas áreas e ver o tráfego reduzir em média para cerca de 10 quilômetros por hora abaixo do limite de velocidade, apenas para os motoristas terem certeza de que não serão multados. E, então, acelerarem novamente assim que alcançam o meio do cruzamento. As estações de rádio se divertem dizendo aos motoristas onde estão os radares móveis que medem a velocidade. Os resultados vão além da disputa – acidentes, ferimentos e mortes são reduzidos praticamente a zero nesses locais. O que aconteceria, então, se a lei fosse observada por todos porque estamos convencidos de que é a coisa certa a fazer e que salva vidas? E se nós não necessitássemos das câmeras, da polícia e das multas?

Satanás conhece muito bem a natureza humana pecaminosa. Ele tem muitas evidências para provar que, se deixadas por si mesmas, as pessoas fazem escolhas erradas. Sabemos também que o que é dito e feito na igreja no domingo, não necessariamente dura até a manhã da segunda-feira. Então Satanás vai para o tribunal com um argumento apoiado por um corpo de evidências – e ele não tinha sequer ouvido falar do período dos juízes!

Ato 1, cena 2 – continuação (1.6-12)

Quando Satanás se aproxima do trono de Deus, é Deus quem inicia a conversa com o que parece ser uma abordagem bastante ingênua. O público está familiarizado com o fato de que o Senhor sabe tudo e vê tudo (Pv 21.2, cf. Jr 23.24). Assim, por que ele pergunta: "Donde vens?" Essa aparente ingenuidade deve realmente enganar apenas um tolo. A pergunta é como um movimento num jogo de xadrez e, como tal, é uma tomada de posição. Mas por que o jogo? Não é uma aposta com um prêmio para o vencedor. Quem irá se beneficiar desse encontro? Deus não vai aprender nada que ele já não saiba. Satanás não vai mudar a sua posição, e Deus sabe disso também. Então, quem vai se beneficiar de tudo isso?

O encontro é a respeito de dois grupos de pessoas. O primeiro grupo somos nós – os filhos de Deus. Essa saga toda vai ser para o nosso benefício, para revelar-nos e ensinar-nos algo a respeito do evangelho. Somente quando participamos dessa série de acontecimentos e discussões, ainda que como leitores da narrativa, é que compreendemos e somos capazes de aplicar as coisas que Deus está aqui começando a nos dizer. E essas são coisas que nós precisamos saber para perseverar na fé e vencer. Esse é então um exercício de treinamento para todos os filhos e filhas de Deus.

O segundo grupo a se beneficiar é o público, não mencionado, mas no cenário celestial, composto pelo restante do exército celestial. Os membros da plateia celestial, que não estão necessitando de redenção, irão testemunhar do caráter do Deus do evangelho, e ele com o povo de Deus na terra e, finalmente, aqueles que ainda irão nascer, irão glorificar a Deus. E é aí que reside o segredo de tudo.

Num catecismo que desenvolvemos para os nossos filhos, inserimos a pergunta: "Por que Deus fez você e tudo o mais?" A resposta é "para sua própria glória" (versículo para memorizar, Ap 4.11). Essa resposta vem como um choque para as pessoas que descobrem que nem tudo é para nosso benefício. Em Ezequiel 20, Deus reprova um povo que pensava que ser judeu de alguma maneira era colocar Deus sob a obrigação de salvá-los. Ele lhes diz bruscamente por que os salvou: "O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado" (Ez 20.9). Esse ponto é reiterado mais sete vezes nesse capítulo de várias maneiras (Ez 20.14, 22, 26, 38, 41, 42, 44). Deus não comete idolatria e nos adora. Ele não existe por nossa causa. É totalmente o contrário – nós existimos para ele, colocados aqui para a sua glória. Mesmo seus inimigos foram criados para glorificá-lo. Tendo enfatizado a graça de Deus, mas ignorado tudo o mais sobre Deus, os cristãos enfrentam agora uma comunidade de pessoas que estão convencidas de que Deus, como todos os outros, é devedor a nós. Em última análise, não é sobre nós, mas sobre ele e sua glória. E a nossa salvação, nesse contexto, e apenas nesse contexto, é graça e não uma de nossas muitas liberdades civis.

É igualmente chocante descobrir que Deus, para demonstrar o que quer dizer, irá usar pessoas reais na História. Quando o Novo Testamento nos diz que essas coisas que aconteceram no Antigo Testamento foram "advertências" e "exemplos" para nós (1Co 10.6, 11; Hb 4.11, Tt 5.10-11, 2Pe 2.6, Jd 7) e que elas estão lá para nos ensinar, precisamos fazer uma pausa e atentar para a gravidade dessa afirmação. Qual o custo

dessas lições e revelações dadas a nós? Quantos tiveram de morrer para que nós aprendêssemos essas coisas? É isso que Deus quer dizer quando ele diz por intermédio do profeta Isaías (ver Rm 9.22-24): "Porque eu sou o SENHOR, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate e a Etiópia e Sebá, por ti. Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei, darei homens por ti e os povos, pela tua vida" (Is 43.3-4).

Como veremos, esse padrão continua até hoje quando o evangelho vem a nós mediante o sofrimento de muitos, e ainda continuará da mesma maneira. E Deus diz que vale a pena o sofrimento, porque ele vai trazer a salvação para muitos, e vai trazer glória para o seu nome.

Assim, olhando para Satanás, e, por assim dizer, um olhar astuto para a plateia, Deus inicia a conversa (Jó 1.7-8), com um "Donde vens?" E move-se rapidamente para colocar o foco em "meu servo Jó".

Hartley, em seu comentário, observa:

> O Senhor orgulhosamente chama Jó de *seu servo*... Os maiores líderes no Antigo Testamento receberam o título de *servos*, um título que indica que o próprio Deus reconhece os seus humildes serviços, os quais ele comissionou, como por exemplo, Abraão (Sl 105.6, 42), Jacó ou Israel (Is 41.8), Moisés (Êx 14.31), Josué (Js 24.29), Davi (2Sam. 7.5, 8), Isaías (Is 20.3) e os profetas (2Rs 9.7; Am 3.7)[1].

O que é notável a respeito desse homem, Jó, é que ele é "íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (Jó 1.8). Deus, por assim dizer, tomou o seu melhor homem para apresentar como isca, porque "ninguém há na terra semelhante a ele".

O testemunho de Jeová com relação à posição de Jó diante de Deus é fundamental para tudo o que se segue. Sem isso, o público ficaria sem outra opção a não ser ficar do lado dos amigos de Jó pensando nele como um homem vaidoso, cheio de justiça própria e, portanto, merecedor da desaprovação de Deus.

Foi assim também para aqueles que conheceram Jesus. A julgar por todas as aparências, ele era um galileu que foi preso, zombado, julgado e considerado culpado, açoitado e crucificado, e falhou ao não descer da cruz para derrotar seus inimigos. Ele morreu. Para aqueles que levavam as promessas messiânicas do Antigo Testamento a sério, não havia alternativa senão concluir que ele era mais um falso Cristo.

Mas Deus realmente falou e testemunhou a respeito de Jesus. Recordando as palavras de Isaías 42.1, a voz de Deus é ouvida em mais de uma ocasião (Mt 3.17, cf. 17.5) para dizer: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". A palavra para "filho", utilizada em Isaías 42.1 significa algo como a palavra "menino" e pode se referir a um servo ou um filho. O servo do Senhor, em Isaías, como está prestes a acontecer em Jó, é um servo sofredor (Is 52.13 –53.12). Mas ele também é "íntegro e reto" e tem a aprovação de Deus, e ele é o menino de Deus – seu Filho amado.

O desafio (1.9-11)

Satanás morde a isca. Ele é chamado justamente de "o acusador". Seu desafio é mais uma acusação contra Deus do que contra Jó. Como Anderson coloca isso:

> Com maneiras vulgares, ele se recusa a usar a cortesia convencional da etiqueta na corte que respeitava os pronomes pessoais para abordar um superior como "Meu senhor" em vez de "você" e usar o diferencial "seu escravo" em vez de "eu". O "tu" de Satanás é, portanto, um insulto. Aliás, essa é uma prova adicional de que Satanás não pertence ao círculo dos servos respeitosos de Deus[2].

Satanás está acusando Deus de ser mentiroso. "Deus" havia colocado uma cerca em torno de Jó. "Deus" o havia abençoado e lhe dado tudo. Essa colocação, em resposta à declaração de Deus de que Jó é inculpável e justo, é uma maneira velada de dizer que Jó não é nada disso. Segundo Satanás, Deus pode fazer tais afirmações, como fez, porque subornou Jó para ser aquilo que Deus queria que ele fosse. Então, Satanás convida Deus a retirar "sua mão" e tirar todas as bênçãos de Jó e em breve iremos ver que tipo de homem ele é. Com um sorriso de sarcasmo, Satanás conclui (Jó 1.11): "E verás se não blasfema contra ti na tua face". Os tradutores, corretamente, ao longo do tempo têm visto nessa expressão a expectativa oposta[3].

O desafio, então, é simples. Satanás está dizendo que ninguém do povo de Deus o ama mais do que ama a si próprio. O amor e a fidelidade

do povo por Deus não estão centrados em Deus, mas centrados neles mesmos. É tudo uma questão do que eles conseguem da parte de Deus. Ele está acusando Deus da execução de um desagradável esquema de proteção, em vez daquilo que Deus está afirmando que é, uma salvação baseada na graça evocando uma fé pessoal que tem integridade.

Para o crente, isso pode não parecer um grande perigo. Para o público original do livro de Jó, há um drama real nesse momento. A história das antigas famílias reais do Oriente Médio está coberta pelos cadáveres de filhos reais que foram denunciados a seus pais. O acusador entra na corte e sussurra no ouvido do rei que seu filho ou a esposa está tramando contra ele, ou que as declarações públicas que eles fazem de lealdade nada mais são do que produtos à venda pela melhor oferta. O acusador arrisca sua vida ao fazer tal afirmação. Se o rei se convencer que isso é verdade, então as cabeças rolam, e muitas vezes os partidários do acusador é que são os verdadeiros conspiradores que buscam o poder. Nos dias de Jesus, a família do rei Herodes era um viveiro de tais conspirações e acusações. O público nesse momento estaria consciente de que com essa acusação tudo está em jogo – não é apenas a integridade de Jó que está em questão, mas muito mais, a de Deus. Se agora Jó falhasse, todo crente seria considerado uma fraude.

O tema central do livro de Jó não é a justiça de Deus ao permitir que um homem inocente sofresse, ou se o poder de Satanás é maior que o de Deus, mas a integridade da fé salvadora e a credibilidade do evangelho. Existe tal coisa como a fé verdadeira? E se há, como é que ela irá responder quando emboscada por uma calamidade? No calor do momento, o verdadeiro coração é revelado. Certamente, se Satanás pudesse pegar Jó de surpresa, ele não bendiria a Deus. Não. A reação imediata seria tentar escapar. Talvez mais tarde, quando as coisas esfriassem e as emoções sossegassem, poderíamos obter uma resposta melhor, mas que teria sido ensaiada, e que poderia ser nada mais que uma atuação. Para conhecer o verdadeiro Jó, Satanás teria que pegá-lo de surpresa.

Assim, Deus envia Satanás atrás da isca, e ele é rápido no seu negócio. Observamos que ele age sob o governo de Deus. Não há dualismo aqui, não estamos lidando com dois adversários iguais competindo por um prêmio. Só Deus está no trono, e Satanás só age com a permissão de Deus e de acordo com o que serve aos propósitos de Deus. Como tal, a sua oposição a Deus o torna cada vez mais tolo.

Ato 1, cena 3.
Pele por pele (2.1-6)

Como um tolo que não aprende, Satanás não é facilmente desencorajado. As perdas de Jó e a rapidez e destreza com que as notícias dos acontecimentos chegam à sua porta não causaram o resultado previsto por Satanás. A resposta de Jó é fidelidade. Por isso, ele volta ao tribunal de Deus.

Mais uma vez, Deus apresenta uma atitude ingênua para um adversário ardiloso. Em aparente ignorância, ele pergunta novamente (Jó 2.2-3): "Donde vens?... Observaste o meu servo Jó?". É como se Deus tivesse perdido o ato 1, cena 3, e assim passamos por cima e ficamos com os acontecimentos no tribunal de Deus. O público, no entanto, não perdeu nada. A fingida ignorância por parte de Deus surte efeito provocando em Satanás um largo sorriso de vantagem. E assim é. É evidente que Deus sabe, e então ele muda rapidamente de humor e devolve a acusação para Satanás (Jó 2.3): "Ele conserva a sua integridade, embora me incitasses contra ele, para o consumir sem causa".

Embutida nessa resposta está uma acusação grave. Deus diz que a perda sofrida por Jó é injusta – é "sem causa". A responsabilidade por essa perda é agora colocada diretamente na conta de Satanás. Ele agora é responsável pelo que aconteceu e pelo que vai acontecer. Se Jó tivesse amaldiçoado a Deus, ficaria provado que Satanás estava certo e as coisas seriam diferentes. Porém, se a acusação falhar, o acusador leva a responsabilidade, por isso Satanás nesse momento está com um grave problema. Ou ele deve recuar em desonra e encarar as consequências, ou ele vai à forra para uma última cartada.

Matar Jó, no entanto, não resolveria a questão. Satanás precisa que Jó viva para tomar a decisão quanto a ser fiel ou não. Satanás apela agora e coloca todas as suas fichas sobre a mesa, e Deus concorda. Qual é o ponto máximo a que um homem pressionado pode chegar? Existe um preço que um homem não pagará para manter sua fé no Senhor? Certamente ele vai desistir de tudo para salvar sua própria pele.

Mais uma vez, Satanás é rápido para decidir sobre o seu negócio, e ele pode fazer isso apenas por ordem de Deus. É interessante que é só Satanás que cruza de um tribunal para outro. Também é interessante que a sua saída da presença do Senhor em Jó 2.7 é a sua saída do livro de Jó.

Somos deixados com duas perguntas. Em primeiro lugar, onde, então, Satanás está, e por que ele não retornou ao tribunal de Deus? Essa pergunta é respondida rapidamente. Ele falhou, e ele fez papel de bobo. Ele não voltou para a presença de Deus, mas desapareceu. Precisamos então lançar o nosso olhar ao longo do restante da Bíblia para ver onde mais ele vai aparecer.

Mas uma pergunta ainda mais intrigante aguarda a nossa atenção. Onde está Jesus em tudo isso? Onde está o nosso advogado (1Jo 2.1)? Onde está o advogado de defesa de Jó?

Poderíamos fornecer diversas respostas possíveis. Obviamente, é propósito de Deus resolver essa questão pela ação mais do que pela argumentação jurídica. Mas há outra realidade aqui. A acusação de Satanás não é finalmente rejeitada pelo tribunal até que Jesus o derrotasse em pessoa como um homem. Foi só depois de ele ter vindo em carne e ser ungido com o Santo Espírito Santo como o legítimo rei, e depois de resistir fielmente às tentações de Satanás, que esse caso foi resolvido. Deus escolheu tornar-se homem para sofrer, inclusive "pele por pele" e a própria morte, para redimir o povo de Deus e para ressuscitar os filhos de Deus. Sempre foi o plano de Deus resolver a questão por meio de ações em vez de argumento. E assim nós lemos (At 2.23, 32-33, 36):

> Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos;... A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis... Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

Agora, nosso advogado não precisa argumentar em defesa. O caso está encerrado. Agora, quando os santos são atacados, ele simplesmente levanta-se e coloca-se em pé (At 7.55-56), e todo o céu sabe que ele não vai negar aqueles que vão a ele (Jo 6.37), mas vai recebê-los como seus, e juízo e justiça estão prestes a ser feitos. Para nós, então, o assunto está resolvido no trono de Deus, e é nisso que reside a nossa segurança.

Para reflexão adicional

1. Quando você é deixado por conta de si mesmo, que atitudes ou desejos vêm à tona?

2. Tire algum tempo para voltar atrás e identificar as passagens nessa seção de Jó que possam ofender ou afastar as pessoas.

3. Além de Jesus, quantas pessoas tiveram de sofrer e morrer para que você pudesse ouvir o evangelho e ter a oportunidade de ir a Cristo?

4. Você ama o Senhor porque ele o salvou e lhe deu uma herança eterna, ou simplesmente por causa de quem ele é? Você o ama mais do que valoriza as coisas que ele lhe dá em Cristo?

5. Tire um tempo para ler os relatos dos Evangelhos a respeito da última semana de Jesus. Coloque-se, por assim dizer, ao pé da cruz, e diga-lhe como se sente.

4

A RESPOSTA: SABEDORIA



Uma emboscada funciona porque as pessoas são previsíveis. A menos que alguém seja treinado a ponto de reagir instantaneamente da maneira certa sem ter que pensar a esse respeito, a vítima fará exatamente a coisa errada. Numa emboscada, não há tempo para parar e pensar. Certamente não há tempo para se ler o manual. E assim é quando Satanás lança esse seu ataque. Quando ele sai da presença de Deus, vai se preparar para uma emboscada que será devastadora em suas múltiplas camadas de choque e força esmagadora.

Sabedoria é a habilidade de viver de maneira piedosa. É o resultado de ter sido treinado na piedade. A Bíblia compara essa formação com a do comerciante (Êx 31.1-11; cf. 1Co 3.9-10), a do mestre artesão. O escritor de Provérbios observou (22.29): "Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; não entre a plebe". Sabedoria diz respeito a ser capaz de fazer coisas com um alto nível de sofisticação. Conquanto o conhecimento constitua a base da sabedoria, a sabedoria está acontecendo quando o conhecimento é aplicado sem que se tenha que pensar sobre ela. É como a diferença entre apenas saber o que fazer para dirigir um carro, e realmente ser capaz de dirigir no tráfego urbano sem estar consciente do processo de condução. É algo que se tornou uma segunda natureza. Sabedoria é conhecimento mais a prática ao longo de uma série de experiências.

Jesus nos é apresentado no Novo Testamento como a personificação da sabedoria, não só em sua inocência, mas particularmente na sua capacidade de lidar com seus inimigos. Diante de escolhas impossíveis que lhe são apresentadas, Jesus vira o jogo com seus opositores

e os enreda por meio dos próprios argumentos deles (Mt 22.15-33, Mc 12.1-12). Aqueles que tentaram apanhar Jesus numa armadilha caíram eles mesmos numa emboscada, e isso publicamente. Hoje, as pessoas que interessam à mídia têm de aprender rapidamente as habilidades de lidar com as armadilhas das entrevistas. Todo cristão precisa dessas habilidades.

A rapidez e a suavidade das réplicas de Jesus não foram apenas para sua diversão. Aqueles que o seguem são justamente chamados "discípulos". Hoje, a palavra "discípulo" tem conotações religiosas. A palavra que traduzimos como "discípulo" era simplesmente um termo comum para um estudante ou um "aprendiz". Os discípulos de Jesus estavam lá para aprender suas habilidades, porque ele veio para acabar com nossa ignorância e insensatez e dar-nos de volta a sabedoria que Adão perdeu. Quando chegamos ao livro de Jó, chegamos como aprendizes e alunos de Cristo.

As reações de Jó aos ataques de Satanás são bem compreendidas como modelos de sabedoria que nos apontam para Cristo. Isso faz daqueles que se opõem a ele, especialmente Satanás, modelos de tolice. Então, quando vemos as cenas na terra, assistimos a um mestre de santidade em ação e algo das habilidades que precisamos aprender. E assim, voltamos ao Tribunal de Justiça de Jó.

Ato 1, cena 4.
A casa de Jó (1.13-19)

Encontramos Jó em sua casa recebendo mensageiros que trazem relatórios das diferentes extremidades da propriedade de Jó. Cada um vem de uma direção diferente, de modo que, em poucos minutos, ele é atingido por todos os lados com as notícias mais devastadoras. Cada anúncio é pior do que o anterior, atingindo um clímax verdadeiramente terrível.

O primeiro golpe vem dos sabeus, que roubaram os seus mil bois e quinhentas jumentas. Sabemos muito pouco sobre os sabeus no segundo milênio a.C., exceto que esse é um dos termos usados para identificar as tribos árabes que viviam ao sul de Edom. É interessante observar que os bois de Jó lavravam. Seu estilo de vida não era o de um nômade, e

ter quinhentos pares de bois disponíveis para arar os campos indica uma propriedade de grande extensão de terra. O assassinato dos servos, de modo semelhante, não foi um massacre de pequeno porte.

O ataque seguinte vem do céu. "O fogo de Deus" refere-se a um relâmpago. Algumas pessoas tiveram dificuldade sobre como um relâmpago pode matar sete mil ovelhas. Na Austrália, temos uma área de terra do tamanho do continente dos Estados Unidos, com uma população de vinte milhões de pessoas e duzentos milhões de ovinos. As ovelhas comem grama e prosperam em grandes áreas de pastagens férteis. Um relâmpago que atinja a grama seca da pradaria irá produzir um incêndio que pode se espalhar rapidamente, conforme o vento o conduzir. Esse fogo irá fazer que um rebanho de ovelhas se espalhe em pânico e vai exterminá-las. O mesmo também ocorreria com os pastores que estivessem a pé com elas. É uma coisa horrível de se ver. Numa situação de crise como essa, a segurança é encontrada em fazer exatamente o oposto daquilo que o instinto da pessoa manda em primeiro lugar. O único lugar seguro num incêndio é no terreno da grama que já está queimada. Assim, quando o fogo se aproximar, o melhor é acender outro fogo e deixar que corra, e à medida que ele se move, ande a pé atrás dele na terra queimada. Essa técnica simples tem estimulado muitos pregadores a ver um paralelo com a obra de Cristo, que morreu em nosso lugar. Quando dou o passo de fé e aceito Jesus como Senhor, entro em terreno queimado. A grama não pode ser queimada duas vezes, nem o pecado de uma pessoa ser punido duas vezes. Deus não pode e não vai dar sua sentença de fogo sobre Jesus e, em seguida, punir-me pelo meu pecado. Em Cristo, estamos em terra queimada. Infelizmente, aqueles pastores e as ovelhas não estavam.

O terceiro desastre é provocado por um "ataque surpresa" dos caldeus, que levaram três mil camelos de Jó e os servos que cuidavam deles. Quem são esses "caldeus" (*kasdim*) permanece um mistério. Eles não são o mesmo povo que conhecemos milhares de anos depois que estava localizado no sul da Mesopotâmia. Não temos registros de caldeus anteriores ao primeiro milênio a.C. Pode ser uma referência aos descendentes de Quésede, um dos sobrinhos de Abraão (Gn 22.22, Jr 35.11) de Arã. Esse ataque surpresa teria provavelmente vindo do norte, seguindo as fontes de água doce.

Cada um dos quatro desastres pode ter acontecido alguns dias ou mesmo semanas antes do dia em que a notícia chegou até Jó. A casa do filho mais velho provavelmente não ficava a mais de um dia ou dois de viagem da casa de Jó. É um aspecto essencial da estratégia de Satanás

aqui que as notícias de todas as quatro catástrofes fossem entregues uma após a outra, para não dar a Jó nenhuma oportunidade de juntar seus pensamentos ou tentar qualquer plano de ação. Era necessário que houvesse um sobrevivente de cada desastre para trazer a notícia, e que eles chegassem poucos minutos uns depois dos outros.

O último mensageiro trouxe a pior notícia. Dessa vez o ataque vem do deserto, do que parece ser um tornado. Toda a família de Jó, todos os seus filhos e filhas, estavam comemorando na casa de seu primogênito quando o vendaval os atingiu. A imagem da casa do primogênito sendo atingida de todos os quatro lados cria imediatamente uma imagem de Jó em sua casa, tendo agora recebido seu quarto e mais terrível golpe. Hartley observa:

> Essas quatro pragas revelaram a Jó que todas as forças do céu e da terra haviam se tornado hostis em relação a ele. Essa ideia é corroborada pelo fato de que as causas da destruição se alternam entre forças terrenas e celestiais provenientes de todos os quatro pontos cardeais: os sabeus do sul, os raios de uma tempestade ao oeste, os caldeus do norte e o traiçoeiro vento mediterrâneo soprando através do deserto para o leste[1].

O público tem a sensação de um homem cercado e seu mundo destruído.

A resposta de Jó: sabedoria exemplar (1.20-22)

Pode-se imaginar uma série de reações possíveis. Entorpecimento, colapso, descrença total, ou mais provavelmente uma tentativa enlouquecida de ir para a casa do filho na esperança de encontrar um sobrevivente – ou apenas para constatar se o relato era verdadeiro. Mas essa foi a quarta, não a primeira parte de notícia devastadora no espaço de alguns minutos. Assumindo que Jó conhecia, foi possível verificar a identidade e a confiabilidade das testemunhas que estavam diante dele. Pelo tempo que a quarta chegou, havia pouquíssima dúvida em sua mente de que os relatórios eram verdadeiros.

E então, o que ele diria? Será que Deus será a primeira pessoa em quem ele iria pensar? O nosso primeiro instinto é encontrar alguém para colocar a culpa. Seriam os filhos? Será que ele vai lamentar que eles estivessem festejando juntos ou se perguntar se eles tinham feito alguma coisa terrível para provocar esse desastre? Será que ele pretendia lançar uma operação de retaliação contra os sabeus e os caldeus? Será que vai culpar a pessoa que havia projetado a casa que havia caído sobre sua família? Será que culpará os servos por não terem protegido seus animais, ou a eles mesmos? Será que vai culpar a si mesmo? Nesse instante de silêncio chocado, as pessoas que estão ouvindo o relato prendem a respiração enquanto seus instintos começam a atuar. Antes de Jó falar, a emoção da plateia vai para várias direções diferentes, à medida que o narrador descreve o rasgar da roupa e o rapar do cabelo. E é contra essas respostas que ouvimos Jó abrir a boca e repelir a onda de choque (Jó 1.20-21): "Então Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou; e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!"

Isso foi o que ele disse. Ele disse exatamente o que Satanás previu que ele não diria. Em Jó 1.11, Satanás zomba disso como uma opção inacreditável. Era uma possibilidade que merecia apenas sarcasmo – um exercício de hipérbole. Mas Jó o disse. Jó bendisse o Senhor. Seu primeiro pensamento, a sua imediata reação automática foi a adoração.

Em 25 de julho de 1993, homens armados invadiram a Igreja Anglicana de St. James na Cidade do Cabo, África do Sul, e abriram fogo contra a congregação com armas automáticas, arremessando também duas granadas de mão no meio das pessoas. A carnificina foi horrorosa. Um membro da congregação voltou para a igreja, depois de ter corrido para levar sua esposa ao hospital, para contar a seus três filhos que ela havia morrido. Enquanto ele estava no edifício da igreja segurando seus filhos que tinham acabado de receber a notícia, uma câmera de televisão foi apontada em sua direção, e o jornalista perguntou se ele tinha alguma coisa a dizer. A transmissão foi ao vivo para toda a África do Sul. O Bispo Frank Retief, pastor sênior da igreja, relata o que aconteceu a seguir.

> Olhando no rosto de toda a nação da África do Sul, ele disse com lágrimas nos olhos: "Eu não sei quem vocês são. E eu não sei por que vocês fizeram isso. Mas vocês precisam

> saber que somos cristãos, e por amor de Cristo eu os perdoo e estendo a mão da reconciliação para vocês, e apelo a que se entreguem e tornem-se cristãos"[2].

Enquanto jornalistas das diversas mídias corriam entre o edifício da igreja e os hospitais, entrevistando outros cristãos dessa igreja, eles ouviram repetidamente a mesma resposta. Num país há muito tempo cheio de fúria horrenda, sofrimento e injustiça e gritos por vingança, essa cena levantou uma luz na escuridão que levou muitos a Cristo.

A diferença entre Jó e esse homem da África do Sul é que, para Jó, Jesus era uma promessa transmitida a ele ao longo das gerações. Para nós, a vida de Jesus e a de Jó fazem parte da nossa história, e temos o relato das testemunhas por escrito.

O narrador se vira para o público e anuncia com assombro (Jó 1.22) que "Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma".

Ato 1, cena 5 (2.7-10)

A segunda tentativa de Satanás é horrível. Várias sugestões já foram feitas sobre a natureza da doença de Jó. Essas tentativas são pouco mais do que especulação. Não precisamos de um diagnóstico para chegar ao que interessa. As descrições no livro de Jó são suficientes. Jó tem furúnculos e feridas dolorosos que cobrem todo o seu corpo (Jó 2.7). Ele trata essas feridas raspando-as com as bordas afiadas de peças de cerâmica quebrada (2.8). De início, seus amigos ou não o reconhecem ou ficam tão chocados que não o cumprimentam; qualquer uma dessas duas possibilidades seria coerente com o texto (2.12)[3]. Jó relata que suas feridas estão infestadas de larvas ou vermes, que ele está coberto de cicatrizes, que a pele é negra e descamada, que as feridas estão abertas e o pus escorrendo, e que ele tem febre (7.5; 30.30). Ele não consegue dormir por causa da dor, e sofre de pesadelos (7.4, 13-14). Para toda pessoa que tenha estado num hospital se recuperando de uma cirurgia dolorosa, a descrição de Jó de uma noite de dor (7.4; 30.17) é notavelmente realista. Ele lembra os rogos aos enfermeiros que não têm autorização para administrar mais analgésicos. Não está claro se a agitação que ele está enfrentando em seu estômago é emocional ou física ou ambas (30.27). Do mesmo modo, não podemos nos certificar de que a afirmação que sua

esposa faz de que seu hálito é intolerável é uma metáfora por ela o ter abandonado ou uma descrição da condição física dele (19.17). Talvez, dado o paralelismo poético com a linha seguinte, que nos diz que ele é "repugnante" para seus irmãos, é mais provável que seja metafórica. Ele perdeu uma quantidade significativa de peso e era "nada além de pele e ossos" na época que estava discutindo com os seus amigos (19.20). Emocionalmente, ele está confuso. Fala de estar aterrorizado e trêmulo (21.6). Está chorando, seu rosto está vermelho, e há bolsas sob os olhos (16.16).

Na extensão do sofrimento físico e na sua reação, Jó nos aponta para o que vai acontecer a Jesus.

Para os discípulos, o aspecto mais desconcertante do ensino de Jesus foi o anúncio de que ele ia ser entregue aos anciãos e príncipes dos sacerdotes e ser açoitado e crucificado (Mc 8.31, 9.12, 31; 10.33-34). Dadas as reações deles ao choque do anúncio, mesmo depois que foi repetido várias vezes, é altamente improvável que os discípulos tivessem sequer ouvido o restante do que Jesus estava dizendo a eles sobre a ressurreição. Eles parecem ter entendido alguma coisa do conceito do Messias ou Cristo (cf. Sl 2) – o herdeiro de Davi, que seria ungido rei e restauraria o reino de Davi. Cegos (Mt 9.27; 20.30-31) e até mesmo uma mulher cananeia (Mt 15.22) dirigiram-se a ele como "Filho de Davi", mesmo antes de sua entrada em Jerusalém, como o rei sobre o jumento (Zc 9.9; Mt 21.9). Jesus evitava o título de Cristo ou Messias, preferindo as referências mais enigmáticas ao "Filho do Homem" que Daniel viu em sua visão (Dn 7.13-14) de que seria entronizado como rei e tomaria de volta o reino e o daria ao povo santo do Senhor. Em nenhum lugar nesse esquema de coisas os discípulos poderiam ajustar a imagem de Jesus como o Messias, e muito menos como o Filho do Homem, sofrendo e sendo executado. Nem poderia qualquer pessoa que conhecesse o caráter de Jó esperar que pudesse acontecer com ele o que eles estavam vendo.

É significativo o fato de que encontramos Jó, uma vez que a doença o atingiu, imediatamente deixando a sua casa e sua comunidade e se mudando para o monte de cinzas da cidade. Para o leitor atual, isso não faz sentido. Por que, se você tem uma doença de pele, iria para o monte de cinzas da cidade? A pergunta parece ser ainda mais contundente quando aprendemos algo sobre a natureza desse lugar. Era ali que o lixo era queimado e também onde ficava o esgoto.[4] De acordo com a lei de Moisés, uma pessoa com esse tipo de doença seria levada para fora, ao campo, ou fora da cidade como impura (Lv 13.46). Era também o local

para onde as cinzas dos sacrifícios eram levadas (4.12, 6.11) e onde o culpado de blasfêmia era levado para ser executado (24.14). É descrito como um lugar que é cerimonialmente limpo (4.12). O que tornava o lugar limpo sob a lei mosaica era o fato de que ele estava fora do limite de habitação humana, e era um lugar onde a imundície era queimada. As cinzas remanescentes, então, eram limpas.

É de acordo com esse padrão e conjunto de princípios que encontramos Jesus sendo levado, em condição física semelhante à de Jó, para a execução (Mt 27.31-33). A essa altura, Jesus também era um homem desfigurado. A descrição de Isaías teria servido tanto a Jó como a Jesus.

> Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens). (Is 52.13-14)

O servo de Deus, em tais circunstâncias, "procederá com prudência". Na passagem de Isaías, há um duplo significado. A palavra traduzida como "elevado" pode significar tanto empalado ou promovido e colocado num assento de autoridade acima dos outros. Para Jesus, a exaltação e a glorificação tiveram início com sua prisão e sofrimento.

A esposa de Jó (2.9)

De todas as cenas, talvez essa seja a mais triste. Quanto mais um homem pode suportar? Ou uma mulher, quanto a isso? Quando a tragédia acontece, não é raro descobrir que uma das coisas que se rompem sob a tensão é o casamento. A morte de uma criança, o nascimento de uma criança com deficiência, ou um trauma a uma criança, muitas vezes, vezes demais, podem piorar quando a mãe ou o pai foge da situação. Para o cônjuge que fica, a tragédia é, então, intensificada, especialmente se a criança necessitar de cuidados contínuos. Aqui os filhos estão todos mortos, e o marido é aquele que está incapacitado.

É possível interpretar as palavras da esposa de Jó como um apelo patético para Jó desistir e morrer com a dignidade que lhe resta. Mais uma vez, a frase "bendito seja o nome do SENHOR" retorna. Ele já havia

bendito a Deus (Jó 1.21). Será que vai continuar a fazê-lo agora sob essas circunstâncias? Se fizer isso, o que virá em seguida? Enquanto viver, será que desastre após desastre o acompanhará até que ele finalmente morra ou renuncie à sua integridade? Não seria melhor acabar logo com isso? A linguagem dela pode ser um convite lamuriento para que ele desista, ou seria uma zombaria cruel e sarcástica sobre a integridade e o "bendito seja o nome do SENHOR" dele. Dada a probabilidade de que a referência à sua esposa em Jó 19.17 seja metafórica, parece provável que nesse momento ele perde o seu aliado e consolador mais próximo. Ela não reaparece no livro de Jó, e o fato de que Jó ainda irá ser pai de outros dez filhos provavelmente indique uma nova esposa (42.12-17).

A emboscada de Satanás está completa. Jó não está apenas chocado emocionalmente e fisicamente incapaz, mas também socialmente isolado. Ele está sozinho em seu monte de cinzas.

Se nos voltarmos novamente para Jesus, o cenário é semelhante. Seus irmãos não acreditam nele, mas zombando dele lhe pedem para ir para Jerusalém e ser visto e aclamado como Messias (Jo 7.1-8). Ele foi traído por alguém de seu círculo íntimo. Quando ele foi preso, os discípulos fugiram. Em seu julgamento, um dos seus discípulos mais próximos negou-o com juramento. As palavras do Salmo 22, das quais somente a primeira linha passou pelos lábios de Jesus na cruz, também poderiam ter sido cantadas por Jó.

> Mas eu sou verme e não homem;
> opróbrio dos homens e desprezado do povo.
> Todos os que me veem zombam de mim;
> afrouxam os lábios e meneiam a cabeça.
> Confiou no SENHOR! Livre-o ele;
> salve-o, pois nele tem prazer...
> Derramei-me como água,
> e todos os meus ossos se desconjuntaram;
> meu coração fez-se como cera,
> derreteu-se dentro de mim.
> Secou-se o meu vigor, como um caco de barro,
> e a língua se me apega ao céu da boca;
> assim, me deitas no pó da morte. (Sl. 22.6-8, 14-15)

Não há dúvida de que isso é suficiente para que um homem quebre. A acusação de Satanás depende das palavras seguintes de Jó.

A segunda reação de Jó

Uma vez mais, no caso de você ainda não acreditar: a resposta é tão profundamente enraizada quanto é espontânea. "Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?" (Jó 2.10). E o narrador anuncia de novo o triunfo: "Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios".

O caso de Satanás está perdido. Ou não?

Quando a emboscada não funciona, a escolha é romper contato e retirar-se, ou pôr mãos à obra e começar uma batalha por meio de desgaste. Satanás não está disposto a desistir.

Ato 1, cena 6 (2.11-13)

Nesse ponto, Satanás já desapareceu do livro de Jó. Sua função é assumida por homens que se reúnem com o que parece ser o melhor dos motivos, mas eles vão passar a ser mais parecidos como um ajuntamento de abutres.

Esses homens vêm para consolar. Eles devem ter ouvido as notícias, e dada à associação de seus nomes e seus locais de origem com a terra de Edom, afigura-se que podem ter vindo de muito longe.

Se há uma ligação entre esses homens e Edom, então essa ligação possivelmente nos leve de volta até a hostilidade entre Jacó e Esaú, passando pelos ataques edomitas a Israel e a Judá, pela profecia de Obadias, pelo incêndio de Jerusalém em 586 a.C. (SI 137), e pela família de Herodes com a primeira tentativa de assassinato de Cristo (Mt 2) e, por conseguinte, eles têm uma parte no julgamento de Jesus (Lc 23.11).

O silêncio desses amigos se conecta com o silêncio nesse momento de Satanás. Tal como acontece com a cena da crucificação de Jesus (Mt 27.45-46), há uma pausa de silêncio antes que a voz de Jó exploda em dor e clamor a Deus. Ambos são justos. Ambos são homens de sabedoria que respondem das profundezas de uma fé que tem integridade inabalável. Mas eles também são os homens que sentem a dor e o horror de suas circunstâncias.

Quando as pessoas leem o livro de Jó e querem acusar Deus de ficar sentado no céu, jogando seus jogos cruéis com seu povo, elas fariam bem em olhar para trás e para frente entre Jó e Jesus. Este Deus não é um

deus grego ou babilônico vivendo no céu e jogando com os pobres seres humanos. Este é o Deus que se tornou homem e sofreu em nosso lugar.

O Deus que acossa Satanás está preparando o seu povo para compreender não só o sofrimento de Jó, mas também o seu próprio, quando ele vem para salvar seu povo, e, em seguida, o deles mesmos, que são chamados a segui-lo e espalhar a boa notícia do que ele vai fazer.

Para reflexão adicional

1. Você é um aprendiz de Jesus? Em caso afirmativo, quais são as competências que você está trabalhando em seu foco e desafio atual?

2. Você já experimentou ou testemunhou alguns "momentos de Jó" – quando várias notícias ruins o atingiram uma após a outra? Compare suas reações com as de Jó.

3. Como Deus o está preparando para desafiar a sua fé?

4. Você consegue discernir a mão de Deus nas suas circunstâncias atuais?

5. Se a sua fé sofresse uma emboscada, neste momento, onde deveria ocorrer o ataque para que fosse bem-sucedida?

5

Clamando no silêncio

(2.13 – 3.26)



Foram sete dias de silêncio (Jó 2.13). Alguns comentaristas sugeriram que talvez fosse uma exigência social local para os visitantes que não se presumia que falassem até que seu anfitrião começasse a conversa ou os convidasse a fazer isso.[1] Qualquer que tenha sido a razão, esse teria sido um silêncio ensurdecedor e agonizante. Toda pessoa que tenha passado uma noite à cabeceira de alguém que está morrendo sabe quanto o silêncio é terrível. Não há nada a fazer ou dizer que seja apropriado ou útil durante esse tempo. E isso pode ser terrível. Certamente, para os amigos que chegaram, essa foi a experiência deles.

Rugindo e bramando – a explosão das paixões

O silêncio, no entanto, é quebrado com uma ainda mais terrível e súbita explosão de ruído quando Jó finalmente expressa seus sentimentos em palavras. Jó fala de seus "suspiros" e seus "gemidos": "Por que em vez do meu pão me vêm gemidos [*anakhah*], e os meus lamentos [*sha'agah*] se derramam como água?" (Jó 3.24)

Algumas versões trazem uma tradução atenuada e eufemística das palavras que Jó usa aqui. "Rugindo" e "bramando" parecem ser os significados mais próximos do texto original. O primeiro termo é utilizado para o rosnado ou rugido do leão, bem como para a voz do Senhor

quando ele vem em julgamento. O segundo termo é usado para descrever aquele que está chorando, ou, mais provavelmente, berrando, à noite, em luto ou arrependimento pelo pecado.[2]

Este é um momento para manifestar uma preocupação com a prática de algumas das nossas traduções mais populares da Bíblia, que parecem perpetuar um sentimento de superioridade britânico, por meio de uma bem-educada e bem-intencionada censura da Bíblia. Quando as emoções estão em alta no original, os tradutores tendem a restringi-las; onde as coisas se tornam muito explícitas para uma leitura da Bíblia num domingo de manhã ou num culto da família, eles tentam suavizar as expressões. O resultado pode dar a impressão de que ao nosso Deus e ao evangelho estão faltando paixão ou realidade, quando não é esse o caso. Essa tendência pode ser vista na maneira como a linguagem de Jó tem sido suavizada nas várias traduções.

Talvez seja útil olhar para outras passagens em que esses termos são usados. Assim, para *anakhah* – "suspirando", encontramos:

> Cessa o bramido do leão e a voz do leão feroz, e os dentes dos leõezinhos se quebram. (Jó 4.10)
>
> Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido? (Sl 22.1)
>
> Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. (Sl 32.3)
>
> Na tua presença, Senhor, estão os meus desejos todos, e a minha ansiedade não te é oculta. (Sl 38.9)
>
> O seu rugido é como o do leão; rugem como filhos de leão, e, rosnando, arrebatam a presa, e a levam, e não há quem a livre. (Is 5.29)
>
> Tu, pois, lhes profetizarás todas estas palavras e lhes dirás. O SENHOR lá do alto rugirá e da sua santa morada fará ouvir a sua voz; rugirá fortemente contra a sua malhada, com brados contra todos os moradores da terra, como o eia! dos que pisam as uvas. (Jr 25.30)

E para *sha'agah* "gemidos".

> Como geme o gado! As manadas de bois estão sobremodo inquietas, porque não têm pasto; também os rebanhos de ovelhas estão perecendo. (Jl 1.18)
>
> Estou cansado de tanto gemer; todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago. (Sl 6.6)
>
> Os meus ossos já se apegam à pele, por causa do meu doloroso gemer. (Sl 102.5)

Não se trata de um suspiro de lamúria. É o uivo arrasador de um homem em dor, derrubado pela tristeza e, no caso de Jó, oprimido pela ansiedade também (Jó 3.25). Essas explosões dificilmente são consideradas dignificantes – mas o caso é que um homem nesse estado dá pouca importância à sua dignidade.

Nunca se pode realmente estar preparado para as experiências de tristeza ou dor. Quando meu pai morreu, ele morreu sozinho numa cama de hospital vinte minutos antes de eu conseguir chegar lá. O restante da minha família foi chegando durante a meia hora seguinte. Devo ter passado dois ou três dias abraçando pessoas e ajudando a organizar o funeral e essas coisas necessárias, como se deve fazer. Quando me sentei ao lado do caixão sozinho, à espera da família, era como se nada tivesse acontecido, de certo modo. Ele vinha sofrendo com câncer, e nós sabíamos que não passaria daquela semana. Mas foi estranho porque eu não rompi em choro e também não sentia nada. As ocupações dos próximos dias e o luto de todos os outros da família significavam que não sobrava muito tempo para refletir sobre as coisas. Quando pude refletir, eu me perguntei se havia algo errado comigo. Eu amava aquele homem com carinho, e eu ainda sinto falta dele enormemente. Foi somente alguns dias depois, quando eu estava sozinho em casa, que de repente estourou a barragem. No entanto, não foi só um choro. Foi mais como uma erupção vulcânica. Tive de conter a minha voz, porque seria ouvido a várias casas de distância – e também não havia como controlar o que estava subindo da sola dos meus pés e explodindo no meu rosto. Lembro-me de olhar para a mesa da sala de jantar e me lembrar de que não seria uma boa ideia arrebentá-la com um soco. Eu queria bater em alguma coisa – lutar contra alguma coisa. Mas meu cérebro me disse que não havia

contra o que lutar. Havia apenas a dor e a perda, que não poderiam ser desfeitas. A explosão não durou mais de quinze minutos – e não acredito que meu corpo poderia ter suportado mais tempo. Gritei como o restante da humanidade faz quando, em algum momento de nossa vida, a agonia das realidades deste mundo caído nos esmaga.

Tenho também muitas lembranças das vacas berrando, de quando passei umas férias idílicas na fazenda de meu tio, quando criança. Um dia nós chegamos à casa vindos da cidade com uma hora de atraso para a ordenha. Lá, empurrando contra a porta do estábulo da ordenha, estavam as vacas – úberes inchados e, obviamente, alguma dor. Todas as mãos puseram-se a trabalhar para colocar as máquinas em ação. Mas a visão de setenta vacas Jersey berrando é algo que não se pode esquecer com facilidade. As costelas convulsionavam; em seguida, a cabeça se encaixava numa posição horizontal em linha com a medula espinhal, o nariz levantava-se para entrar em linha, e como um foguete disparado de um tubo largo, o fole explodia em todo o cercado e ecoava através das colinas. Que barulho!

E assim encontramos Jó – sete dias de silêncio, e depois o vulcão entra em erupção. E o público prende a respiração. Ele irá amaldiçoar a Deus? Na reação de fúria, ele vai proferir a blasfêmia que vai fazer de Deus um mentiroso e provar que Satanás estava certo? Um homem consegue apegar-se à sua fé e continuar a adorar Deus em tal hora, nessa condição enfraquecida e desesperada?

Não consigo evitar que minha mente se volte para Jesus – não apenas para o seu próprio sofrimento na cruz também. Provavelmente, nosso mais íntimo vislumbre do aspecto emocional de Jesus pode ser encontrado em João 11. Ali, não é Jesus quem está sofrendo e morrendo, mas seu amigo Lázaro. No início, poderíamos perguntar se Jesus é um amigo frio e insensível, porque ele deliberadamente esperou até que Lázaro estivesse morto antes de sair para responder ao apelo das irmãs para ajudar. Ele queria ensinar a eles, seus discípulos, e a nós, que ele iria ressuscitar os mortos. Ele também queria preparar os seus amigos para o choque que estava vindo na direção deles, quando ele morresse e eles teriam de lidar com o sofrimento de uma maneira nova.

Creio que qualquer um de nós que soubesse que seria capaz de dizer uma palavra e ressuscitar os mortos se aproximaria do túmulo de um amigo morto com certa confiança e sem qualquer emoção mais forte, exceto talvez um sentimento de triunfo e alegria. Jesus não era assim.

Quando ele desce da montanha e vê as pessoas lamentando, o seu vulcão emocional entra em erupção. É-nos dito:

> Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se. (Jo 11.33)
>
> Jesus chorou. (Jo 11.35)
>
> Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo. (Jo 11.38)

As palavras transmitem uma imagem de emoções poderosas.[3] Jesus não apenas derramou uma lágrima solitária. Nem estava perturbado pelas pessoas que estavam chorando pelo morto. Nem teve empatia por elas. A palavra traduzida como "agitando-se novamente em si mesmo" não é comumente usada no Novo Testamento. Ela descreve uma emoção mais próxima da raiva ou gravidade do que tristeza lamentável (cf. Mt 9.30; Mc 1.43; 14.5). No grego clássico, é usada para o resfolegar dos cavalos. Há, ainda, no original, um segundo termo, que é usado para o borbulhar da água fervendo, que é uma descrição apropriada de uma explosão emocional. Muitos comentaristas querem salvar Jesus de qualquer demonstração de ira ou severidade e sugerem que aqui ele está contrariado com as pessoas que estavam chorando. Porém, Jesus não se dirige a elas. Em vez disso, ele imediatamente vai para o túmulo e, por assim dizer, vai para a batalha contra a própria morte. Com o poder da Palavra de Deus, pelo qual toda a criação veio à existência, ele ordena a Lázaro, morto há muito tempo, que saia – o que ele faz. Parece que a própria morte é o objeto da explosão emocional de Jesus e que sua emoção e sua ação estão de acordo com isso.

Como um amigo que está ajudando uma família piedosa que tenha sido esmagada pela dor, Jesus está longe de ficar em silêncio. Do mesmo modo, quando foi a sua hora de berrar na cruz, as palavras do Salmo 22 não procederam de seus lábios como um suspiro de desalento, mas como um grito sufocado. Aquele que está nos céus decide enviar Jó para nos ensinar o evangelho e nos estava preparando, como Jesus fez aos seus discípulos, para o sofrimento final – que ele sofreria em nosso lugar. Uma coisa é lamentar a tragédia que atinge um amigo próximo ou ente querido. É muito pior quando você sabe que é por causa do seu pecado que ele sofreu. Assim, ele prepara seu povo para estar ao pé daquela cruz

e pela fé reconhecer aquele que morreu em nosso lugar, e sentir o peso do que ele fez por nós.

Opções indisponíveis

Passando do sofrimento para o conteúdo do grito lacerante de Jó, estamos diante de um conjunto de questões semelhantes. Seu monólogo move-se progressivamente através de três alternativas igualmente impossíveis que Jó considera mais desejáveis do que a sua vida até então. Em primeiro lugar, ele deseja que não tivesse nem mesmo nascido, nem mesmo sido concebido (Jó 3.3-10); em segundo lugar, que ele tivesse morrido no útero (3.11-19); e, terceiro, que todos aqueles que sofrem pudessem ter permissão para morrer rapidamente (3.20-26). Durante todo esse desabafo, é significativo que ele não tivesse nem amaldiçoado a Deus e nem mesmo levantado a possibilidade do suicídio como uma opção.

Embora os desejos de Jó sejam expressos em linguagem vívida e altamente poética, seu conteúdo é simples. Esses desejos são todos muito familiares. E eles são igualmente inatingíveis. No entanto, ao expressar esses desejos, Jó está sendo fiel. Sua fidelidade está no fato de que ele não ultrapassa os limites que Deus colocou para ele e, portanto, não faz por si mesmo o que Deus não vai fazer. Há uma linha muito tênue entre querer morrer para fugir da dor e, quando Deus não age, a pessoa tirar a própria vida. Essa fé, conquanto expresse alguns desejos chocantes e terríveis, escolhe o caminho mais difícil. Há uma analogia entre o suicídio e a ação de Abraão ao levar Agar para a cama para conceber Ismael (Gn 16; Gl 4.21-31). Por trás de ambas as ações está a escolha de colocar nossos próprios desejos em ação no momento, em vez de aceitar o que Deus prometeu e planejou e esperar por isso.

É um chamado difícil. Nenhuma pessoa em sã consciência iria escolher o sofrimento se este pudesse ser evitado. Nesse ponto, surge uma batalha entre o que se sabe do caráter de Deus no evangelho, por um lado, e nosso próprio pensamento desejoso por outro. Aqui é preciso ter cuidado com o que dizemos às pessoas e sobre as pessoas. Alguns anos atrás, recebi uma ligação de um amigo que sofria há quarenta anos com paralisia cerebral e espasticidade dos músculos. Ele vivia num permanente estado de cãibras musculares e dor. Aos 12 anos de idade, ele

havia pego sua bicicleta e saído para um passeio e foi atropelado por um ônibus, ficando permanentemente inválido. Ele havia se convertido a Cristo e estava lutando para encontrar seu caminho na fé. Mais cedo, nesse dia, havia assistido ao funeral de uma senhora que havia conhecido – uma senhora que professara a fé em Cristo – que se suicidara após um divórcio conturbado. No funeral, o pastor havia feito uma pregação extensa, aparentemente numa tentativa de consolar a família, descrevendo como ela já havia encontrado a paz nos braços de Cristo. Então, meu amigo me perguntou se, se ele fizesse a mesma coisa, acordaria na glória. A opção para ele era tentadora, mas só se pudesse ter certeza de que era verdadeira.

Na minha resposta, contei a ele de uma amiga em comum que havia tomado uma overdose e, pela graça de Deus, fora descoberta inconsciente e levada para um hospital na hora certa. Ela era crente e continua a professar a sua fé em Cristo. Quando me sentei ao lado dela, fiz-lhe a pergunta: "Por quê?", ela respondeu que só queria ir para estar com Jesus. Perguntei se ela achava que jogando fora a vida que ele havia lhe dado, por meio da sua própria morte, ela iria encontrar-se num lugar melhor, e não pior. E ela estava muito certa de que parecia correto jogar fora toda sua eternidade. Desnecessário dizer que ela ficou com raiva de mim – mas vinte anos depois, ainda está viva!

Por trás da escolha de morrer deve haver a crença de que o resultado será melhor do que a experiência atual, e que a morte é melhor que a vida.

Jó expressa aqui todas as coisas que dizem respeito ao que ele conhece da morte que faz com que pareça ser a melhor opção. Essas descrições retratam a morte como total aniquilação ou, na pior das hipóteses, como uma espécie de repouso inconsciente (Jó 3.13, 17-19). Não há céu ou inferno em sua descrição. E é aí que reside o apelo. Em face da dor e sofrimento insuportáveis, deixar de viver parece ser muito melhor. Então, por que ele não deu o passo seguinte lógico?

Em toda a Bíblia, o suicídio nunca é apresentado como uma opção para o crente. Pelo contrário, é o incrédulo quem escolhe o suicídio para escapar de ser morto pelos inimigos (cf. 1Sm 31).[4] Escolher viver enquanto se deseja morrer é uma coisa (ver Jr 8.3; Ap 9.6). Tomar a questão em suas próprias mãos, é outra completamente diferente. Dado o estado mental de Jó, deve ter havido algo mais na sua compreensão da realidade que o impediu de dar esse passo. Não parece haver qualquer indicação de que ele compartilhasse a visão de Paulo (Fp 1.21-26). No

entanto, o que era verdade para Paulo era também verdade para Jó, quer ele compreendesse ou não. E é aí que está o elemento da fé como a certeza das coisas que nós ainda não vemos (Hb 11.1), ou mesmo entendemos. Até esse ponto, a única certeza que Jó manifestou foi sua confiança no poder e na justiça de Deus.

A fidelidade de Jó em perseverar com os planos e propósitos de Deus seria recompensada, não só com o restabelecimento da sua vida e as bênçãos acompanhantes, mas também com a descoberta de que havia mais nos planos de Deus e nas promessas do que ele havia sonhado.

O que Satanás disse inicialmente foi que a cerca de proteção de Deus em torno de Jó agora parece a Jó como um muro de prisão, que o mantém dentro de uma vida que ele deseja que estivesse acabada (Jó 3.23, cf. 1.10).

Ansiando pelo descanso de Deus

No final do seu desabafo, Jó clama por "descanso" e "sossego" (Jó 3.26). No meio desse tumulto, ele não consegue ver descanso, mesmo em seu horizonte; no entanto, ele está lá. Quando Noé nasceu, seu pai profetizou (Gn 5.29) que "Este nos consolará [nos dará descanso] dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o SENHOR amaldiçoou". Josué liderou Israel a um modelo desse descanso, como a nação que tomou posse de uma terra que era um modelo da outra criação. Esse descanso Jesus nos trouxe por meio da cruz. E pela fé, crendo e perseverando, entramos nesse descanso. E foi essa fé – essa fé perseverante, mesmo com o magro corpo de conhecimento revelado a Jó – que fez que Jó não desistisse do caminho de Deus e seguisse por conta própria. A fé salvadora é a fé que tem como conteúdo o evangelho e as promessas de Deus em Cristo e não desiste (Hb 4.14-16), assim como Jesus não desistiu, mas optou por suportar o plano de Deus em sua própria carne, para comprar esse descanso para nós.

> Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não

fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. (Hb 12.1–2)

Para reflexão adicional

1. Dada a qualidade de vida de Jó e seu desejo de morrer, que orientação Jó nos fornece, caso venhamos a sentir tanta dor e sofrimento?

2. Passe algum tempo trabalhando com os paralelos entre o uso que Abraão fez de Agar (Gn 16; Gl 4.21-31) e o suicídio.

3. Será que estamos apresentando com precisão para um mundo perdido os aspectos emocionais de Jesus, ou estamos apenas imaginando o que estava acontecendo em seu coração? Como os escritores dos Evangelhos retrataram os sentimentos e paixões dele?

4. As nossas emoções estão em sintonia com as de Cristo quando lidamos com nossas alegrias e dificuldades?

Parte dois

Um tempo para pensar

6

Apegando-se ao evangelho



Meus alunos sempre perguntam como as pessoas que viveram antes de Jesus nascer poderiam ter sido salvas. Eles também perguntam se as pessoas que morreram sem nunca ter ouvido o evangelho seriam salvas. Minha resposta pronta à primeira questão é que as pessoas que viveram antes de Jesus nascer foram salvas por acreditarem na promessa do Salvador que haveria de vir. Nós, que nascemos depois, somos salvos pela fé no próprio Salvador, que agora temos. Como apoio, eu cito Hebreus 11.24-26.

Em resposta à segunda pergunta, eu os remeto a Romanos 1.18 – 2.16, e minha resposta é não. Todos os que são feitos à imagem de Deus sabem que Deus existe. Sabemos também que ele é infinitamente poderoso e que nós somos seus inimigos. O que não sabemos, sem sermos ensinados pelo evangelho, é o que pode ser feito para resolver esse problema. Sem o conhecimento do evangelho, teríamos apenas duas opções. Poderíamos tentar colocar Deus fora de nossa mente, ou usar um anestésico mental – seja pelo uso do álcool ou de outras drogas ou criar distrações que mantenham nossas preocupações fora de nossa mente. Ou poderíamos criar substitutos para Deus. Naturalmente, esses substitutos viriam na forma de deuses que são mais propícios ao nosso estilo de vida e desejos. Não é de admirar que tais deuses sejam feitos à imagem de seus criadores humanos, e eles se tornam personificações de nações e culturas locais.

Atos 4.12 é um dos muitos versículos que são um obstáculo para aqueles que querem se curvar perante os valores da sua nação e cultura contemporânea: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo

do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos".

Jó não era esse tipo de homem.

Hoje, chega a causar certo choque em muitas pessoas quando lhes dizem que não somos salvos apenas por "crer" (conforme a música tema do *Príncipe do Egito*). A salvação acontece pela crença no evangelho de Cristo e não num sincero, mas vazio, "evangelho diferente" (Gl 1.6). Aquilo em que nós cremos é tão importante quanto o fato de crermos. Em cada geração, cada crente enfrenta o desafio de ter a certeza de que o que nós acreditamos é a verdade e não um pacote de mentiras, de que estamos firmes no que Deus revelou como o caminho da salvação e que não estamos nos arrastando no esgoto junto com o pensamento positivo ou as tradições da cultura do lugar onde nascemos. Para os crentes do Novo Testamento, havia o desafio dos sistemas religiosos e filosóficos greco-romanos de sua época (1Jo 4.1-6). Nos estágios iniciais da propagação do evangelho, havia também o desafio do partido da circuncisão, que acreditava numa interpretação do Antigo Testamento que rejeitava Jesus como o Messias, ou queriam viver como se ele não tivesse cumprido as promessas do Antigo Testamento (Gálatas). Por volta do ano 70 d.C., havia muitos mais evangelhos alternativos (ver Hebreus, 2Pedro, Judas, Ap 1-3). Para os israelitas que viviam sob a antiga aliança, foi o desafio dos sistemas religiosos e os costumes dos cananeus, filisteus, moabitas, amonitas, assírios, egípcios e babilônios; e, como se pode esperar, o sincretismo era abundante (2Rs 16; 17.33). Hoje enfrentamos os mesmos desafios, não apenas dos tipos óbvios e extremos de oposição anticristãos que são explícitos, mas, sobretudo, a partir da aceitação sutil da nossa cultura nativa dos valores nacionalistas e dos costumes que nos ensinam a adorar a nós mesmos.

Jó enfrentou sua própria cultura pagã. Ao contrário de nós, ele o fez sozinho e sem a Bíblia. Então, somos desafiados a perguntar como ele fez isso e o que a sua fidelidade poderia dizer para nós hoje que temos a Bíblia e não apenas estamos rodeados por pessoas fiéis a Deus, mas que também temos a herança e o exemplo dos santos que vieram antes de nós ao longo destes últimos 3.500 anos.

Considero interessante que Jó não seja mencionado em Hebreus 11, entre os heróis da fé. Isso poderia ser porque ele não está dentro da linha vermelha do pacto de sucessão, que o autor de Hebreus segue. Poderia ser também porque o livro de Jó aparece entre a literatura sapiencial da terceira seção do Antigo Testamento hebraico, conhecida como os

Escritos. No entanto, é claro que ele era um crente que foi salvo. Deus declarou que ele era justo diante dos que estão nos céus (Jó 1.8), bem como aqueles na terra (42.7) e elogiou-o como alguém que levava um estilo de vida exemplar baseado na fé salvadora. O que, então, Jó poderia ter conhecido sobre o caminho da salvação? E quanto uma pessoa precisa saber para que seja salva?[1]

O conhecimento que Jó tinha do evangelho teria sido semelhante ao de Abraão, exceto que não temos nenhum registro de Deus entregando qualquer revelação pessoal a Jó por meio de visão ou visitação angelical do tipo experimentado por Abraão. Sem dúvida, se isso tivesse acontecido, Jó o teria mencionado em sua própria defesa. Por conseguinte, parece improvável.

O conhecimento de Jó sobre o evangelho teria vindo somente com o que ouvia do que foi transmitido pela sua família de uma geração para a seguinte. Ele provavelmente ouviu a respeito dos acontecimentos que nós conhecemos em Gênesis 1-11. Ele pode também ter ouvido falar de Abraão e de suas experiências. Pode até ter tido algum conhecimento de Isaque e Jacó, especialmente se tivesse vivido após ou no tempo da visita de Jacó a Labão em Harã.

É evidente que Jó conhecia o suficiente das promessas do evangelho para ser salvo; por isso, de algum modo ele teria compreendido o que conhecemos por meio de Gênesis 3.15. Ele parece ter conhecimento específico das ações de Adão para cobrir a sua nudez (Jó 31.33, cf. Gn 3.10). Assim, ele teria conhecimento do pecado dele, da natureza decaída da humanidade e da promessa de Deus de enviar um salvador para nos levar de volta, transformando-nos de inimigos em família de Deus novamente.

Jó havia herdado o conhecimento do sistema sacrificial como era conhecido antes de Moisés, e por isso ele sabia sobre o conceito de um substituto que iria morrer em nosso lugar para pagar pelos nossos pecados,[2] embora seu entendimento disso talvez fosse muito limitado.

Jó sabia outra coisa. Ele sabia que era justo aos olhos de Deus. Tem sido um enigma para muitos leitores de Jó como ele poderia saber com tanta certeza que era justo. Muitos leitores veem na alegação firme de Jó quanto à sua própria justiça um conceito de ter obtido a sua salvação por viver uma vida irrepreensível. Certamente seus amigos compreenderam que era isso que ele estava dizendo. Hoje ainda é extraordinariamente difícil transmitir o conceito da salvação pela graça para pessoas que não colocaram a sua fé em Cristo.

Esse estilo de vida "irrepreensível" que Jó vivia é mencionado várias vezes como um aspecto notável de seu caráter. No entanto, em nada, mesmo em suas explosões mais intensamente emocionais, Jó demonstra ter a pretensão de ter obtido a aprovação de Deus. Ele defende a sua justiça como algo de que ele não vai desistir, mas não diz que a obteve. Em vez disso, ele coloca sua fé "nas palavras do Santo": "Isto ainda seria a minha consolação, e saltaria de contente na minha dor, que ele não poupa; porque não tenho negado as palavras do Santo" (Jó 6.10).

Ele pode dizer a Deus: "Bem sabes tu que eu não sou culpado; todavia, ninguém há que me livre da tua mão" (Jó 10.7).

Embora quisesse questionar Deus e ouvir de Deus qual a razão pela qual todas aquelas coisas estavam acontecendo, Jó sempre submete-se à justiça de Deus e exprime sua confiança de que Deus irá confirmar que Jó é justo. Toda esperança de Jó é focada em Deus, confirmando que o que ele crê é um compromisso já recebido da parte de Deus. Mas Jó não tem a Bíblia. A que "palavras do Santo" ele estaria se referindo?

Em algum momento de sua vida Jó teria ouvido, de novo, mais provavelmente por meio dos relatos da família a respeito dos acontecimentos de Gênesis 11.1, como Deus havia lidado com pessoas como Enoque (Gn 5.24) e Noé (Gn 6.8) e, possivelmente, Abraão (Gn 15.6). Ele sabia que as pessoas no passado que haviam clamado o nome do Senhor (Gn 4.26) creram, receberam o favor de Deus, foram declaradas justas por Deus e foram salvas do julgamento de Deus sobre seus inimigos. Não era muita coisa em que se apoiar – mas era tudo o que ele sabia do evangelho, e foi suficiente, porque era o compromisso de Deus com Jó. Pela fé, ele tomou "as palavras do Santo" e se apegou a elas. Elas eram para ele toda a esperança que ele tinha no mundo com o que enfrentar o seu sofrimento.

Enquanto refletia sobre o seu sofrimento, Jó apegou-se a estas cinco verdades:

1. *Deus é soberano.* Não há nenhuma dúvida na mente de Jó ou na mente de seus amigos que o sofrimento dele está dentro dos planos e propósitos de Deus (Jó 6.4, 8; 7.16-19; 9.5-13, 17-18; 12.7-10, 13-25; 16.6-14; 17.1-6; 19.7-22; 21.13-14; 26.5-14; 27.2-3; 30.20-23).

2. *Deus é justo.* Do mesmo modo, apesar de Jó ter dito algumas coisas duras sobre seu sofrimento e a natureza cruel de tudo

aquilo, ele não questiona a justiça de Deus (ver Jó 27.7-23), e tal pensamento foi considerado uma blasfêmia por seus amigos.

3. *Jó é justo.* Jó se apega à sua convicção de que ele é justo e irrepreensível diante de Deus (Jó 6.2-10, 24-26, 28-30; 9.21, 28-31; 10.7; 12.4; 13.15-16, 22-28; 14.16-17; 16.17, 19, 21; 17.9; 19.4-6; 27.4-6; 29.14; 30.24-26; 31.1-4). Ele vai tão longe a ponto de fazer uma longa série de juramentos autoimprecatórios para afirmar a sua inocência (31.5-34; 38-40). Jó não nega que seja um pecador (7.21; 14.16-17). Ao contrário, ele se apega ao conceito de que foi declarado justo por Deus e que viveu um estilo de vida não merecedor de tal punição (31.33).

4. *Deus se preocupa.* Os amigos de Jó parecem ter uma visão de Deus que o colocava tão distante da nossa experiência que fazia com que nosso pecado ou a nossa justiça não tivesse nenhum interesse para ele. No entanto, Jó se apega ao fato de que Deus nos fez à sua imagem e, portanto, está profundamente comprometido com a sua obra, no mínimo (Jó 7.20-21; 10.8-12, 18). Consequentemente, para Jó, como para seu público, não fazia sentido que Deus trouxesse tal calamidade sobre um homem justo (cf. Jó 7.12; 9.21-24; 10.1-7).

5. *Isso está realmente acontecendo.* E, por último, Jó se apega à sua sanidade e exclui todo o pensamento daquilo que chamamos negação. Ele está totalmente em contato com a realidade de seu sofrimento (Jó 9.27-28).

O problema, então, é como todas essas cinco coisas podem ser verdadeiras.

Em 2002, a União Evangélica da University of Sydney organizou um debate entre um ateu, o polêmico jornalista de Sydney, Phillip Adams, e o apologista evangélico William Lane Craig, a respeito da questão da existência e relevância de Deus. As seguintes declarações,[3] feitas por Adams durante o debate, ilustram bem uma perspectiva popular.

> Penso que Deus, se ele, ou ela existe, deveria se envergonhar de si mesmo/a. Nos últimos dois mil anos não nos tem causado senão problemas...
>
> Não respeito o Deus judeu-cristão, porque eu o vejo, ele, ou ela, como um bruto que criou grande crueldade e horror neste mundo, se é que ele, ou ela, de fato existe...
>
> A única coisa sobre a qual devemos concordar é que essa divisão que existe entre nós – em seu caso [de Craig] sobre a existência de Deus ou não – não deve nos impedir de trabalhar em conjunto sobre as questões importantes envolvendo justiça, compaixão e decência. No final das contas, eu tenho que dizer: Deus não importa.

Em nossa cultura ocidental do século 21, o primeiro item para se considerar é o que atribui justiça ou qualquer espécie de virtude a Deus. Toda a culpa é dirigida a Deus, que é considerado injusto e indiferente ou desamoroso. Ele é, na maneira de pensar de muitas pessoas hoje em dia, um monstro.

Em nosso mundo orwelliano *1984*, o mundo da "novilíngua", geralmente ouvimos as pessoas culpando a Deus, ou mesmo as vítimas do crime pelo sofrimento causado pelos criminosos. E um dos piores "pecados" que podemos cometer, neste mundo de cabeça para baixo onde tal coisa não existe, é acusar qualquer ser humano de pecado.

Para os outros que desejam defender a integridade de Deus, o modo não ortodoxo de fazer isso é eliminar a noção da soberania de Deus. Eles argumentam que se não há nada que Deus possa fazer, Deus não pode ser responsabilizado pelo que acontece com a humanidade. Assim, ele não poderia ser considerado injusto. Ele pode sentar-se no céu e chorar conosco. Ele pode torcer as mãos e enviar mensageiros para pleitear conosco. Porém, tal deus nunca poderia violar as nossas liberdades civis divinamente criadas ("livre-arbítrio") por interferir com o curso dos acontecimentos humanos. Assim, a justiça de Deus e a justiça da humanidade parecem estar no lugar apropriado, e apenas o poder maligno de Satanás por si só recebe a culpa pelo sofrimento dos santos. Deus parece ter sido resgatado. Mas o deus que é resgatado dessa maneira é tão fraco que de fato não é deus.[4]

Não era assim na época de Jó. A prioridade, e a última linha a ser defendida, era a honra, a integridade e a reputação de Deus. Não havia controvérsia quanto à soberania de Deus ou a sua justiça. A única das cinco verdades que poderia ser sacrificada no altar da coerência racional era a retidão do homem. Essa única coisa tinha que ser perdida a fim de resgatar Deus da acusação de injustiça. A soberania de Deus estava tão acima de qualquer contestação que essa questão nem sequer era mencionada.

Poderíamos perguntar por que Jó não duvidou de sua inocência mais profundamente, ou por que ele não estava mais profundamente abalado em sua certeza quanto à sua posição diante de Deus. Parece que ele reagiu de maneira diferente do que a maioria de nós reagiria em circunstâncias semelhantes.

A questão se resume a isto. Para Jó, desistir de sua alegação de integridade seria desistir de sua salvação. Se essa única coisa não fosse verdade para ele, então não importava o que acontecesse com relação ao resto. Jó reivindicava a sua justiça e sua integridade não como uma afirmação de justiça própria, mas uma justiça que lhe fora atribuída pela graça e instituída pela palavra da promessa de Deus. Se isso falhasse, então Deus deixou de ser um contador de verdades e esse não é um deus digno do nome. Fosse essa alegação considerada mentirosa, então não haveria nenhuma maneira de se salvar e tudo estava perdido. Desistir dessa justiça e integridade da fé era perder tudo.

Uma pessoa que não nasceu de novo vai considerar esse conceito, dentre todos os conceitos relacionados com o evangelho de Cristo, o mais difícil de entender.

Muitos anos atrás, quando eu era um membro do exército da Austrália, em meio ao tédio da vida militar, aconteceu de eu concordar com o capelão católico-romano da nossa unidade. Depois de várias campanhas, nós ficamos amigos, e eu apreciava uma discussão mais animada com ele. Na minha estante ainda mantenho um exemplar de *Documentos do Concílio Vaticano II* com uma dedicatória dele como um presente para mim. Ele era, como se costuma dizer, "um homem adorável". Certamente ele era um homem que diligentemente buscava um modo de vida piedoso, gentil e gracioso, algo que muitos evangélicos e um crente reformado fariam muito bem se imitassem. Então, fiquei preocupado um dia quando ele ficou ofendido com algo que eu disse. Ele estava visivelmente irritado e estranhamente hostil. Confuso, perguntei a ele o que eu havia dito ou feito para ofendê-lo daquele modo. Ele respondeu: "Você

disse que está salvo! Ninguém pode dizer isso. Nem mesmo o papa pode ter a pretensão de ser salvo!" Nós conversamos um pouco mais enquanto eu tentava em vão fazê-lo compreender que a minha afirmação de que eu havia sido salvo não estava baseada numa reivindicação de que eu havia obtido a aprovação de Deus por um estilo de vida sem pecado, ou pago pelos meus pecados anteriores. Ele simplesmente não conseguia entender o conceito de salvação pela graça baseado na vida e sacrifício substitutivo de Jesus. E era assim para os amigos de Jó e para muitos outros leitores do livro de Jó hoje. Como pode esse homem ser tão arrogante, perguntavam eles, a ponto de afirmar a sua posição de justiça e irrepreensibilidade diante de Deus e apegar-se ao que ele chama de sua retidão?

Para aqueles de nós que estiveram na cruz e lá compreenderam que Deus se fez carne, viveu uma vida justa e irrepreensível num mundo enlouquecido, e depois morreu e creditou sua vida e sua morte na conta de seus inimigos – nós – essa teria de ser a última coisa da qual jamais desistiríamos. Minha justiça, comprada a tal custo, é toda a esperança que eu tenho no mundo. E trata-se de uma esperança incomparável. E quantas testemunhas têm compartilhado essa esperança e se apegado a ela com todas as suas forças por meio de todos os tipos de sofrimento e provação, até ao ponto de morrer. Negar isso é negar a própria salvação.

Como deve ter sido importante, então, para Jó a prática familiar de ensinar à geração seguinte sobre as coisas que Deus tinha dito e feito na História e na experiência da sua família. Não é somente o evangelho revelado nas Escrituras que todos somos chamados a transmitir aos nossos filhos. É também nossa história e experiências familiares que permitam à próxima geração dar sentido a um mundo que enlouqueceu. Por família não me refiro necessariamente aos nossos parentes de sangue, embora ela seja uma coisa maravilhosa. Não, o evangelho veio para um mundo de pecadores perdidos que, pela fé, são justificados e adotados pela família maior de Deus, e, como tal, compartilham o patrimônio de todos os que perseveraram fielmente antes deles.

A cada ano, quando chega a época das minhas classes estudarem o livro de Hebreus, eu passo uma tarefa que envolve a leitura de uma biografia cristã. Inicialmente, ouvimos alguns gemidos e grunhidos. Mas depois, a cada ano, ouvimos falar de alunos cujas vidas são viradas pelo avesso, e de muitos que são convertidos. Num mundo de egoísmo e de caos, sem Deus, ou verdade, ou propósito, o testemunho da vida dos santos de Deus que foram salvos pela graça é uma herança poderosa.

Sem esse conhecimento, nós e nossos filhos não teríamos base para lidar com qualquer coisa na vida, quanto mais o sofrimento. Quando nos impressionamos com o exemplo de Jó também precisamos ouvir o alerta de Oseias.

> O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. (Os 4.6)

A dedicação no início deste trabalho relembra o sofrimento dos avós da minha esposa, e com eles milhares de menonitas, que viram seus homens sacrificados e suas mulheres violadas por um homem cujo nome deve perecer. Foi entregue á minha esposa um diário, escrito a lápis num caderno por uma menina de 17 anos de idade – a irmã de sua avó. Katrina Hildebrandt morreu em 1919, entre os sobreviventes que escaparam do massacre e foram a pé da Ucrânia para Danzig, na Prússia. No colo da mãe, Pat ouviu falar da maneira como Deus salvou sua avó e as irmãs e as levaram em segurança. Com seu avô, ela aprendeu a ler em alemão as letras góticas cursivas manuscritas, de modo a ser capaz de traduzir o diário em que Katrina relatou como o pai reuniu os filhos para orar, antes de ele e seu filho de 16 anos de idade serem levados para morrer. Seu diário está cheio de palavras e acordes dos hinos que expressam a emoção de um povo que conheceu o evangelho e não iria abandonar a Cristo, não importava o que acontecesse, pois perdê-lo seria perder tudo.

E assim deve ser para nós, até que ele venha.

Para reflexão adicional

1. Como Romanos 1.18–2.16 nos ajuda a dar sentido ao mundo em que vivemos?

2. O evangelho em que você crê é *o* evangelho, ou você crê em "outro evangelho"? Como pode ter certeza?

3. Como os outros evangelhos estão desafiando e confundindo a oferta gratuita de salvação hoje? Quais são os problemas?

4. Você tem a mesma confiança de Jó de que é irrepreensível e justo aos olhos de Deus? O que dá a uma pessoa esse tipo de certeza?

5. Como você tenta responder as declarações de Phillip Adams? Pense em como Paulo teria se conduzido em relação a ele (cf. Rm 1 –2).

6. O que você sabe das experiências de vida das pessoas que foram instrumentos de Deus para trazer o evangelho até você? Planeje descobrir mais sobre elas lendo biografias cristãs, escrevendo ou falando com aqueles que as conheciam bem, ou conheça as pessoas em sua igreja.

7. Aproveite o tempo para escrever sua história da obra de Cristo em sua vida, lembrando que isso é para a glória *dele*.

8. Como você está ajudando a preparar o povo de Deus para perseverar em Cristo?

7

O ÚLTIMO HOMEM



A emboscada havia falhado. O caso de Satanás, tal como apresentado perante o tribunal de Deus, estava perdido. Qualquer esperança de vitória agora teria de ser resolvida fora do tribunal. Talvez se Jó pudesse ser isolado e desgastado, ele seria quebrado e acusaria a Deus; Satanás poderia então voltar ao tribunal e recorrer da sentença. Para que isso acontecesse, a acusação teria de ser feita diretamente a Jó. Assim, Satanás desapareceu, e os três amigos de Jó assumiram a tarefa. O que começou como uma emboscada havia se tornado uma guerra de desgaste. O último homem foi cercado e os inimigos atacaram por três lados.

Observando uma guerra como essa, o público pode ser influenciado. A extensa explosão de Eliú, que começa em Jó 32, indica que o debate entre Jó e seus três amigos (Jó 4-31) foi um acontecimento público testemunhado por outros. Percebemos que existem dois públicos. Um que está oculto no fundo da história do narrador. O outro, somos nós!

Quando lemos uma história como essa, o nosso instinto natural é nos imaginar como o herói. Nós nos identificamos imediatamente com o mocinho. Mas é um exercício útil, quando lemos os longos debates que enchem o corpo principal do livro de Jó, o de nos colocar entre os amigos de Jó.

Sempre saia de uma conversa que descambou dizendo para si mesmo (ou, se você for um homem, perguntando à sua esposa, que é mais susceptível de saber): "O que foi que eu disse?" Temos uma série de comerciais na televisão no momento que mostram um homem fazendo

coisas estúpidas e impensadas porque ele está muito concentrado em sua cerveja, e quando ele percebe o "olhar" de sua namorada, a reação é: "O que foi?"

Essa é a literatura sapiencial. Ela é projetada para aplicar a redenção de Cristo aos pecadores e aos tolos. Seu efeito é melhor quando o pecador se arrepende e crê, e o tolo aprende. Como diz Tiago: "Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência" (Tg 1.23-24).

Portanto, antes de muito rapidamente aprovarmos Jó e zombarmos dos amigos dele, seria um bom exercício de humildade ouvir os amigos e olhar para a nossa insensatez e insensibilidade nas palavras deles – e nos encolher de medo, confessar e sermos perdoados. Então, e só então, é que isso será para nós qualquer coisa parecida como o impacto que esse livro foi concebido para ter, para abençoar e curar e preparar-nos para um ministério de graça.

É embaraçoso ter sido um tolo. Para Jó, o caso é o oposto.

É uma grande dificuldade estar correto quando todos os outros estão errados. Qualquer pai de uma criança com uma capacidade intelectual elevada vai reconhecer as dificuldades de lidar com tais situações – de ambos os lados. Quando algo parece tão simples como a luz do dia e, no entanto, pode parecer como total absurdo para todos os outros, a solidão se instala e uma consequente confusão emocional para aquele que parece ser o único a acertar. Há também o constrangimento terrível de ser o mais tolo, de verificar que estava totalmente convicto de que estava certo, apenas para descobrir que estava errado. Em situações como essa, há um acirrado debate interior: "Como eu poderia estar errado? Por que eles não podem enxergar isso? Eles pensam que sou arrogante, ou orgulhoso, ou algo assim. Sou? Ou sou apenas louco?" O ataque a Jó dirige sua ponta afiada para essa brecha em sua armadura.

A batalha acontece em três ciclos. A explosão de Jó deu a permissão a seus amigos para falar, e assim eles se organizaram em turnos. Jó responde a cada um em turno, para os três em bloco, e várias vezes ele se afasta deles e do público e fala com Deus ou sobre Deus.

	Elifaz (Jó 4-5)	**Bildade (Jó 8)**	**Zofar (Jó 11)**
Primeiro ciclo	Jó para Elifaz (Jó 6)	Jó para Bildade (Jó 9.1-24)	Jó para todos os três (Jó 12.1 -13.17)
	Jó para Deus (Jó 7)	Jó para Deus (Jó 9.25- 10.22)	Jó para Deus (Jó 13.18-14.22)
	Elifaz (Jó 15)	**Bildade (Jó 18)**	**Zofar (Jó 20)**
Segundo ciclo	Jó para os três (Jó 16.1-6)	Jó para os três (Jó 19)	Jó para os três (Jó 21)
	Jó para Deus (Jó 16.7 – 17.16)		
	Elifaz (Jó 22)	**Bildade (Jó 25)**	**Zofar (silenciado)**
Terceiro ciclo	Jó sobre Deus (Jó 23-24)	Jó para os três (Jó 26)	Solilóquio de Jó (Jó 27-31)

Ao longo de toda essa batalha, Jó se apega apaixonadamente a todas estas cinco verdades:

1. Deus é soberano.
2. Deus é justo.
3. Jó é justo.
4. Deus se importa.
5. Esse sofrimento está realmente acontecendo.

Para os três amigos, era impossível sustentar todas essas coisas como verdades. Eles não podiam negar que o sofrimento de Jó era real. Negar a soberania de Deus ou sua justiça seria blasfêmia. Acusar Deus de não se importar seria acusá-lo de crueldade aleatória e seria igualmente uma blasfêmia. A única verdade que poderia ser sacrificada para dar sentido ao que estava acontecendo teria de ser a alegação de Jó de que ele era justo. Eles não tinham noção de que a justiça poderia ser um dom da graça de Deus. A paixão deles pela justiça de Deus os levou até mesmo a distorcer o caráter de Deus e afastá-lo de sua criação e para longe da humanidade, para não ser contaminado. Assim, a batalha começa.

Primeiro, Elifaz

Elifaz parece ser o mais velho e respeitado homem presente. Seu comentário, em Jó 15.9-10, indica que os três amigos possivelmente sejam mais velhos do que Jó uma geração. O primeiro a falar, Elifaz provavelmente era o mais velho. Jó está se dirigindo aos seus antepassados, e não apenas aos seus pares.

Elifaz fala suavemente e aborda Jó com um tom de simpatia (Jó 15.11). Quando abre a boca, ele pede permissão para falar (4.2). Ele lembra as boas obras de Jó (v. 3-4), e manifesta sua simpatia (v. 5-6). Oferece sugestões e aconselhamento (5.2-8) e faz perguntas retóricas (4.7, 5.1, 15.2-3, 7-16). Sua forma é mais suave do que a de Jó ou a dos outros dois amigos. Parece estar tentando identificar-se com Jó quando traz a sua experiência de longos anos em apoio e fala das coisas que viu (4.8-11, 15.17-19, 27). Ele até mesmo lembra revelações que havia tido enquanto meditava (4.12-16). Defende Jó (22.22). Em suma, ele é um homem de idade, carinhoso, simpático, gentil, dedicado à piedade e querendo o melhor para Jó. Ofender um homem como esse seria extremamente desagradável para qualquer público. Ele parece ser um homem que iria tentar o seu melhor para evitar o confronto. O erro de Elifaz reside no conteúdo daquilo em que ele acredita, não tanto na maneira como ele o expressa.

Tenho algumas boas lembranças de Cornelius Van Til. Uma delas, que sempre foi um desafio para mim, e acho que um desafio particular a todos os alunos do seminário, era uma frase latina que ele usava para se exibir de vez em quando. Van Til era conhecido por não ser tímido em sua defesa da fé ou na busca de falhas na teologia dos outros. Era fácil, especialmente na leitura de seus livros, sem ter conhecido o homem, ter-se a impressão de que ele era uma pessoa dura. Ele não era. Esse paciente octogenário assumiria um olhar sério, baixava o tom de sua voz, e lembrava-nos de que devemos ser "*Fortiter in res, suaviter in modo*!" Isso significa ser firme quanto ao conteúdo daquilo que crê, mas suave na maneira pela qual você o transmite aos outros. Um chamado difícil, particularmente para jovens teólogos cheios de entusiasmo.

As pessoas anseiam por consistência. Aqueles animados pelo conteúdo de sua fé tendem a ser firmes em suas crenças e fortes demais na transmissão delas. Aqueles que possuem mais do que uma paixão pelas pessoas podem ser gentis na comunicação e flexíveis quanto ao conteúdo

do que eles acreditam. Os dois então parecem entrar em choque, desenhando estereótipos um do outro e reformulando Jesus e Deus às suas próprias imagens. Fui desafiado pelo modelo de consistência de Van Til, que começava na cruz, onde um pecador salvo pela graça conhece a grandiosidade do conteúdo do evangelho, mas também a sentiu e, então, pode comunicar a graça e graciosidade desse evangelho.

Elifaz parece ter a *suaviter* sem a *res*. Sem a cruz e sem a graça em sua compreensão da salvação, sua *suaviter* não pode durar. Ao final do terceiro ciclo, o sangue de Elifaz ferve, e ele inventa crimes pelos quais acusa Jó. A máscara caiu, e o caráter do acusador foi revelado.

Elifaz apresenta uma visão de Deus como sendo tão transcendente que ele não tem interesse por nada que acontece na terra e também não se envolve (Jó 5.9; 22.2-3). No entanto, o seu Deus é um deus delicado, que deseja fazer o bem e coisas boas para sua criação (5.10-17).

Elifaz vê os anjos e todos os outros seres que Deus criou como pecadores simplesmente porque estão classificados como inferiores a Deus. A justiça, de acordo com Elifaz, é uma questão da distância da própria natureza da natureza de Deus (Jó 4.18; 15.15): quanto menor o ser, maior a corrupção. Como tal, nenhum ser humano poderia ser realmente irrepreensível ou justo diante de Deus (4.17, 19-21; 15.14-16). Justiça e irrepreensibilidade são, para Elifaz, termos relativos, que poderiam ser utilizados apenas para comparar uma pessoa com outra. Se, então, um homem relativamente bom deve sofrer, deveria haver algum tipo de castigo da parte do Senhor, e um homem deve ser grato se o Senhor interviesse na sua vida de tal maneira (5.17-26). Porém, para sofrer como sofreu – tal série de acontecimentos catastróficos – Jó deve ter cometido alguma grande maldade, porque só os mais perversos mereceriam esse tipo de tratamento. Deus é justo. Ele nunca faria uma coisa dessas com um homem relativamente bom (15.20-35; 22.4). E por isso os protestos de inocência de Jó, no modo de Elifaz compreender o mundo, são acusações contra a justiça de Deus. Como tal, são ofensivas à verdadeira piedade (15.4-6, 12-13). A seus olhos, a acusação contra Jó é provada pela coerência interna de seu argumento.

Em face das afirmações persistentes de Jó a respeito da sua própria justiça, Elifaz é levado a sugerir uma lista de possíveis delitos que Jó tenha cometido que teriam trazido sobre ele tal sofrimento (Jó 22.5-11; 13-20). Essas acusações são mentiras – mentiras desesperadas inventadas para proteger a justiça do deus de Elifaz.

A única solução possível que Elifaz pode oferecer a Jó é desistir de tudo, especialmente de sua alegação de inocência, e, como um monge, buscar a Deus. Ele recomenda que Jó se desfaça de sua riqueza, bem como de sua maldade, e promete que Deus poderá restaurá-lo (Jó 22.21-30). Elifaz apresenta uma oferta de salvação que pode ser conquistada.

Ao ler os relatos dos Evangelhos das interações de Jesus com as pessoas, podemos ver uma dinâmica semelhante. Em primeiro lugar, Jesus parece ser o bom mestre (Mc 10.17-18), o profeta (Jo 4.19), um mestre (Mt 12.38) – e todos os tipos de pessoa são atraídos a ele (Mc 3.8). Elas estão confusas, mas definitivamente interessadas. Como Elifaz, elas não têm o conceito da graça como um dom de Deus ou de uma justiça que pudesse ser transferida de um homem para outro. O conceito de um novo homem nascido sem pecado estava fora do arcabouço de possibilidades delas. Que o Santo de Israel, o Deus criador, tomaria a forma humana e viria a um mundo pecador, provavelmente não teria entrado na mente de qualquer pessoa de Israel naquele tempo. Quanto mais eles ouviam falar de Jesus e observavam suas ações, mais ele colidia com a compreensão que eles tinham a respeito do caráter de Deus e o caminho da salvação, e mais rapidamente eles ficavam escandalizados (Mt 13.57; 15.12). Em última instância, eles foram levados não só a gerar um pacote de mentiras e falsas acusações (Mt 12.10; 26.59-61), mas também a julgá-lo, sentenciá-lo e executá-lo como um blasfemador de Deus (Mt 26.65-66). E o último homem foi atingido por chicotes, paus e ferro, mas não pela verdade (Mt 27.33-56).

Segundo, Bildade

Bildade parece ser mais um moralista. Ele é rápido em ficar zangado e frustrado e dá aguda expressão à sua indignação moral (Jó 18.2-4). Acusa Jó de não conhecer a Deus (18.21). Apela para a História em vez de às suas próprias experiências (8.8-10) e para a ordem criada a fim de ensinar que as ações de Deus sempre têm uma causa (8.11-19). Bildade parece ser mais impessoal do que Elifaz.

Como Elifaz, Bildade defende a justiça de Deus, que não poderia mandar um desastre a um homem inocente (Jó 8.3; 18.6-21). Ele vê Deus como estando muito longe (25.2-3). Ele também acredita que a justiça é uma questão de posição do homem na ordem criada, de modo

que nenhum outro animal, nem os anjos, podem ser puros aos olhos de Deus (25.4-5). Ele vê o homem como menor do que os anjos e particularmente repugnante por causa de sua posição inferior (25.6).

Talvez Bildade não veja vantagem em ser gentil, uma vez que Elifaz não parece ter chegado a lugar algum com sua gentileza em relação a Jó; então ele vai diretamente à questão do pecado em particular, que pressupõe ter acarretado esses desastres. Numa das explosões mais insensíveis de todo o debate, Bildade pergunta se tudo aquilo não teria acontecido por causa dos pecados cometidos pelos filhos de Jó (Jó 8.4). Ele está indignado com a sugestão de que Deus abusasse assim de um homem de integridade (8.20-21). Com cortante ironia, o nosso narrador lê as palavras de Bildade, quando ele adverte a Jó de que Deus fará que os inimigos de um homem de integridade pareçam tolos (8.22).

A solução de Bildade para Jó é buscar a Deus e viver uma vida correta, e ele promete que Deus irá recompensá-lo (Jó 8.5-7).

Como observa Clines[1], há uma ironia aqui. Se Bildade estava certo e Jó aceitasse a sua solução, Satanás teria ganhado o caso. Jó, ao admitir a culpa e aceitar que o seu sofrimento fosse uma consequência de sua culpa, faria da prosperidade seu objetivo final e da sua religião nada mais do que o meio para atingir esse fim.

Então, Zofar

O terceiro a falar, Zofar não é tentado a mostrar a paciência de Elifaz ou se incomodar com provas, experiência ou História. Para ele, é tudo uma questão de lógica evidente. Ele expressa a indignação direta com a arrogância de Jó (Jó 11.2-6; 20.2-3). No que lhe diz respeito, Jó é um tolo ignorante (11.7-12). Apenas brevemente, e apenas uma vez, Zofar reafirma a mesma solução possível para a situação de Jó que os outros dois apresentaram (11.13-15). Antes, seu foco está em condenar o pecado de Jó, porque o único caminho para as bênçãos da restauração seria um homem viver uma vida sem pecado (11.16-19). Da maneira mais cruel, Zofar descreve a experiência dos ímpios (20.4-29), em contraste com a dos justos (11.20), e ao fazê-lo praticamente narra a experiência de Jó. Jó, então, é o paradigma do homem perverso, na compreensão de Zofar. De maneira muito ofensiva, Zofar declara que o sofrimento de Jó é menor do que ele merece (11.6).

Zofar exprime-se como um homem apaixonadamente preocupado em obter sabedoria. Sua paixão o leva a distorcer o caráter de Deus a ponto de estar tão distante de sua criação, e de Jó em especial, que não se incomoda nem mesmo em se lembrar de todos os pecados de Jó (Jó 11.6).

Zofar já começa como um homem frustrado por Jó não enxergar a razão, e por isso ele é o primeiro a cair em silêncio, em frustração e desgosto, diante da obstinação e da autojustificação de Jó. Ele é o retrato de alguém bufando e subindo o tom de voz com os braços cruzados, o rosto distorcido pela indignação moral, incapaz de falar e sem disposição para isso.

Mas não realmente sozinho

Para Jó há uma traição aqui. Os amigos íntimos têm uma poderosa capacidade de encontrar o ponto mais tenro e vulnerável nas feridas de um homem, e para aí direcionar o foco do ataque. À medida que alguns membros de cada público começam a identificar-se com Jó diante dos outros, todos nós estamos sendo preparados para compreender Jesus. Com o Novo Testamento diante de nós, podemos lembrar como seu amigo se tornou seu inimigo (Sl 41.9; Jo 13.18, 26-27), como aqueles que deveriam tê-lo amado e tê-lo acolhido com alegria (Mt 13.57, Jo 1.11, 7.1-5) tornaram-se como uma matilha de cães fechando o cerco a um animal ferido (Sl 22.16-21), proclamando seu zelo por Deus (Jo 19.7; cf. At 21.20-24), mas fazendo o trabalho do inimigo.

Quando Jesus chamou os seus discípulos, ele deixou claro que segui-lo era o mesmo que se inscrever para ser traído e rejeitado por pessoas que justificam seus atos como resultado de seu zelo por Deus (Mt 10.16-23, 34-39, Jo 16.2).

O que começa no primeiro ciclo como uma tentativa de ensinar e condenar Jó pelo seu pecado e levá-lo ao arrependimento, perde rapidamente qualquer sentimento de compaixão com o apego de Jó à sua compreensão do evangelho que é visto como blasfêmia e uma prova de sua impiedade. Não conseguindo vencer os argumentos, os amigos rapidamente recorrem a mentiras, falsas acusações e descrições distorcidas do caráter de Deus. Sozinho, Jó deve ter se sentido como o último homem de pé, cambaleando sob a torrente de argumentos, mas apegado ao que ele conhecia do evangelho, sem o qual tudo está perdido. Ser um crente

em Cristo, por vezes, é ser muito sozinho – como foi Aquele que nos salvou e a quem nos apegamos pela própria vida. Mas nunca estamos realmente sozinhos, apesar de todos os outros parecerem silenciosos, pois o nosso Consolador é o Espírito de Cristo.

Há uma distorção interessante sobre essa realidade, como lemos no início do evangelho de Mateus. Quando Jesus nasceu em Belém, ele foi para o povo de Judá como o Salvador há muito tempo prometido. Os rabinos e os que conheciam as Escrituras não tiveram dificuldades em responder ao inquérito de Herodes sobre onde o Messias nasceria. Seu "próprio" povo (Jo 1.11), em última instância, o rejeitou. Mas "do Oriente" vieram três homens com presentes. Esses estranhos "do leste" eram sábios, e eles adoraram o Salvador e trouxeram-lhe presentes. Para Jó, os "homens do leste" eram amigos, mas insensatos, e trouxeram a acusação em seu lugar. Precisamos, portanto, ser sábios e cultuar Aquele que sofreu muito além das provas de Jó em nosso lugar.

Para reflexão adicional

1. Se você colocar-se entre os amigos de Jó, que semelhanças fazem você se encolher de medo? O que você ainda precisa mudar?

2. Que parte do conselho de Van Til você mais precisa desenvolver?

3. Que semelhanças você consegue ver entre os argumentos dos amigos de Jó e as preocupações dos escribas e fariseus quando eles argumentavam com Jesus?

4. O que você procura num amigo quando você é a última pessoa em pé?

8

Apelando para o tribunal de Deus



A mã volta para casa no final de um dia normal de trabalho, abre a porta e não encontra ninguém em casa. Ele começa a pensar em todos os lugares onde sua esposa e as crianças poderiam estar e por que eles estão atrasados. Ele verifica, e, não, o carro dela não está na garagem. Quando ele anda pela casa, percebe que algumas coisas na sala de estar foram reorganizadas. Um pouco preocupado, ele vai para a cozinha fazer uma xícara de café e descobre que quase tudo na cozinha desapareceu. Com o pânico crescente, ele começa a olhar com cuidado de aposento em aposento e descobre que tudo havia desaparecido, inclusive os móveis, restando apenas seus pertences pessoais. Os quartos das crianças estão vazios. Então, a campainha toca. É o vizinho, que diz a ele que depois que ele saiu para o trabalho, chegou um caminhão de mudanças e que sua esposa supervisionava enquanto os homens carregavam tudo. Ela levou os filhos; eles não foram à escola. Ela estava "muito estranha" e não falou com o vizinho. Ninguém pode dizer-lhe nada sobre onde ou por que – e semanas se passam. Enquanto isso, o que está acontecendo em sua mente é muito semelhante ao que Jó expressa quando ele tenta iniciar a conversa com Deus.

Então o homem, como Jó, senta-se sozinho em meio a lágrimas, raiva e frustração. Ele se pergunta o que deu errado. O que foi que eu fiz? Sua imaginação evoca uma centena de cenários. Ele fala com a família e os amigos. E as semanas se transformam em meses.

É dito que quando estamos com dor ou sob *stress*, voltamos a ser crianças muito rapidamente. Quanto mais dor ou *stress*, mais para trás nós vamos. Somos facilmente reduzidos ao nível de uma criança de 1 a

2 anos de idade que não tem as competências linguísticas para colocar os sentimentos e frustrações em palavras. As únicas opções que temos é chorar e ter acessos de raiva. Aos 3 anos de idade os acessos de raiva se transformam em perguntas: "Por quê?"

Quando fica muito difícil lidar com o mundo, para onde vai uma criança em idade pré-escolar? Ela espera que haja um colo em algum lugar em que possa aconchegar-se e berrar. O melhor mesmo depois de um bom choro é ver um rosto na parte superior do colo que possa compreendê-lo, e falar suavemente e talvez resolver o problema. É um bom lugar para se encerrar um choque de vontades, e é uma regra de ouro, necessária para qualquer pai, que nenhuma crise seja encerrada sem uma conversa e um abraço.

Em Jó encontramos um homem com idade suficiente para ser avô berrando como uma criança de 2 anos, e querendo desesperadamente falar com seu pai – nesse caso, Deus, o Pai. Aqui, há a paixão patética de uma criança ou um cônjuge ferido e abandonado. E a pergunta é: "Por quê?"

Jó pergunta:

> Por que fizeste de mim um alvo para ti, para que a mim mesmo me seja pesado? (Jó 7.20)
>
> Direi a Deus. Não me condenes; faze-me saber por que contendes comigo. (10.2)
>
> Por que, pois, me tiraste da madre? (10.18)
>
> "Por que escondes o rosto e me tens por teu inimigo?" (13.24)

Sua agonia é agravada pelo silêncio de Deus.

> Clamo a ti, e não me respondes; estou em pé, mas apenas olhas para mim. (Jó 30.20)
>
> Tomara eu tivesse quem me ouvisse! Eis aqui a minha defesa assinada! Que o Todo-Poderoso me responda! (31.35)

O que é que está sobre nós que temos de saber por quê? De onde é que ela vem – essa ideia de que há absoluta necessidade de se ter

um motivo e uma justificativa para as coisas que acontecem a nós? Até mesmo Jesus, na cruz, gritou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mt 27.46, Mc 15.34), como Davi havia feito antes dele (Sl 22.1).

O harmônico em nós

Não são apenas os cristãos que olham para o céu e perguntam por quê. Há algo inato, primitivo, tão profundamente enraizado no que é ser um ser humano que nos impulsiona a querer que a pergunta seja respondida. Às vezes, parece que a resposta é quase mais importante do que a própria vida.

Quando nós, a plateia, ouvimos Jó berrar "por quê?", há uma concordância dentro de nós que é tocada. Nós não queremos saber só por que Jó está sofrendo: o que dizer de mim?

Funerais são coisas interessantes. Um homem ou mulher pode viver sua vida inteira negando a existência de Deus. No entanto, quando uma pessoa morre, há um vazio estupefato. Se Deus não existe, então a morte, a crueldade e o sofrimento são todos fenômenos naturais sem qualquer propósito ou significado. Não há nem justiça nem injustiça. Poucos são tão endurecidos que são consistentes a respeito disso. Existe algo essencialmente não manejável a respeito de tal crença.

Conhecer um ser humano e ver essa pessoa morrer parece um desperdício inexplicável e intolerável. Confesso que houve várias ocasiões em que Deus e eu temos trocado algumas palavras sobre essas coisas. Mas o que faz um ateu? Pode uma pessoa sofrer e aceitar isso como de todo inútil e natural? Se for assim, a mãe natureza é um monstro – e um monstro com o qual Deus é frequentemente confundido. Mesmo o mais duro coração vai chorar e questionar o sentido dessas coisas.

O que isso significa? Certamente, se Deus não existisse e se a Bíblia não fosse verdade, estaríamos todos sofrendo sem nos queixar e perdendo aqueles que amamos sem luto – seria tão natural quanto tomar um bom café da manhã ou se molhar na chuva. Por que assumimos, para não dizer exigimos, uma explicação ou um significado para nossa vida?

Paulo explica isso melhor em Romanos 1.18–2.16. Simplificando, nós somos a imagem de Deus (Gn 1.27) – uma semelhança que nem

mesmo o pecado e a morte podem apagar completamente (Tg 3.9). Cada vez que olhamos no espelho, vemos algo que se assemelha a Deus. Deus é justo, e nós ficamos indignados com a injustiça – essa é a nossa natureza como seres humanos. Os cães não ficam indignados com a injustiça.

Se, então, gritamos ou berramos "por quê?" – de quem esperamos uma resposta se não de Deus?

O que dizer, então, quando conhecemos o evangelho, cremos no evangelho e nos apegamos às palavras de Deus, se Deus ficar em silêncio quando nós gritarmos? O sofrimento já não seria suficiente para ainda ter que suportar o silêncio de Deus? Se Deus apenas puder nos dizer a razão, talvez possamos fazer algo para acabar com o sofrimento – ou assim pensamos. Ou talvez pudéssemos encontrar uma razão para suportá-lo se tivéssemos alguma ideia de onde ele está vindo e o que ele quer com isso. Mas o silêncio!

Jó enche o silêncio com suas próprias palavras, como nós fazemos, palavras que sobem e descem no oceano inchado de sua emoção. Ele questiona a Deus com amargura.

> Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas nele o teu cuidado, e cada manhã o visites, e cada momento o ponhas à prova? Até quando não apartarás de mim a tua vista? Até quando não me darás tempo de engolir a minha saliva? (Jó 7.17-19)
>
> Parece-te bem que me oprimas, que rejeites a obra das tuas mãos e favoreças o conselho dos perversos? (10.3)
>
> Por que, pois, me tiraste da madre? Ah! Se eu morresse antes que olhos nenhuns me vissem! (10.18)
>
> Queres aterrorizar uma folha arrebatada pelo vento? E perseguirás a palha seca? (13.25)
>
> O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece; e sobre tal homem abres os olhos e o fazes entrar em juízo contigo? Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém! Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites além dos quais não passará. Desvia dele os olhares,

> para que tenha repouso, até que, como o jornaleiro, tenha prazer no seu dia. (14.1-6)

Ao longo de tudo isso Jó está apegado à palavra de Deus; no entanto, todas as evidências parecem indicar que Deus está irritado com Jó e manda sobre ele a punição pelos seus pecados. É interessante que Jó não nega que tenha pecado. Conquanto apegado à sua justiça, ele é forçado a fazer para Deus a pergunta que seus amigos estão fazendo a ele: "Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade?" (Jó 7.21).

A palavra aqui traduzida como "perdoar" significa levantar ou carregar e é a palavra usada para se referir à ação de Jesus ao suportar ou carregar nossos pecados. Nas previsões de Isaías de que o nosso Salvador seria "levantado" (Is 52.13; Jo 3.14; 12.32) há um jogo de palavras quando ele é exaltado ao trono no céu e pregado à cruz e, em seguida, levantado no madeiro para ser zombado e morrer. Jó pergunta a Deus:

> Tens tu olhos de carne? Acaso, vês tu como vê o homem? São os teus dias como os dias do mortal? Ou são os teus anos como os anos de um homem, para te informares da minha iniquidade e averiguares o meu pecado? Bem sabes tu que eu não sou culpado; todavia, ninguém há que me livre da tua mão. (Jó 10.4-7)

> Se eu pecar, tu me observas; e da minha iniquidade não me perdoarás. Se for perverso, ai de mim! E, se for justo, não ouso levantar a cabeça, pois estou cheio de ignomínia e olho para a minha miséria. Porque, se a levanto, tu me caças como a um leão feroz e de novo revelas poder maravilhoso contra mim. Tu renovas contra mim as tuas testemunhas e multiplicas contra mim a tua ira; males e lutas se sucedem contra mim. (10.14-17)

> Quantas culpas e pecados tenho eu? Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado. Por que escondes o rosto e me tens por teu inimigo? (13.23-24)

Como se não houvesse mais nada, Jó apela para os próprios interesses de Deus. Deus havia investido uma grande quantidade de sabedoria e energia na criação de Jó. Então, por que – não faz nenhum sentido

– Deus ataca desse modo e prejudica a sua própria obra? Ele aponta para Deus o momento em que "Chamar-me-ias, e eu te responderia; terias saudades da obra de tuas mãos" (Jó 14.15), pois certamente Deus se importa e ama aqueles que são feitos, à sua imagem (cf. 7.21; 10.8-12).

Eu desejo falar com o Todo-poderoso (não você)

Estar diante de Deus é uma coisa aterrorizante. Jó está abalado o suficiente quando se senta sobre o monte de cinzas, sem ver a visível presença de Deus, ou entrar em sua corte. Antes que ele pudesse fazer sua defesa, Deus teria de protegê-lo misericordiosamente do terror e remover o sofrimento físico e os danos que deixaram Jó tão pouco apresentável diante do trono de Deus; então ele apela.

> Mas falarei ao Todo-Poderoso e quero defender-me perante Deus... Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento. Também isto será a minha salvação, o fato de o ímpio não vir perante ele... Tenho já bem encaminhada minha causa e estou certo de que serei justificado. Quem há que possa contender comigo? Neste caso, eu me calaria e renderia o espírito. Concede-me somente duas coisas; então, me não esconderei do teu rosto: alivia a tua mão de sobre mim, e não me espante o teu terror. Interpela-me, e te responderei ou deixa-me falar e tu me responderás. (Jó 13.3, 15-16, 18-22)

Mas então, Jó está preocupado de que, se ele falasse com Deus, todas as suas palavras seriam confusas – ele apareceria como um tolo diante da sabedoria da corte celestial. Mesmo que ele estivesse certo em sua tese, pareceria ser culpado porque não seria capaz de expressar-se corretamente. Seus temores não são diferentes dos de toda pessoa diante de um tribunal de hoje.

> Na verdade, sei que assim é; porque, como pode o homem ser justo para com Deus? Se quiser contender com ele, nem a uma de mil coisas lhe poderá responder. (Jó 9.2-3)

> Como, então, lhe poderei eu responder ou escolher as minhas palavras, para argumentar com ele? A ele, ainda que eu fosse justo, não lhe responderia; antes, ao meu Juiz pediria misericórdia. Ainda que o chamasse, e ele me respondesse, nem por isso creria eu que desse ouvidos à minha voz. (9.14-16)
>
> Se se trata da força do poderoso, ele dirá. Eis-me aqui; se, de justiça. Quem me citará? Ainda que eu seja justo, a minha boca me condenará; embora seja eu íntegro, ele me terá por culpado. (9.19-20)
>
> Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará. Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo. Por isso, me perturbo perante ele; e, quando o considero, temo-o. Deus é quem me fez desmaiar o coração, e o Todo-Poderoso, quem me perturbou, porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto. (23.13-17)

Sem nenhuma resposta da parte de Deus e essas perguntas soando mais como um monólogo de uma oração ou uma defesa, Jó repetidamente se volta para a razão e a lógica. Se Deus não vai falar com ele do céu, e Jó não pode subir ao céu para falar com Deus, então ele vai precisar dos serviços de um mediador.

> ... ele não é homem, como eu, a quem eu responda, vindo juntamente a juízo. Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos. Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror; então, falarei sem o temer; do contrário, não estaria em mim. (Jó 9.32-35)

Tem de haver um mediador?

Na intensa luta mental de Jó, surge lentamente o conceito de que, para que todas essas cinco coisas possam ser verdades, esse mediador deve de fato existir. Se Deus é soberano e tudo isso é ação de Deus; se Deus é justo e ele declarou que Jó é justo; se Deus cuida da imagem desse homem de Deus que ele formou do pó da terra; se tudo isso é real

e não um sonho – então deve haver alguém que possa se colocar diante de Deus e falar em nome de Jó e apresentar sua defesa. O tribunal de Deus deve ser um lugar onde um homem justo possa ser defendido e justificado. Portanto, se Deus não vai trazer o tribunal para a terra e se Jó não pode ascender ao céu e entrar nele, deve haver alguém que possa representá-lo no céu. A lógica é inevitável e força a conclusão de que esse mediador e advogado deve estar lá. Assim, esse conceito latente se completa em toda a sua força.

> Ó terra, não cubras o meu sangue, e não haja lugar em que se oculte o meu clamor! Já agora sabei que a minha testemunha está no céu, e, nas alturas, quem advoga a minha causa. Os meus amigos zombam de mim, mas os meus olhos se desfazem em lágrimas diante de Deus, para que ele mantenha o direito do homem contra o próprio Deus e o do filho do homem contra o seu próximo. (Jó 16.18-21)

Ter conhecimento de toda a Bíblia e ter recebido um bom ensino do evangelho ao longo dos anos pode ter imbuído em nós um entendimento por demais casual e tido como certo de quem é Jesus, e o que ele fez e continua a fazer por seu povo. Na fornalha do sofrimento, quando os céus estão como latão em brasa e Deus parece estar em silêncio, quando até mesmo as Escrituras parecem um deserto estéril não trazendo nenhum consolo ou alegria (e há tempos como esse para o crente), temos de saber que o nosso Mediador está diante do trono de Deus e fala por nós. Podemos nos sentir como uma criança esperando do lado de fora do quarto, enquanto outros decidem o nosso destino, mas aquele que está no trono é nosso Pai, e quem fala por nós é o nosso irmão e esse é o lugar onde a justiça é feita e a verdade prevalece.

Existe, de fato

O apóstolo João foi veemente ao lembrar a igreja que, mesmo que o crente possa pecar, por mais terrível que isso fosse (1Jo 3.4-10): "estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1Jo 2.1-2).

Quando Estêvão foi arrastado do Sinédrio e apedrejado até a morte, pouco antes de morrer viu os céus abertos e um vislumbre do lugar para onde ele estava prestes a ir. Ele disse: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus" (At 7.56). Lá, ele viu seu advogado, o Filho do Homem. Esse homem sem pecado, tendo pago pelos nossos pecados, ressuscitou para ser entronizado à mão direita do Pai em glória (Dn 7.13-14 e At 1.9-11) e ele é o nosso Advogado e Mediador, nosso grande Sumo Sacerdote, como o escritor aos Hebreus diz (Hb 4.14). Mas, como Estêvão foi apedrejado até a morte, o seu Advogado se levanta do trono e coloca-se em pé. As últimas palavras de Estêvão são gritar de emoção e satisfação ante essa revelação. Para Jó era uma necessidade lógica que permanecia invisível. Para nós é uma verdade que nos foi trazida por uma nuvem de testemunhas. E nessa verdade encontramos garantia, mesmo no pior dos tormentos. E para ele gritamos, nós, com as mãos levantadas, e sabemos, mesmo por meio do silêncio, que o nosso caso está perfeitamente apresentado ao juiz de toda a terra que irá agir corretamente (Gn 18.25).

Para reflexão adicional

1. Quando você ora e fala com Deus sobre como se sente, é honesto e conta tudo para ele, ou fica preocupado que possa dizer alguma coisa errada? O que dizer e o que não dizer? Onde traçar a linha?

2. Em que sentido é correto que um cristão tema a Deus?

3. Se Deus é soberano e tudo acontece de acordo com seu plano, por que orar em situações como essa? Como Jó poderia ter respondido a essa pergunta em diferentes pontos da sua vida?

Parte três

Um tempo para agir

9

Aprendendo por meio da fidelidade



Um dos aspectos mais difíceis quando se é um professor ou um pai é quando você sabe uma resposta e tem que ficar assistindo, enquanto o aluno ou a criança tenta descobri-la. Parece haver uma pressão avassaladora dentro de nós para assumir e mostrar-lhes como é feito ou mesmo fazer para eles – na tentativa de ajudar, é claro.

Essa é a experiência do público ao ouvir a leitura de Jó hoje. Com a nossa Bíblia inteira em mãos, conhecendo a história de Adão a Atos, é muito frustrante ver e ouvir Jó tentando fazer sentido de toda aquela situação com apenas sua pequena gota de verdade do evangelho.

Por que então nós, como leitores, tendemos a supor que Jó não aprendeu nada por meio desse processo? É porque, no final, Deus diz que Jó falou apenas o que era reto (Jó 42.7-8)? Ficamos confusos sobre algumas das coisas que Jó diz. Num minuto, ele parece estar dizendo coisas que nós podemos aclamar. Em outro, ele diz algo muito estranho. Alguns comentaristas se apressam em identificar múltiplos autores e fontes. Outros leitores se apressam em encontrar caminhos para harmonizar e explicar algumas dessas coisas. Talvez seja preciso refletir sobre nossas suposições.

Uma pessoa pode aprender mais da verdade sem cometer pecado, ou sem entendê-la errado? Devemos voltar e ler no início da compreensão do homem toda a verdade que ele defende no final?

Clair Davis compartilhou alguns entendimentos notáveis com os seus alunos dos cursos de História da Igreja que ele ensinava no Westminster Seminary. Para os homens jovens zelosos pela verdade, a história da igreja coloca alguns problemas difíceis. No século 5º. d.C., o que

as pessoas criam quanto à expiação? Qual teria sido a posição delas a respeito de questões como a justificação pela fé e predestinação, ou sobre a inerrância da Escritura? Davis demonstrou cuidadosamente que não era correto examinar ou julgar um homem sobre sua posição quanto a uma questão que nunca foi colocada a ele. Cada controvérsia na história da igreja serve para peneirar a fé da geração que teve de lidar com ela. Podemos apenas questionar a posição das pessoas sobre um assunto durante ou após o momento em que ocorreu a discussão. E assim é com Jó.

Esse conceito também nos ajuda a entender um versículo difícil escondido em Hebreus que tem sido uma grande ajuda para os crentes de qualquer época. Ele afirma de Jesus "embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5.8). Nossa questão inicial é a de saber como Jesus, que é Deus e homem, e que foi sem pecado, podia ter "aprendido" a obediência. Ele não foi sempre perfeitamente obediente? E como é que o sofrimento lhe ensinou qualquer coisa que ele não soubesse?

Em todos os nossos debates sobre a Trindade e a natureza de Deus e de Jesus, às vezes perdemos de vista algo que foi um grande consolo e encorajamento para a primeira geração dos cristãos e, especialmente, para o escritor da Carta aos Hebreus. Quando Deus se fez carne e entrou neste mundo como um homem, ele escolheu trabalhar dentro das mesmas limitações que ele nos chama a viver. Sua humanidade tinha integridade, e a sua tentação e sofrimento também. Ele não experimentou a vida como um estrangeiro que tivesse ido prestar ajuda humanitária numa área de desastre. Deus não passou por aqui simplesmente para uma visita. Ele tornou-se um de nós. E isso significava que o bebê teve de aprender a sentar-se, a falar, a andar, e até mesmo ser treinado para usar o banheiro. Recentemente, uma menina muçulmana, numa aula de estudos bíblicos, em nossa escola do ensino médio, disse por que não conseguia crer em Jesus. Ela não podia crer num Deus que havia se tornado homem e precisou usar o banheiro. Mas Jesus foi plenamente humano.

Como um jovem, Jesus teve de aprender a ser um homem. Instintos impecáveis e uma personalidade intacta teriam transformado esse processo de aprendizagem de maneira dramática. Mas Jesus aprendeu a viver neste mundo como um de nós. Ele não tinha pecado e, então, aprendeu a não pecar. Ele apenas aprendeu.

O conhecimento de Jesus e suas habilidades desenvolveram-se como os nossos. Quando ele nos diz que não sabe a data do julgamento

(Mt 24.36), não devemos ficar chocados. Se tivesse sido de outro modo, poderíamos olhar para a sua obediência e o seu cumprimento da lei de Deus e dizer. "Sim, mas o que você esperava? Ele é Deus, não é?" Quando olhamos para a tentação no deserto – pareceria uma piada, nada mais que uma montagem. Como Deus poderia ser tentado a adorar a Satanás? Mas, então, coloque o homem diante do diabo e ofereça lhe dar o mundo e livrá-lo da crucificação – e você terá um encontro diferente.

Talvez, então, seja uma boa ideia olhar novamente o motivo pelo qual Jesus não fez milagres antes de receber o Espírito Santo e por que seus seguidores tiveram de permanecer escondidos até que tivessem recebido o mesmo dom (Mt 3.11, 16; Jo 6.27, At 1.4-5, 8, 2Co 1.22, Ef 1.13; 4.30).

Há fortes semelhanças entre o que vemos de Jó e o que o escritor aos Hebreus diz de Jesus, quando ele escreve:

> Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. (Hb 5.7-9)

Em ambos os casos há uma evolução da compreensão pela experiência de ser fiel durante o sofrimento.

Logo, precisamos ter cuidado. Muitos que procuraram por uma relação mais estreita com Deus concluíram que podem atingir seu objetivo infligindo dores a si mesmos. Eles tomaram as experiências daqueles que têm sofrido e, consequentemente, aproximaram-se de Deus mediante esse sofrimento, e pensam que se trata de uma receita que podem aplicar a si mesmos. Dentro disso estão desenhados os elementos do orgulho e da justiça própria dos fariseus, que passavam pó no rosto para impressionar as pessoas com o sofrimento de seu jejum excessivo (Mt 6.16-17). Há uma mentira aqui. Não é o sofrimento que torna o relacionamento mais próximo – é a fidelidade de uma vida sobre a qual não temos controle e pela qual não podemos receber nenhum crédito.

A compreensão de Jó cresceu, não só por meio do sofrimento e sua fidelidade na perseverança, mas também mediante a estimulação do debate com seus amigos. Como nós, o público, acompanhamos os debates

em Jó e, mais tarde, nos Evangelhos, nosso entendimento então também deve ser afiado e amolado (Pv 27.17). Jó está sendo induzido a pensar, e o mesmo acontece com o público. O problema é que pensar às vezes é desconfortável, muitas vezes é perturbador, e pode até parecer semelhante à dor – é como se a nossa cabeça estivesse prestes a explodir.

E não é apenas um volume muito grande de informações adicionais que está sendo despejado. Esse não parece ser o problema de Jó. Ao contrário, ele é forçado a reexaminar suas crenças.

Se estivermos fundamentados na Palavra de Deus, a dor do processo pode ser terrível, mas o desafio para a nossa fé não – pelo contrário, ele deve ser aceito. Devemos temer apenas se abandonarmos as "palavras do Santo", e então não há segurança em nada e tudo está fora de controle e é aterrorizante.

Se eu morrer

Quando lemos Jó, nossa atenção principal está centrada na questão de como Deus poderia ser justo e permitir que todo aquele sofrimento pudesse acontecer a um homem justo tal como Jó. Porém, por meio do sofrimento, outra questão vem à tona. Em face do silêncio de Deus, o sofrimento de Jó força algumas reflexões sérias sobre a natureza da morte e do que há além dela. Jó começa a refletir sobre o que aconteceria se ele morresse nesse monte de cinzas. Para onde isso levaria o nosso entendimento da justiça de Deus?

No desespero de Jó, ele quer morrer porque essa parece ser a única maneira de acabar com a dor. Para os seus amigos, é impensável para um homem justo morrer numa condição tal qual a de Jó. Se Jó é justo, eles argumentam, então de modo algum Deus permitiria que morresse daquele jeito – e, ironicamente, eles estavam certos nesse caso. Quando Jó gritava de dor e pedia a Deus para acabar com sua vida, a garantia de que ele iria viver por muitos anos se ele fosse justo parecia cruel.

Mas então, se ele morresse, ele está certo de que sua dor iria acabar? Ele parece estar convencido disso: "Porque já agora repousaria tranquilo; dormiria, e, então, haveria para mim descanso... Ali, os maus cessam de perturbar, e, ali, repousam os cansados" (Jó 3.13, 17).

Ele também parece convencido de que, se morrer, deixará de existir.

> Os olhos dos que agora me veem não me verão mais; os teus olhos me procurarão, mas já não serei. Tal como a nuvem se desfaz e passa aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o lugar onde habita o conhecerá jamais. (Jó 7.8-10) Pois agora me deitarei no pó; e, se me buscas, já não serei. (7.21)

Qualquer conceito de vida após a morte ou um tempo de retorno para o julgamento parece ser excluído por algumas das coisas que Jó diz no início de seus debates. Às vezes, há a menção de um submundo de trevas e caos, onde os espíritos dos mortos residem, conceitos que podem ser encontrados em diferentes formas na literatura dos povos pagãos do Egito à Mesopotâmia, dois mil anos antes de Cristo.

> Não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me, para que por um pouco eu tome alento, antes que eu vá para o lugar de que não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte; terra de negridão, de profunda escuridade, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é tenebrosa. (Jó 10.20-22)

> O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece; e sobre tal homem abres os olhos e o fazes entrar em juízo contigo? Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém! Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites além dos quais não passará. Desvia dele os olhares, para que tenha repouso, até que, como o jornaleiro, tenha prazer no seu dia. Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova. O homem, porém, morre e fica prostrado; expira o homem e onde está? Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono. (14.1-12)

Mas, então, Jó começa a pensar até mesmo na possibilidade de um retorno da morte e de uma justificação diante do trono de Deus.

> Que me encobrisses na sepultura e me ocultasses até que a tua ira se fosse, e me pusesses um prazo e depois te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha luta esperaria, até que eu fosse substituído. Chamar-me-ias, e eu te responderia; terias saudades da obra de tuas mãos; e até contarias os meus passos e não levarias em conta os meus pecados. A minha transgressão estaria selada num saco, e terias encoberto as minhas iniquidades. (14.13-17)

Jó começa a perceber que se ele tivesse de morrer nesse monte de cinzas, as questões ainda teriam de ser resolvidas, ou não haveria nenhuma maneira de se apegar à justiça tanto de Jó quanto à de Deus.

Talvez a doença no corpo de Jó tivesse avançado ou a sua dor aumentara significativamente, mas há uma deterioração na perspectiva de Jó entre Jó 3 e Jó 16. Inicialmente ele queria morrer, mas viu isso como algo que necessitava de intervenção direta de Deus. Jó 16 soa como se ele estivesse esperando morrer logo, e sua mente está voltando a considerar as possibilidades do que isso envolveria.

Redima-me

Uma coisa é certa, Jó não queria morrer e ser esquecido. Ele quer que o seu grito por justificação seja respondido, e quer que Deus o declare justo diante do mundo inteiro. Ele usa uma linguagem que pode já ter sido uma convenção legal. Ele pode ter conhecido o costume que exigia o parente mais próximo do sexo masculino (o "vingador de sangue", sob o pacto posterior no Sinai; Nm 35, Dt 19.6, 12) para acertar as coisas no caso de um assassinato. Assim ele grita: "Ó terra, não cubras o meu sangue, e não haja lugar em que se oculte o meu clamor!" (Jó 16.18).

Ao longo de todo o restante das Escrituras há uma determinação semelhante de que Deus não pode permitir que qualquer crime ou injustiça fique sem solução. Para que Deus seja Deus, deve haver justiça, e as questões devem ser acertadas. Na verdade, é dito que o sangue de todos os servos fiéis de Deus, assassinados por sua fidelidade, clamam

pela justiça de Deus agora mesmo (Lc 11.51; Hb 12.24). Não pode haver "escapar impunemente" num mundo sob Deus.

À medida que a nação de Israel estava sendo constituída para ser um modelo do reino de Deus, as leis foram estabelecidas para ensinar o conceito de redenção. Mais tarde, se os parentes do sexo masculino mais próximos, e sucessores, falhassem ou não estivessem disponíveis, eventualmente o rei, como constituído pelo pacto com Davi em 2Samuel 7, seria o parente do sexo masculino mais próximo no final dessa linha de sucessão. O próximo depois dele seria Deus, já que o rei era chamado de filho de Deus.

Jesus finalmente cumpre a lei e se torna o nosso resgatador supremo. Como tal, ele tem quatro tarefas – o resgate da herança familiar (o nosso lugar na Terra Prometida, a outra criação); a redenção da nossa pessoa da escravidão caso fiquemos endividados (Lv 25.25); a redenção do nosso nome para que não morramos e sejamos esquecidos (Dt 25.5-10, cf. Is 62.2; Ap 2.17, 3.12); e a redenção do nosso sangue, se algum crime de violência for cometido contra nós (Nm 35).

Nas mãos de homens pecadores, essas necessidades são atendidas não por uma justiça superior, mas pela guerra egoísta e vingança pessoal. A redenção do sangue é corrompida em *vendetta* pessoal.

Jó não procura vingança contra Deus ou qualquer outra pessoa. O que ele quer é justiça e a certeza de que Deus é fiel à sua palavra. A morte agora se agiganta na mente de Jó. Ele parece ter desistido da esperança de que Deus responda ao seu clamor antes que ele morra. Então, começa a luta para imaginar como poderia ser significativamente justificado depois que morresse.

Podemos observar uma vibração no pensamento de Jó nesse momento. À medida que passamos para os capítulos 16 e 17, surgem novas possibilidades. Em Jó 16.22 ele fala da morte como "seguir o caminho de onde não tornarei". Seu futuro parece estar na sepultura (17.1). Porém, em seguida, ele pergunta. "Onde está, pois, a minha esperança? Sim, a minha esperança, quem a poderá ver? Ela descerá até às portas da morte, quando juntamente no pó teremos descanso" (Jó 17.15-16).

Em Jó 19, ele encontra uma solução, embora apenas uma necessidade lógica que ele se esforça para expressar. Olhando para além de sua morte, ele quer que seu clamor por justiça seja colocado como uma inscrição em algo permanente, como um rolo de couro ou um rolo de chumbo, ou mesmo numa estela de pedra. "Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem me dera fossem gravadas em livro!

Que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!" (Jó 19.23-24).

Então, vem esse raio como se fora de um céu claro, quando Jó pinta um retrato da justificação que satisfaz todos os aspectos do caráter de Deus e da justiça. Juntando todas as ideias seminais que ele havia expressado sobre a sua defesa para o céu e seu sangue clamando por justiça, ele grita:

> ... eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim. Se disserdes: Como o perseguiremos? E: A causa deste mal se acha nele, temei, pois, a espada, porque tais acusações merecem o seu furor, para saberdes que há um juízo. (Jó 19.25-29)

A única maneira de Jó poder ser justificado após sua morte seria se alguém entrasse e apresentasse a sua defesa em seu nome. Portanto, esse redentor deve existir.

Além disso, a questão deve ser resolvida na terra. Jó não tinha dúvida sobre as declarações de Deus no céu. Toda a sua confiança é baseada nas palavras de Deus de que ele é justo, e essas palavras ele conhece – e , provavelmente, todo o céu também. O problema é que ninguém no mundo parece saber disso exceto Jó; então, a justificação de que Jó precisa deve ocorrer na terra.

Para que isso funcione, Jó precisaria estar fisicamente presente e fisicamente restaurado ou essa justificação não seria fiel à realidade. Como tal, Jó então deve ver a Deus, porque para acontecer a justificação, Deus teria de responder ao vingador de sangue e aparecer e entregar essa justificação. Ela não funcionaria se apenas parentes de Jó estivessem presentes nessa cena do tribunal na Terra. Se "outro" estivesse lá para ver e não o próprio Jó, seria uma justificação falsa, nada além de palavras vazias. Se Jó morresse assim não haveria recuperação física, então não haveria nenhum sentido para o conceito da redenção. Poderia ser uma compensação à família, mas não seria a redenção de Jó.

Jó ainda está perturbado e seu coração está explodindo – mas seus amigos tinham de reconhecer que haveria esse dia de julgamento depois

da morte, e assim eles estavam avisados que era melhor não ser encontrado em guerra contra alguém que Deus vai justificar.

Nesse desabafo, Jó é muito parecido com o Eclesiastes, o "Pregador", no livro de mesmo nome. Se partirmos do princípio de que a morte é a aniquilação, então nada tem qualquer significado ou faz qualquer sentido. Tudo é apenas o vazio. Porém, se, após a morte, houver o juízo e a justiça for feita, então a avaliação de Deus dá o significado de tudo. Se isso for verdade, então seria sábio manter isso em mente na juventude e não esperar para descobrir até que os anos sejam gastos na procura de sentido para a própria criação (Ec12).

A concepção de Jó desse cenário surgiu como uma necessidade lógica. Ele chega a ela apenas porque a dor e as discussões com os seus amigos tornam impossível para ele ficar longe da questão – mesmo que por um minuto.

Contudo, mesmo assim, é pouco mais do que um conceito. Não há gritos e liberação de grande alegria em descobrir a solução. Nenhuma pressão foi aliviada. A dor continua, e o debate ainda grassa. Esse conceito, como a retidão e a integridade de Jó, é como um diamante pequeno, que alguém pensa ser de vidro e é impossível de ser comprovado. Jó se apega a ele como a própria vida sem nenhuma sensação de triunfo ou celebração.

Eu vou sair como o ouro

Nos debates restantes, Jó analisa o destino dos ímpios e dos justos, como ambos morrem e são enterrados como se não houvesse nenhum proveito na justiça (Jó 21.7-13). Ele observa que compensar a família de uma pessoa depois da morte dela não traz nada para a pessoa que morreu (21.21). Ele lembra a todos os presentes que Deus é juiz de todos (21.22) e, assim, por implicação, todos devemos enfrentá-lo – e ninguém pode ensiná-lo ou corrigi-lo. E assim ele declara sua garantia de que mesmo se ele morrer "ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro" (23.10). Ele deseja que o julgamento não fosse algo fixado por Deus num tempo distante, mas que fosse uma coisa à qual pudéssemos constantemente ir para a defesa (24.1). No entanto, Deus é soberano, mesmo sobre os mortos – eles não estão escondidos dele (26.6). Ele lembra a si mesmo e ao seu público que não há esperança

para os ímpios, nem na morte, nem além dela (27.8-10, 13-23). E assim ele toma sua posição como alguém que está preparado para morrer – e fica em silêncio (Jó 30.23).

Quando Jesus falou aos discípulos de sua iminente morte e ressurreição, Pedro repreendeu-o e foi, por sua vez, repreendido (Mc 8.31-33). O restante dos discípulos respondeu como se não tivesse ouvido uma palavra do que Jesus tinha dito. Pediram cargos em seu gabinete após a sua entronização em Jerusalém como rei – tal era a compreensão que eles tinham do que estava prestes a acontecer (Mc 10.35-45).

Mesmo depois da ressurreição de Lázaro e outros, o plano de Deus para nossa redenção não fazia nenhum sentido para ninguém, parece, exceto para Jesus. Mas, em retrospectiva, uma coisa espantosa de se ver é o plano de Deus e a preparação e a forma como a graça e a justiça reuniram-se num homem justo, o nosso vingador de sangue, que morreu como um criminoso para salvar o seu povo e apresentá-lo perante o seu trono na terra, como os santos de Deus e herdeiros de outra criação (Dn 7.21-22; Ap 19-22).

Uma coisa é crer no evangelho. Porém, é pela perseverante fidelidade que chegamos a compreendê-lo e apreciá-lo.

Para reflexão adicional

1. Quais as áreas de obediência que Jesus aprendeu com o que ele sofreu?

2. O aprendizado é muitas vezes um desafio para o nosso orgulho. Como Hebreus 5.8 nos ajuda a ter uma atitude semelhante à de Cristo – um espírito dócil?

3. Pense sobre as semelhanças entre a vida e o ministério de Jesus e o da igreja primitiva, depois do recebimento do dom do Espírito Santo. Que diferença faz, então, o dom do Espírito Santo na vida da igreja hoje?

4. Você poderia explicar para um amigo, a partir da Bíblia, o que acontece depois que morremos?

5. Qual é a diferença entre o resgate de sangue (Nm 35) e a vingança pessoal?

6. O que terá de ser corrigido no seu caso para que a redenção aconteça na ressurreição? Compare o caso de Jó com o seu.

7. Será que você "vai sair como o ouro"? Como você sabe?

10

Quem mais está assistindo?



O sofrimento, de qualquer forma que se apresente, aumenta a pressão emocional de uma pessoa e reduz a flexibilidade e a tolerância sociais. Quanto mais vulnerável uma pessoa é, mais volátil ela pode ser.

Dos 3 aos 17 anos eu sofri de asma aguda, e qualquer forma de exercício ou esforço físico significava uma crise. Qualquer coisa que deixasse uma criança normal com falta de ar me fazia pensar se eu conseguiria continuar respirando. O problema não estava na inspiração do ar, mas em conseguir expeli-lo a tempo para a próxima respiração. É uma sensação terrível. Eu ficava absolutamente imóvel, forçando o diafragma a empurrar o ar para fora contra todos os desejos físicos para inspirar – mantendo o ritmo "soprar-2-3-inspirar-2-3" e assim por diante, até que meus pais ficassem assustados o suficiente para chamar o médico. Naquele tempo, não havia inaladores, então tínhamos de esperar o médico vir e me dar uma injeção de adrenalina na perna. Enquanto isso, eu ficava aterrorizado de que alguma pessoa bem-intencionada tentasse me fazer sentar ou me tocasse, fazendo que eu perdesse o ritmo.

Quando outras crianças brincavam de lutar como fazem os meninos, eu me mantinha a distância. Numa ocasião, eles me envolveram em sua massa de braços e pernas, e começou o meu ataque de asma. Como eu era menor do que os garotos da minha idade, e o mais relutante em entrar em contato físico, foi como um choque para algumas pessoas me verem tentando me libertar da brincadeira com bastante violência; mas eu não teria feito nada para ninguém naquele momento. Eu precisava respirar. Não é de admirar que, em momentos como esse, boas maneiras

e palavras gentis tendem a estar em baixa na escala de prioridade por causa da necessidade de estabelecer comunicações claras como "afaste-se, não me toque!"

Tendo essas lembranças, admito ter achado mais do que divertido quando o nosso pastor relatou o nascimento de seu primeiro filho. Tanto ele como o médico haviam estado em Israel, de modo que entraram numa discussão sobre as suas respectivas experiências enquanto sua mulher passava pelos últimos estágios do trabalho de parto e as coisas começaram a acontecer. Timidamente, ele contou à igreja no domingo seguinte que por muito pouco ele não tinha conseguido um olho roxo. A reação da esposa teve o efeito desejado tanto sobre o marido como sobre o médico. Vindo de uma mulher tão graciosa, essa explosão estava tão longe do seu modo de ser que nós rimos até nossas costelas doerem.

Se houver só uma chance de uma pessoa reagir de modo errado é nessa situação. A menos, é claro, que alguém que esteja se apegando à fé no evangelho com o mesmo desespero que eu vivi quando estava empurrando o ar para fora na crise de asma. Como os três amigos de Jó se juntaram para apresentar seus argumentos, as respostas de Jó precisam ser entendidas num nível além das abstrações da lógica e sem os constrangimentos das convenções sociais.

Na dor, nossa mente vai correr por meio de conexões lógicas com a pressa de uma pessoa que está se afogando. Nesses momentos, a urgência do objetivo faz as boas maneiras parecerem uma ameaça à própria vida. Os amigos de Jó entraram em sua visão não como salva-vidas lançando-lhe uma boia, mas como inimigos atirando obstáculos para impedi-lo de chegar à superfície. Não é de estranhar, portanto, descobrir que ele evitou envolvê-los no debate; antes, concentrou sua energia em rechaçá-los para que ele pudesse interagir com Deus e obter a resposta que ele tão desesperadamente queria ouvir. Naturalmente, eles ficam ofendidos quando ele rejeita a ajuda deles. E nada faz um homem justo parecer menos justificado do que uma demonstração de maus modos.

À medida que lemos esse roteiro, podemos encontrar as nossas memórias nos chamando de volta para os Evangelhos. Se formos comparar as respostas de Jó para os amigos com as respostas de Jesus aos seus acusadores, descobriremos algo de Jesus que é fácil passar despercebido.

Quando lemos algumas das coisas que Jesus disse a essas pessoas, podemos pensar: "Oh!, essa foi um pouco dura!" De vez em quando, parece que Jesus tinha o pavio curto e reagia com uma resposta devastadora que podemos considerar muito mais forte do que a situação parecia

pedir. Lembramos a nós mesmos que ele é o Filho de Deus sem pecado, que de fato ele é Deus em carne, e assim buscamos encontrar algo que pudesse explicar tais ímpetos. Sabemos que ele não pecou. Mas se o nosso pastor falasse dessa maneira com qualquer pessoa...

Comparando Jó com Jesus, o terreno comum é a justiça e o sofrimento deles. Talvez nós nunca apreciássemos o grau de sofrimento de Jesus, o homem, quando ele andou pela terra e vivenciou o seu estrago e o estado de uma humanidade caída, sabendo, como ele sabia, que cada etapa o levava para mais perto da cruz. A tentação de cultuar Satanás e ignorar a crucificação era real. O constante fogo cruzado dos adversários buscando acusá-lo de pecado por um lado, e a massa de pessoas que não tinham conhecimento de quem ele era ou o que estava fazendo ou dizendo por outro, teriam provocado em qualquer outro homem algumas reações extremas. Então, há semelhanças entre Jó e Jesus que nós, como povo de Deus, talvez devamos pensar em como também somos chamados a enfrentar os nossos adversários e acusadores.

Compreendendo nossos inimigos

Em contraste com a sabedoria de Jó, seus amigos são modelos de loucura. Mas os tolos não são necessariamente simples. Citando Isaías 29.14, Paulo escreve:

> A palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito. Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.
> Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia

> do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.
> Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção. (ICo 1.18-30)

Em cada geração, aqueles que são salvos pela graça em Cristo devem enfrentar aqueles que querem nos salvar ou que negam a necessidade de salvação. Às vezes, essas discussões podem ser altamente estimulantes e até proveitosas. Muitas pessoas conheceram a Cristo ao levar a sabedoria deste mundo para a discussão, fazendo perguntas e buscando respostas do povo de Deus que é qualificado e capaz de entender as perguntas e encontrar as respostas na Palavra de Deus. Porém, os amigos de Jó não estão em busca de respostas. Como também não estão os líderes religiosos judaicos, que buscavam encontrar fundamentos nos ensinamentos de Jesus para acusá-lo de um crime que era digno da morte. Opor-se ao evangelho é o cúmulo da loucura. A sabedoria é temer a Deus e buscar a verdade. Uma pessoa tola é aquela que busca perseguir o povo de Cristo. Eles iniciam um tipo muito diferente de conversa.

A sabedoria precisa ser capaz de dizer a diferença entre uma busca por informação e um ataque.

Repreender o inimigo

Antes de observar e aprender a partir da interação de Jó com o tolo, precisamos parar e lembrar que antes nós éramos tolos. De qualquer ângulo que nos consideremos, nós mandamos Jesus para aquela cruz. Não vemos o tolo de uma posição de triunfo e de orgulho, mas de joelhos, como aqueles que tomaram a sua cruz e entraram na fila dos condenados à morte. E pensamos naqueles que hoje tomam os seus lugares nessa

fila, literalmente. "Não respondas ao insensato segundo a sua estultícia, para que não te faças semelhante a ele. Ao insensato responde segundo a sua estultícia, para que não seja ele sábio aos seus próprios olhos" (Pv 26.4-5).

Esses provérbios nos deixam com um pequeno dilema, não? O que, então, devemos fazer?

Às vezes, a única maneira de entender uma passagem da Escritura é ir e experimentar. É quase sempre o caso que as habilidades que a Bíblia está ensinando só fazem sentido quando você está se movendo para fazer as escolhas certas e dizendo as coisas certas da maneira certa.

Assim, quando nos perguntamos sobre como lidar com os tolos, tomamos o nosso lugar e assistimos a como Jó fez isso.

A primeira coisa que observamos é que ele não gastou muito tempo conversando com seus amigos. Na verdade, ele nunca aborda diretamente os amigos individualmente. Quando ele fala com os amigos, fala com os três juntos, usando o pronome no plural.

As respostas iniciais de Jó são a título de reprimenda. Sua primeira repreensão é devastadoramente vívida. Para toda pessoa familiarizada com o interior da Austrália ou a paisagem de uma área propensa à seca, o estilo de Jó é impressionante.

> Ao aflito deve o amigo mostrar compaixão, a menos que tenha abandonado o temor do Todo-Poderoso.
>
> Meus irmãos aleivosamente me trataram; são como um ribeiro, como a torrente que transborda no vale, turvada com o gelo e com a neve que nela se esconde, torrente que no tempo do calor seca, emudece e desaparece do seu lugar. Desviam-se as caravanas dos seus caminhos, sobem para lugares desolados e perecem. As caravanas de Tema procuram essa torrente, os viajantes de Sabá por ela suspiram. Ficam envergonhados por terem confiado; em chegando ali, confundem-se. (Jó 6.14-21)

À medida que a interação continua, os amigos de Jó abandonam todas as tentativas de boas maneiras ou calma diplomacia. A censura franca transforma-se em sarcasmo, acusação e advertência.

> Jó, porém, respondeu: Como sabes ajudar ao que não tem força e prestar socorro ao braço que não tem vigor! Como sabes

> aconselhar ao que não tem sabedoria e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento! Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E de quem é o espírito que fala em ti? (Jó 26.1-4)
>
> Então, Jó respondeu: Na verdade, vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria. Também eu tenho entendimento como vós; eu não vos sou inferior; quem não sabe coisas como essas?...
>
> Mas pergunta agora às alimárias, e cada uma delas to ensinará; e às aves dos céus, e elas to farão saber. Ou fala com a terra, e ela te instruirá; até os peixes do mar to contarão. Qual entre todos estes não sabe que a mão do SENHOR fez isto? (Jó 12.1-3, 7-9)

As acusações de Jó são devastadoras e extensas (cf. Jó 6.27; 13.2-11; 19.1-6, 20-22; 21.1-6, 28-34).

Se nos voltarmos depois para os Evangelhos para rever as conversas de Jesus com os seus adversários, descobriremos um padrão semelhante. Entre suas repreensões, lemos tais descrições vívidas como: "Ai de vós, guias cegos!" (Mt 23.16); "Sois semelhantes aos sepulcros caiados" (Mt 23.27); "Serpentes! Raça de víboras!" (Mt 23.33).

Muitas das parábolas de Jesus funcionam como acusações sarcásticas contra os escribas, fariseus, saduceus e herodianos, que procuravam motivos para fazer uma acusação contra ele. A posição social, a autoridade religiosa e a reputação acadêmica deles são retratadas nas parábolas de uma maneira tão cômica que chegam a causar um constrangimento devastador, e ainda mais pelo fato de que eles eram muito lentos para entender o que ele estava dizendo, ainda que no final eles compreendessem (Mt 21.45).

Por trás de todos esses encontros, Jó diz a seus adversários: "Vede que conheço os vossos pensamentos e os injustos desígnios com que me tratais" (Jó 21.27). Aquele que é sábio e fiel vê além das palavras a intenção do coração e percebe que esses são ataques, não busca pela verdade. Assim, lemos: "Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse. Por que cogitais o mal no vosso coração?" (Mt 9.4; cf. Mt 12.25; Mc 2.8; Lc 5.22; 11.17).

Pregando para o público

Confrontados com essa oposição, Jó e Jesus tendem a evitar envolver-se num diálogo com o adversário. Jesus sabia que estava se aproximando o tempo em que o Espírito Santo seria derramado, e que quando ele viesse, haveria muitas pessoas que se lembrariam desses acontecimentos e seriam capazes de dar sentido ao que Jesus havia dito e feito. Não apenas seus discípulos confusos viriam a entender, mas até mesmo alguns fariseus e sacerdotes seriam salvos. Esses encontros ocorreram em benefício de outras pessoas que estavam assistindo, que estavam ali porque eram curiosas. É para o público que o servo sofredor dirige suas palavras, porque é lá que podem ser encontrados os corações e mentes que podem ser abertos para que ouçam, compreendam e as pessoas sejam salvas.

Assim, em nosso sofrimento, precisamos estar conscientes do nosso público. Quer seja perante o tribunal de um governante hostil ou numa cama de hospital com dor, estamos sempre sendo observados e nossos observadores sabem que é na nossa situação extrema que verão uma realidade tão honesta e crua. É aí que eles podem ver a verdade sobre nós e nossa fé, e então nós demonstramos a integridade e o valor do evangelho que cremos.

Em algum lugar no fundo de nossa mente é preciso manter o pensamento de que a razão pela qual Deus nos criou e nos salvou em Cristo foi para mostrar a sua glória e proclamar o seu evangelho. Assim, aconteça o que acontecer, essa realmente é a finalidade. Isso também faz que o custo valha a pena.

Assim, em meio a situações desesperadoras, precisamos voltar nosso pensamento um pouco. Nosso grito inicial de "ajuda-me", e nosso posterior "por quê?" nos direcionam para Deus – que em seguida aponta-nos para o nosso público. Às vezes, não conseguimos nem mesmo ver o público – mas podemos ter certeza de que nenhum sofrimento é desperdiçado. E, portanto, precisamos refletir sobre a relação entre custo e benefício. "Como isso poderá valer a pena?", deve ser uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos antes de termos de suportar os tempos difíceis. Se nos voltarmos para a cruz, saberemos a resposta – mas está além de nosso conjunto de valores, não é?

Meu sogro vendia imóveis, e ele era um santo e um homem sábio em muitas maneiras, o que poderia explicar por que nunca conseguiu

juntar muito dinheiro. Ele também gostava de procurar as lojas de artigos de segunda mão para um bom negócio. Era rápido para dizer aos seus clientes, aos donos das lojas de artigos usados, que uma coisa só tem valor se tiver alguém que esteja disposto a pagar por ela. "Quanto você vale?", ele perguntava – e dirigia a atenção das pessoas para a cruz.

É chocante, não é? Como poderia um pedaço de lixo humano (nós), cheio de pecado, de ódio, egoísmo, e dado a algumas atitudes e práticas repugnantes, valer o sofrimento e a morte do Deus que se tornou homem? Tal como nas parábolas das coisas perdidas (Lc 15), por que fazer uma festa cara para comemorar o fato de ter encontrado uma moeda perdida? Por que arriscar as 99 ovelhas para ir ao encontro de um cordeiro estúpido? É fora de qualquer proporção!

O mesmo Deus que colocou esse valor em nós está disposto a utilizar o nosso sofrimento para obter resultados semelhantes que talvez não valorizemos tanto. Enquanto eu fico ali, agarrando-me a ele, berrando e enfrentando meus inimigos, faço uma pausa para perguntar – ele fez isso comigo para realizar algo que ele acha que vale a pena? E me pergunto: o que poderia ser isso? Então, olho para ver quem está assistindo.

Quero me voltar rapidamente de meus acusadores e dos tolos e falar: conheçam a Cristo e compreendam esse evangelho e acrescentem os seus améns à afirmação de que este ridículo e talvez repulsivo ser humano que sofre é justo, e santo, e amado com todo o amor pelo Deus criador.

Foi com esse entendimento que os discípulos originais foram preparados para a sua missão e o sofrimento que viria ao encontro deles.

> E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. (At 5.41)

> Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam. (16.25)

Nos piores momentos, não queremos perder tempo discutindo com um tolo, mas assegurando que nosso sofrimento vai valer a pena e que o nosso público vai saber por que estamos tão firmes em nossa compreensão do amor de nosso Deus – enquanto os direcionamos para Jesus, Aquele que sofreu no lugar deles.

Para reflexão adicional

1. Antes da noite de sua prisão, de que maneiras Jesus teria de sofrer?

2. Como você pode saber a diferença entre um desejo de aprender e um ataque? Como a experiência nos ajuda a aprender a responder com sabedoria?

3. Qual é a plateia que observa a sua vida e suas reações? Ajudaria elaborar uma lista de oração ou uma lista de "coisas para fazer"?

4. Quando a nossa carne é rasgada, o mundo vê o que está dentro de nós. Pergunte a si mesmo: "Será que eles veem Jesus e a graça do evangelho em mim nesses momentos?"

11

O PODER DO SILÊNCIO



As crianças exercem um poder enorme e, por vezes, elas descobrem como isso funciona. Quando pensamos em crianças travessas costumamos pensar em meninos, barulho, muito movimento e atividade. Certamente alguns rapazes nos apresentam alguns comportamentos desafiadores. Se olharmos com cuidado, no entanto, alguns dos comportamentos mais difíceis são aqueles associados ao silêncio.

Sara (nome fictício) era uma criança com uma história triste. Era seu primeiro dia na escola "de verdade". No começo pensamos que tivesse alguma dificuldade de linguagem, porque ela não falava. Depois de alguns dias, porém, encontramos Sara rindo e conversando com um grupo de novos amigos no parquinho, e observamos que suas habilidades de linguagem pareciam ser bem desenvolvidas. Na classe, tudo o que tínhamos era o silêncio.

Esse comportamento é chamado de mutismo seletivo. É um poderoso instrumento para que a pessoa obtenha o controle sobre seu próprio mundo. Quando a criança pode utilizar um elemento de emoção ou para se comunicar, ou, ao contrário, é engraçadinha, é surpreendente observar a maneira como todos os tipos de pessoa e energia são atraídos para elas. A sala de aula tornara-se um redemoinho com Sara no centro. Quando os olhos da criança iam para certa direção, os adultos e as outras crianças começavam uma série de perguntas e sugestões lógicas, como cortesãos que queriam conhecer os desejos de Sua Majestade. Em certo nível, é uma cena cômica; porém, na realidade, isso é tudo menos engraçado. Para a criança há tristeza. Para o restante das pessoas envolvidas há frustração. Não há um relacionamento significativo para ninguém.

Depois de perceber que não estávamos conseguindo progressos com Sara, chamamos um profissional competente para pôr em prática um plano de ação adequado para mudar seu comportamento. (Apresso-me a enfatizar "um profissional competente", porque o silêncio é um instrumento tão poderoso que, quando usado de maneira errada, pode causar danos significativos.) No lugar do redemoinho de atenção, o processo foi invertido. Toda a atenção para Sara foi eliminada. Todos os privilégios foram retirados. Então, acompanhamos a fila da classe do jardim de infância até entrar na sala de aula. Foi dito às crianças que elas iriam praticar boas maneiras naquele dia e que antes de entrar na sala elas deveriam perguntar: "Por favor, posso entrar?" Era para ser um jogo, e todas iam entrando animadas, pediam permissão educadamente, e eram admitidas, exceto Sara, que estava no seu silêncio habitual quando percebeu que seu caminho para a sala de aula foi bloqueado. Ela estava visivelmente surpresa por ser ignorada e ver o restante da classe, que estava atrás dela, passar à frente e ser autorizada a entrar na sala. Mas lá estava ela. Disseram-lhe que quando ela estivesse pronta para abordar o professor e pedir permissão, seria autorizada a entrar. Depois de um tempo, sua mesa e cadeira foram levadas até ela. Finalmente, ela fez seu pedido sussurrando – só depois da pausa do intervalo, quando ninguém notaria a sua sussurrada obediência. Houve muito mais nesse processo do que essa simples descrição, envolvendo supervisão de segurança e alguns apoios pessoais. É suficiente observar que o único instrumento tão poderoso quanto o silêncio de Sara era o próprio silêncio.

Silenciando o inimigo

Ao longo de toda a Bíblia, os inimigos de Deus são retratados como uma horda barulhenta de humanidade furiosa, ocupada demais em expressar seus maus pensamentos e desejos para ouvir a Palavra do Senhor. Assim escreve Isaías:

> Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas! Rugirão as nações, como rugem as muitas águas, mas Deus as repreenderá, e fugirão para longe; serão afugentadas como a palha dos montes diante do vento e como pó levado pelo tufão. (Is 17.12-13)

Talvez refletindo algum conhecimento de Jó, o cântico de Ana louva o Senhor porque:

> Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para fazê-lo assentar entre os príncipes, para fazê-lo herdar o trono de glória; porque do SENHOR são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo. Ele guarda os pés dos seus santos, porém os perversos emudecem nas trevas da morte; porque o homem não prevalece pela força. Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; dos céus troveja contra eles. O SENHOR julga as extremidades da terra, dá força ao seu rei e exalta o poder do seu ungido. (1Sm 2.8-10)

E Davi canta. "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador" (Sl 8.2).

No livro de Jó, podemos rastrear o caminho do evangelho e da vitória de Deus sobre Satanás, seguindo o uso do silêncio. Aqui o silêncio serve para vários fins, distinguindo a sabedoria da loucura. Talvez o número de discursos e sua extensão prolongada sirvam para destacar dramaticamente a importância do silêncio e, em especial, da habilidade de Deus para silenciar seus inimigos primeiro, e depois toda a criação, quando a diferença entre o Criador e a criatura é finalmente apreciada. Então, o argumento se transforma em temor, e a adoração pode começar.

O primeiro a ser silenciado é Satanás

Não se ouve muito da boca de Satanás na Bíblia. Além da cena diante do trono de Deus em Jó 1.6-2.7, seus únicos enunciados registrados são encontrados no registro da tentação de Eva em Gênesis 3.1-5 e a tentação de Jesus, conforme relatado em Mateus 4.1-11 e Lucas 4.1-13. Nenhuma outra palavra de Satanás está registrada nas Escrituras, embora estejamos cientes de que outras conversas dele possam ter ocorrido em Zacarias 3.1-2, Lucas 22.31 e João 13.2.

Isso não quer dizer que Satanás seja um indivíduo relativamente silencioso. Antes, suas palavras são ditas em segredo. Suas atividades necessitam da cobertura da escuridão. Elas são discernidas quando

utilizadas nas agressões contra o povo de Deus. Observamos que as palavras dos amigos de Jó serviram para enfatizar de modo especial na terra as acusações que Satanás fez no céu. Do mesmo modo, no decurso do ministério de Jesus, é claro que embora Satanás tenha sido despedido sumariamente depois de ser derrotado por Jesus na tentação do deserto, sua obra continua por meio das acusações e estratégias daqueles que finalmente levaram Jesus para a cruz (Mt 13.36-43; Lc 22.3; Jo 6.70, 8.44, 13.2, 27). A mão de Satanás também é identificada na experiência da igreja primitiva quando várias estratégias foram empregadas para atrapalhar o trabalho do evangelho e impedir o avanço do reino de Deus (At 13.10; 2Co 2.11, 14; Ap 2.10, 13, 3.9).

Satanás não será silenciado, em última instância, até que ele e todos os seus sejam lançados no lago de fogo (Ap 20.10). Assim, quando o inimigo é silenciado em Jó, temos um modelo profético e a garantia no que diz respeito à promessa do julgamento final e justificação dos santos.

E, depois, os amigos

O ciclo de palestras é concluído: "Cessaram aqueles três homens de responder a Jó no tocante ao se ter ele por justo aos seus próprios olhos" (Jó 32.1).

E Eliú está consternado porque: "Jó, os três estão pasmados, já não respondem, faltam-lhes as palavras" (32.15).

É irônico ouvirmos pela primeira vez sobre silenciar os adversários pela boca de Zofar, que ironicamente pergunta a Jó: "Porventura, não se dará resposta a esse palavrório? Acaso, tem razão o tagarela? Será o caso de as tuas parolas fazerem calar os homens? E zombarás tu sem que ninguém te envergonhe?" (11.2-3).

É irônico porque Zofar é o primeiro dos três amigos a ser silenciado.

Silenciar os inimigos tem duas dimensões significativas. Em primeiro lugar, há a questão de conseguir ser ouvido. A marca do tolo é que ele fala e não ouve (Pv 18.2, 13; Ec 10.14). Alguns anos atrás, eu me diverti observando um músico exercer sua sagacidade para silenciar um membro barulhento da plateia. À medida que o indivíduo embriagado começou a gritar e interromper o desempenho, o músico fez uma pausa e respondeu, sem pestanejar: "Você vai descobrir que seus

ouvidos funcionam melhor com sua boca fechada!" O humor da réplica evocou gargalhadas. O músico tinha conquistado o apoio do público e embaraçado o bêbado de tal modo que não houve mais interrupções.

Para Jó também foi difícil conseguir ser ouvido e ele teve de pedir silêncio (Jó 13.13). Ele também recorreu ao uso da ocasional sentença breve e sarcástica: "Tomara vos calásseis de todo, que isso seria a vossa sabedoria!" (Jó 13.5; cf. Pv 17.28). Jó estava acostumado a uma audiência respeitosa e silenciosa (29.21-22). Ele recebeu o presente ruído de seus amigos como, por contraste, uma demonstração de desrespeito impróprio e ofensivo.

Em segundo lugar, há a questão do conteúdo do argumento – qual evangelho é o verdadeiro e quais acusações se sustentarão. O principal instrumento de Jó para silenciar seus inimigos era sua habilidade em manter e expressar sua fidelidade ao evangelho como ele o conhecia. Sua obstinada determinação serviu para assim elevar a temperatura da raiva e frustração de seus oponentes, que o seu eventual silêncio aparece como uma combinação de exaustão e cinismo. Conquanto não estejam convencidos, também não são capazes de superar o homem de Deus. O silêncio deles é nascido da futilidade. A perseverança de Jó é dirigida pela fé.

A habilidade de Jó em silenciar os seus amigos pode ser comparada à capacidade de Jesus de fazer os mais inteligentes e mais bem preparados argumentos de seus inimigos serem virados de cabeça para baixo, silenciando-os diante das multidões, e, ao fazer isso, envergonhá-los publicamente (Mt 22.34; Mc 3.4): "Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se... Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho" (Mt 22.22, 34). "Não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, admirados da sua resposta, calaram-se" (Lc 20.26).

O silêncio máximo é encontrado na morte (Sl 31.17; 94.17, 115.17) e, finalmente, será na morte que todos os inimigos de Deus serão silenciados. Mas Jó é um homem justo e, portanto, não será silenciado, nem mesmo pela escuridão iminente da sepultura: "Por isso, não reprimirei a boca, falarei na angústia do meu espírito, queixar-me-ei na amargura da minha alma" (Jó 7.11); "porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto" (23.17).

O silêncio de desafio

Quando finalmente os três amigos terminaram e ficaram em silêncio, o silêncio deles foi de desafio e não de submissão. Jó pediu o silêncio submisso dos que têm fome de aprender. Em vez disso, o silêncio dos amigos é apresentado com a carranca da condenação e do escárnio. Eles são impenitentes. Esse é também um lugar de sofrimento e um aviso de que o pior está por vir (Sl. 32.3).

Quando Jesus estava diante de seus acusadores, seu silêncio foi uma combinação de sabedoria, para não ser arrastado para uma defesa tola e, em última instância, fútil, combinada com o desafio daquele diante do qual seus adversários deveriam ter se curvado. O silêncio de um subordinado é um desafio. O silêncio imposto por um superior é disciplinador e Jesus é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, empunhando um simbólico cetro de ferro de sua autoridade para disciplinar toda a criação (Sl 2.9; Ap 2.27; 12.5; 19.15). Suas palavras são como uma espada afiada de dois gumes que corta profundamente (Hb 4.12; Ap 1.16, 2.12). O silêncio de Deus em Jó, e o silêncio do Filho do Homem no seu julgamento, formam um silêncio sinistro que irá peneirar os tolos dentre os sábios.

O silêncio de Deus – revertendo o controle do jogo

Há um quiasma ou uma permutação de silêncios no livro de Jó. No início Satanás tem a iniciativa (ou assim parece). Por todo o corpo do texto, o homem de Deus e a equipe de Satanás argumentam entre si até a exaustão. Eliú, o estereotipado jovem tolo, expressa sua mente com ruído descontrolado. Então, o Senhor aparece e todos caem em silêncio.

Não há maior agonia para o povo de Deus do que encontrar-se sem uma palavra da parte de Deus. O constante clamor de Jó ao céu reflete a agonia de um homem que precisa ouvir Deus falar em seu favor. Seu grito ecoa em toda a Bíblia quando o povo de Deus em sofrimento olha para ele para salvação.

> A ti clamo, ó SENHOR; rocha minha, não sejas surdo para comigo; para que não suceda, se te calares acerca de mim, seja eu semelhante aos que descem à cova. (Sl 28.1)

> Tu, SENHOR, os viste; não te cales; Senhor, não te ausentes de mim. (Sl 35.22)
>
> Vem o nosso Deus e não guarda silêncio; perante ele arde um fogo devorador, ao seu redor esbraveja grande tormenta. (Sl 50.3)
>
> Conter-te-ias tu ainda, ó SENHOR, sobre estas calamidades? Ficarias calado e nos afligirias sobremaneira? (Is 64.12)
>
> Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele? (Hc 1.13)

Mesmo Jesus, na cruz, clama por justiça a um céu silencioso usando as palavras do Salmo 22.

Ao longo de todo o período dos patriarcas e dos profetas, quando o Antigo Testamento foi revelado e escrito, o povo de Deus sempre andou após outros deuses, e precisava ser chamado à atenção por atos drásticos e terríveis de Deus na História. No período entre os Testamentos, quando não havia profetas em Israel e a presença visível de Deus não voltou ao templo, então encontramos o povo voltando a buscar a Deus. Muitas coisas estavam confusas e distorcidas, mas um povo que outrora quisera ser mais parecido com os gentios agora incluía um número significativo que queria ser identificado de maneira distinta, como santo e pertencente ao Senhor. O período de silêncio divino entre Malaquias e o nascimento de João Batista operou uma mudança muito parecida com a nossa estratégia em sala de aula com Sara. O silêncio do céu gerou uma busca apaixonada por Deus.

Do silêncio ao louvor

Quando Deus aparecia visivelmente – a glória do Senhor na forma de coluna de fogo ou uma nuvem como descrito em Ezequiel 1 ou no Salmo 18 – as pessoas caíam com o rosto em terra e retiravam-se aterrorizadas (Nm 20.6; 1Rs 8.11).

A esperança do povo de Deus anseia pelo seu aparecimento em glória e julgamento.

> O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra. (Hc 2.20)
>
> Cala-te diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto, pois o SENHOR preparou o sacrifício e santificou os seus convidados. (Sf 1.7)
>
> Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. (Ap 8.1)

Essa cena não é o fim da história. O aparecimento do Senhor e suas palavras de julgamento e de justificação são justamente recebidos com temor silencioso. Mas esse temor é o início do culto aceitável.

Jó não é retirado da presença de Deus. Ao contrário, ele fala e é ouvido. A redenção à qual se apegou como sua única esperança se torna uma visível experiência de graça e privilégio diante do trono de Deus. O que se segue é adoração e restauração.

É um exercício muito proveitoso rever os salmos nos quais o salmista confessa os seus pecados e clama a Deus por socorro ou defesa. O clímax dos salmos descreve o crente redimido e restaurado, em pé na congregação do povo de Deus, cantando sua canção, e juntando-se em harmonia a todos os santos em adoração. A fúria destrutiva do inimigo se transformou primeiro em silêncio diante do trono de Deus e, em seguida, numa sinfonia – diversidade reunida em harmonia e ordem, em liberdade para ser ouvida de uma maneira nova: "Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra" (Ap 14.3).

Até então...

Nos Evangelhos e em Atos, vemos repetidas tentativas de silenciar a proclamação do evangelho, todas sem sucesso. As autoridades religiosas questionaram "com que autoridade" Jesus alegava ter o direito de ser ouvido (Mt 21.23-27; Mc 11.27-33 e Lc 20.1-8). Várias tentativas foram

feitas para prendê-lo (Jo 7.30; 10.29). Tentativas em público de silenciar Jesus questionando-o e argumentando não surtiram efeito. Em última análise, a prisão, o julgamento e a execução de Jesus foram tentativas de silenciar o evangelho.

Como os amigos de Jó, os inimigos de Jesus apegavam-se a outro evangelho – um no qual eles poderiam orgulhar-se de si mesmos e de sua piedade. O evangelho da graça, para esses, é um insulto. Se somos salvos pela graça, dizem eles, então Deus seria injusto porque a salvação não seria uma recompensa pela piedade. Que triste ironia! Os amigos de Jó acusaram-no de ser um inimigo da piedade (Jó 4.6-7; 15.4); de acusar Deus de injustiça (Jó 8.2-3) – eles dizem que o Deus dele é pequeno demais (Jó 11.7-12). Do mesmo modo, Jesus insultava a piedade por quebrar a lei rabínica repetidamente (Mt 12.2; Mc 7.5) e associar-se com pecadores e impuros (Mc 2.16). Ele é visto como um blasfemador (Mt 9.3; Mc 2.7), porque fala de Deus como seu pai e coloca-se num relacionamento muito íntimo com ele (Jo 10.31-39). Aqueles que testemunham o poder de Jesus para curar são ordenados a ficar em silêncio (Jo 9.34), porque são considerados pecadores demais para merecerem tal milagre. Finalmente, quando os líderes religiosos percebem que Jesus está afirmando ser Deus, a raiva deles explode (Jo 8.58-59; Mt 26.63-68). Eles esperam que a morte silencie esse evangelho de uma vez por todas – e eles gritam do lado de fora da casa de Pôncio Pilatos – e crucificam Jesus.

Com a ressurreição, começa um novo crescendo. As multidões se reúnem no templo, querendo saber a respeito de que era todo aquele ruído (At 2.6), e o número de vozes se multiplica (At 2.41). Esse evangelho não é abafado pelas paredes da prisão (At 5.17-25, 16.25-26) ou restringido por carcereiros (At 16.22-40), intimidado pelas ameaças (At 4.19-20; 5.29) ou silenciado pelo assassinato (At 8.1; 9.31). O som do evangelho se expande como uma praga, entrando até mesmo nos tribunais do inimigo (At 13.7-12, 17.22-34, 22-28).

E assim continua a batalha pelo silêncio hoje. Tive o privilégio de passar algumas semanas ensinando a Bíblia aos santos em Mianmar (anteriormente chamado Birmânia). O governo militar de lá é hostil aos cristãos e à propagação do evangelho, então deparamos com leis que proíbem aos cristãos a construção de edifícios permanentes em qualquer terreno que possuam. Todos os edifícios de igrejas com menos de cem anos foram fechados, de modo que os cristãos voltaram a se reunir nas casas. Então os vizinhos reclamaram, e tornou-se ilegal cantar nas casas. Os cristãos não podem pernoitar com os outros crentes. Mas há mais de

uma centena de escolas bíblicas na capital, Yangu – e os alunos cantam bem. Nós conhecemos um pastor que foi preso por contrabandear Bíblias através da fronteira com a China. (Estávamos levando Bíblias e livros de teologia para Mianmar.) Os vizinhos do pastor que não eram cristãos disseram-nos que, quando ele foi mandado para a prisão, passou por um tempo difícil até compreender por que Deus havia permitido que isso acontecesse; ele ficou bastante deprimido enquanto lutava em sua fé em face de seus inimigos. Esses vizinhos riam enquanto relatavam como, depois de alguns meses, esse homem foi posto para fora da prisão e disseram-lhe para ir para casa. Ele não foi só libertado como expulso da prisão. Nesses poucos meses, ele havia levado não somente a maior parte dos outros presos a Cristo, mas um número significativo dos agentes penitenciários também.

O evangelho é o poder de Deus para a salvação, e ele vai colocar abaixo os portões do inferno (Mt 16.18; cf. Gn 24.60). Esse evangelho silencia todos os inimigos e suscita temor e adoração no lugar da raiva deste mundo. Mas primeiro nós temos de aprender a sabedoria de Jó para sermos como Cristo, de modo que possamos edificar sobre o fundamento dos apóstolos. Essas pedras (Lc 19.40; 1Pe 2.5) clamarão até que ele retorne.

Para reflexão adicional

1. Leia o Salmo 22. Quando e por que seria adequado que essa fosse a sua canção para o Senhor?

2. Que esforços você vê ao seu redor destinados a silenciar o evangelho? Como devemos responder a eles em termos de fidelidade e sabedoria?

3. Busque Provérbios para ter sabedoria para falar com as pessoas. Memorize apenas os provérbios que fazem você encolher-se de medo.

Parte quatro

Um tempo para ouvir

12

Mas primeiro o tolo: Eliú (32–37)



Para quem cresceu nos anos 1960, ler Eliú pode ser dolorosamente embaraçoso. Para mim, Eliú traz de volta muitas lembranças vivas, incluindo as minhas primeiras impressões quando fazia graduação na Universidade de Sydney, em 1969. Eu me lembro de estar sentado nos degraus da frente da biblioteca da universidade, observando uma manifestação contra a guerra do Vietnã concentrada no gramado da frente. Cinco mil pessoas, com cartazes e *banners* e algumas bandeiras vietcongs, estavam apreciando a música e ouvindo os oradores. Havia emblemas e camisetas, e havia muito entusiasmo. E era tudo muito barulhento.

Era costume, durante a primeira semana do ano acadêmico, que o regimento da universidade desfilasse formando uma escolta para o governador do Estado, Sir Roden Cutler, enquanto ele visitava o campus. Nessa ocasião, o governador desfilava em uniforme completo como coronel honorário do regimento. Ele havia se formado na Sydney University e começado o serviço militar naquele regimento. Ele havia perdido uma perna e ganhado uma Cruz Vitória na Síria, por lutar contra os franceses de Vichy, em junho de 1941. O que quer que uma pessoa pensasse sobre a guerra do Vietnã, ou dos manifestantes, ou mesmo da sensatez de promover uma exibição militar diante das paixões daquela demonstração, Roden Cutler era um homem muito respeitado por quase todos. Assim, quando os manifestantes lhe atiraram tomates, eles perderam todo o respeito e simpatia quando as fotos apareceram no noticiário

da noite e nos jornais. Mesmo aqueles que concordavam com a causa que eles estavam defendendo os consideravam jovens "desordeiros", "tolos".

Qualquer outra coisa que possa ser dita sobre aqueles dias, a vida universitária estava longe de ser entediante. Para onde quer que você se virasse, havia jovens apaixonados por alguma coisa, e em nada embaraçados ou inibidos de modo algum para compartilhar suas opiniões. Dar início a uma discussão teológica era tão fácil quanto respirar. Evitar o argumento teológico era quase impossível. Para aqueles que estavam enfrentando a convocação militar obrigatória, o que você acreditava e as escolhas que fazia, na época, poderiam lhe custar a vida. Tais consequências tendem a se concentrar no coração e na mente.

Há algo essencial em ser jovem que libera entusiasmo e paixão por qualquer questão. Cabeças mais velhas e supostamente mais sábias podem, e muitas vezes parecem, ser coniventes, covardes, condescendentes, arrogantes, hipócritas, desonestas – e a lista continua, não é? Pensamos que somos a primeira geração que já se sentiu assim ou apontou essas deficiências em nossos idosos. Descobrir que esse tem sido o caminho da humanidade de todas as gerações de alguma maneira só coloca mais lenha na fogueira.

Em um dos meus momentos Eliú, aos 17 anos de idade, meu pastor me puxou de lado e disse: "Davi, não nos diga o que estamos fazendo de errado. Mostre-nos o que vai funcionar melhor". O que estava errado estava errado – e era muito frustrante. Mas a verdade é que nenhum de nós conseguia pensar em nada que funcionasse melhor, inclusive eu. Eu apenas estava expressando o que todos sentiam – e aquilo não ajudava ninguém.

Para o leitor ou o público que tenha escutado até o fim o monólogo final de Jó, as questões estão esgotadas e sem resolução. Os discursos tornaram-se mais agressivos e subiram de tom, e a atmosfera é tão tensa quanto poderia ser. O discurso de Eliú cai sobre nós com toda a força do alívio cômico – o tipo que funciona melhor quando a pressão está no seu auge. Seus comentários atingem os ouvidos como tiros numa noite silenciosa. Você diz para si mesmo: "Será que ele realmente disse o que eu ouvi?" Ele é um jovem tolo máximo, e seu discurso restaura a dignidade de Jó pela vacuidade. Com relação aos três amigos, ele também faz que as acusações naufraguem. Quando ele tem a sua primeira explosão, a plateia ou está morrendo de tanto rir ou invadiu o palco. No final da sua

quarta, eles estão silenciosos, em antecipação ao julgamento iminente de Deus, conscientes de que Eliú não vê que ele está vindo.

O jovem irado se levanta

Devemos demonstrar alguma simpatia por Eliú quando ele se levanta. Como público, estamos exaustos e insatisfeitos. As perguntas ainda estão girando em nossa mente, e ainda não temos nenhuma resposta. Tem sido uma longa troca emocional. Jó é uma figura patética. Seus amigos estão silenciosos e sombrios. E esse rapaz esteve sentado o tempo todo respeitosamente ouvindo e esperando que esses anciãos acertassem as coisas com Jó. Lá estão eles, como três crianças grandes, furiosos e muito conscientes de que são impotentes. A decepção é o ponto de constrangimento. Eliú havia investido muita esperança e respeito nesses homens, e agora sente que isso foi em vão.

Em Jó 32.1-5 o narrador retorna, num curto interlúdio em prosa, para apresentar Eliú ao público. Quatro vezes, nesses poucos versículos, ele nos diz que Eliú está irado – com Jó e com seus três amigos. Ele está irado com Jó por sua persistente afirmação de ser justo diante de Deus. Ele está irado com os três amigos por não vencerem a discussão. Aos olhos de Eliú, a questão é simples e óbvia, e estava além do absurdo que esses homens não pudessem fazer que Jó visse as coisas como elas realmente eram.

Uma barriga cheia de gás

> A língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia. (Pv 15.2)

Uma lição que os pregadores precisam aprender cedo é que se você tem algo a dizer, vá em frente. Eliú gasta quase um quarto do seu tempo para nos dizer por que é que devemos ouvi-lo – e tudo o que conseguiu dizer é que ele pode fazer o que todos os outros não fizeram. Oh!, sim, e que ele está estourando com coisas que tem para dizer! E assim chegamos ao seu primeiro erro.

> Também eu concorrerei com a minha resposta; declararei a minha opinião. Porque tenho muito que falar, e o meu espírito me constrange. Eis que dentro de mim sou como o vinho, sem respiradouro, como odres novos, prestes a arrebentar-se. Permiti, pois, que eu fale para desafogar-me; abrirei os lábios e responderei (Jó 32.17-20).

A versão ARA traduz a segunda linha do versículo 18 eufemisticamente. Literalmente, Eliú está dizendo que "o vento [*ruach* no hebraico] na minha barriga está sob pressão".

Para aqueles entre o público que têm boa memória, o que há é ironia em muito do que diz Eliú – nenhuma mais aguda do que essa. Lembrem-se dessas linhas, tendo em mente que a palavra para barriga e ventre é a mesma:

> Bildade a Jó, primeiro ataque: "Até quando falarás tais coisas? E até quando as palavras da tua boca serão qual vento impetuoso?" (Jó 8.2).
>
> Zofar a Jó, primeiro ataque: "Porventura, não se dará resposta a esse palavrório? Acaso, tem razão o tagarela?" (11.2).
>
> Elifaz a Jó, segundo ataque: "Porventura, dará o sábio em resposta ciência de vento? E encher-se-á a si mesmo de vento oriental" (15.2); "Concebem a malícia e dão à luz a iniquidade, pois o seu coração só prepara enganos" (15.35).
>
> Jó para Elifaz e os outros, segunda rodada: "Tenho ouvido muitas coisas como estas; todos vós sois consoladores molestos. Porventura, não terão fim essas palavras de vento? Ou que é que te instiga para responderes assim?" (16.2-3).

A acusação de ser um falastrão, até esse ponto, era uma acusação trocada por ambos os lados, mas para Eliú era algo de que se vangloriar. Não só isso, mas na forma de Eliú se expressar, a imagem apresentada requer um eufemismo na tradução se essa passagem for lida num culto de domingo. Ela é muito embaraçosa. Cometer esse tipo de erro, logo depois de repreender os anciãos mais respeitados da comunidade, diante do público – nesse momento o estado de espírito entre os espectadores deve ter sido significativamente atenuado.

Eis aqui alguém perfeito no conhecimento

Eliú exibe, de modo extremo, os erros do tolo. Como dizem os provérbios: "O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos" (Pv 12.15); "O insensato não tem prazer no entendimento, senão em externar o seu interior" (Pv 18.2).

Se eu tivesse de contratar um ator para fazer o papel de Eliú acho que procuraria um rapaz de 17 anos de idade, com um corpo que faz pensar que ele usasse esteroides e uma atitude que combinasse; um cara que fizesse todas as meninas derreter, provavelmente com um desempenho acadêmico superior também, e que, evidentemente, soubesse exatamente como tirar vantagem de tudo isso. O personagem Joe do filme *Dez coisas que odeio em você* me vem à mente, no modo como ele espera que todas as meninas considerem um privilégio o fato de ele poder usá-las e atirá-las fora quando tiver acabado. Assim como Joe, Eliú é um cara implorando para ser repentina e completamente humilhado. E então, como o público aprecia ver que ele faz isso a si próprio! Aqui estão mais algumas linhas, diante das quais voltamo-nos para outro e dizemos: "É isso mesmo que ele disse?": "Porque, na verdade, as minhas palavras não são falsas; contigo está quem é senhor do assunto" (Jó 36.4).

E não é o caso de ele não saber o que estava dizendo, porque depois ele dirá: "Tens tu notícia do equilíbrio das nuvens e das maravilhas daquele [Deus] que é perfeito em conhecimento?" (Jó 37.16).

Isso, num discurso acusando Jó de colocar a si mesmo como sendo melhor do que Deus (Jó 32.2), é de tirar o fôlego. Mas fomos preparados para essa expressão da opinião de Eliú sobre si mesmo. Desde o início, somos informados: "você ainda não viu nada". Jó pode ter sido capaz de amarrar aqueles velhos com nós, mas ele não havia encontrado alguém como Eliú.

> Atentando, pois, para vós outros, eis que nenhum de vós houve que refutasse a Jó, nem que respondesse às suas razões. Não vos desculpeis, pois, dizendo: Achamos sabedoria nele; Deus pode vencê-lo, e não o homem. Ora, ele não me dirigiu palavra alguma, nem eu lhe retorquirei com as vossas palavras. (Jó 32.12-14)

Em meio a uma tentativa exaustiva e desgastante para condenar Jó de um pecado digno de tal sofrimento, Eliú anuncia a sua própria justiça,

por contraste: "As minhas razões provam a sinceridade do meu coração, e os meus lábios proferem o puro saber" (Jó 33.3).

E, como em todas as discussões acadêmicas, todos os verdadeiros estudiosos e autoridades tradicionais identificam-se como "eu": "Os homens sensatos dir-me-ão, dir-me-á o sábio que me ouve" (Jó 34.34).

Eliú é a autoridade mundial sobre esse assunto, não é?

Nesse momento, não pode haver dúvida de que esse rapaz vai cair em grande estilo.

Verdadeiro, mas irrelevante

Com esmagadora simplicidade, Eliú vê a questão como um acéfalo. Jó havia feito cinco afirmações:

1. Deus é soberano.
2. Deus é justo.
3. Jó é justo.
4. Deus se preocupa.
5. Isso está realmente acontecendo.

Todos os cinco pontos não podem ser verdadeiros. Não pode haver dúvida quanto a que ponto na lista temos que ir. Então, qual é o problema? Para Eliú pode não haver nenhum problema. Tudo o que é necessário é colocar pressão suficiente sobre o número três, e a questão deve ser resolvida. Qualquer outra opção seria blasfêmia ou insanidade.

Como os três amigos antes dele, quando Eliú tenta suprimir a alegação da justiça de Jó, ele distorce a soberania de Deus. É como apertar um balão. Eliú está certo de que há mais de um balão e que ele pode estourar o balão da justiça de Jó. Jó tem certeza de que todas as cinco verdades são somente aspectos do único evangelho – e ele está certo. Então, Eliú arregaça as mangas e vai trabalhar – ao longo de quatro discursos e seis capítulos! A maioria do que ele diz é verdade, mas irrelevante.

Um fanático como muitos jovens, muito do que esse homem jovem tem a dizer é sã doutrina. Ele afirma a distinção entre o Criador e a criatura (Jó 33.4), ele tem uma compreensão muito boa do "sacerdócio de todos os crentes" (33.6) e coloca sua confiança na verdade da sua doutrina e não em suas habilidades retóricas ou presença pessoal (33.7). Está consciente de que Deus se revela às pessoas em palavras em vários

momentos e em diferentes formas (33.13-15). Afirma o desejo de Deus de levar as pessoas ao arrependimento e vê-las salvas do inferno (33.16-18). Ele ainda mantém a possibilidade de que um resgate está sendo apresentado para redimir um homem do juízo de Deus (33.23-25). As orações dos redimidos são aceitas, e eles proclamam a sua salvação na assembleia (33.26-28). Deus é paciente e longânimo e resgata as pessoas de irem para o inferno muitas vezes (33.29-30). Tudo isso é verdadeiro, mas irrelevante.

Eliú distorce as palavras de Jó (Jó 33.9-11; 35.1-3). Sua lógica força nele a necessidade de crer que Jó deva ter feito algo terrível, que ele está certo de que simplesmente nomeando tais crimes estará acusando Jó justamente. Essa é uma necessidade lógica e deve ser assim. Ele afirma que Jó anda no caminho dos pecadores (34.8-9, 34-37; 36.17), porque isso é o que você faria se não tivesse nada a ganhar sendo fiel ao Senhor, não é?

Nessa afirmação, Eliú está ensinando como ortodoxia a mesma afirmação feita por Satanás no início – que o objetivo de uma pessoa ao colocar sua fé no Senhor é obter os benefícios, aqui e agora, que vêm com o relacionamento. Aqui está uma teologia da prosperidade indignada com a possibilidade de uma alternativa como se isso fizesse Deus ser injusto. E, no entanto, em última instância, Jó prosperará – verdadeiro, mas irrelevante.

Essa não é a questão. A questão é por que Jó sofre tanto, por que foi abandonado a tal ponto, e por que um homem justo estaria em tal condição?

Eliú evidentemente gosta de explorar o fato de que Deus sabe tudo e vê tudo (Jó 34.21-25). Ele tem prazer em recordar a justiça de Deus em derrubar os poderosos que oprimem os pobres (34.24-30) – verdadeiro, porém irrelevante.

O Deus de Eliú é tão sublime e transcendente que não é afetado nem pelo pecado e nem pela justiça de um homem (Jó 35.6-8). Eliú está tentando apresentar, a seu modo, o conceito da autoexistência de Deus. Na melhor das hipóteses, tudo o que podemos dizer é que é verdadeiro, porém irrelevante.

Deus não responde aos clamores dos ímpios. Ele não é impressionado pela falsa religião (Jó 35.9-13) – isso é verdadeiro, porém irrelevante.

Eliú lustra sua eloquência sobre a justiça de Deus e sua competência para lidar com os ímpios (Jó 36.5-6). Ele se deleita na possibilidade

de arrependimento e a promessa de prosperidade para os fiéis (36.7, 11). O conceito de bênçãos da aliança dependente da fidelidade à aliança não está longe de Eliú. Na sua melhor interpretação, esses conceitos são verdadeiros, mas irrelevantes. Na pior, Eliú é um homem que vai provar que Satanás está certo.

Eliú teme a Deus e, na sua juventude, havia se voltado para Deus. Ele não quer enfrentar as consequências de recusar o chamado de Deus ao arrependimento (Jó 36.12-16) – verdadeiro, mas irrelevante.

Ele diz que é errado para um homem discutir com Deus ou desejar manter uma conversa em que ele iria defender a sua inocência. Esse pensamento é chocante para Eliú e prova que Jó é um homem arrogante e perverso (Jó 36.18-23).

Finalmente, Eliú começa um crescendo de emoção à medida que descreve a soberania e a glória do Criador, como ele pode aparecer em sua nuvem de glória (Jó 36.24-37.24), como se dissesse: "É isso que você quer ver, Jó?"

Por último, Eliú cai em silêncio, diante de um público cujas expressões mudaram drasticamente. Estão todos em silêncio. Não há aplauso. Não há nenhuma resposta de Jó ou dos amigos. Ninguém parece estar prestando a mínima atenção a Eliú.

Ele está atrás de você

Quando eu estava no colégio, tivemos um vice-diretor terrível. Seu apelido era "Boris" – por causa de Boris Karloff, um famoso ator antigo que desempenhava papéis temíveis nos filmes de terror. Nosso vice-diretor tinha uma voz e uma expressão inconfundíveis e costumava adotar uma pose estranha quando se dirigia a um aluno, com uma mão no quadril e a cabeça inclinada para o lado. Um dia nossa professora não apareceu para a aula, e fomos ficando inquietos como qualquer classe de meninos de 14 anos ficaria. Um dos nossos colegas, um humorista e imitador talentoso, resolveu substituir a professora como faria o vice-diretor em caso de emergência. E assim tivemos um desempenho completo e hilariante de "Boris" para nos manter entretidos enquanto esperávamos. O único problema foi que o Boris real tinha chegado e ficara fora da nossa vista, do lado de fora da porta, durante um bom tempo da imitação. Depois de um tempo, ele calmamente deslizou através da porta,

dedos nos lábios, alertando-nos para que não o denunciássemos. Não me lembro do resultado, mas nunca vou esquecer do olhar no rosto do nosso humorista quando ele percebeu quem estava atrás dele.

Eliú nos deu uma descrição impressionante da visível aparência de Deus. (Outros relatos podem ser encontrados em SI 18, Ez 1 e Is 6.) Agora, ele se volta só para ver Aquele que está descrevendo – e não ouvimos mais falar do pobre jovem tolo. Deus não o julgou importante o suficiente para abordá-lo diretamente, nem se refere a ele no final do livro. Eliú é humilhado por sua própria irrelevância óbvia. Ele é tratado como uma criança, enquanto Deus fala aos homens.

A juventude e o Senhor

Nem todos os eliús são homens jovens. Mas há algo espetacularmente excitante em ser um adulto jovem e ser capaz de compreender e saber que você pode fazer coisas enquanto aguarda com expectativa o restante de sua vida. A sensação de ser capaz de mudar o mundo não é uma fantasia ou uma mera vaidade. Graças a Deus existe verdade ali. Graças a Deus, porque o nosso mundo precisa mudar.

Quando a minha geração atingiu a idade adulta nas décadas de 1960 e 1970, nós excedemos em número os "velhos". Éramos crianças nascidas no final da guerra. Tínhamos casas e prosperidade, instrução e oportunidade, e tínhamos o poder de mudar o mundo. Então, nós fizemos isso. E os nossos filhos vivem num mundo construído pelos eliús. Nós vituperávamos contra os ricos e poderosos, e dentro de dez anos nos tornamos a geração mais rica, mais poderosa, zelosa de prosperidade sem sentido. Fomos a geração de Eclesiastes que procurava significado em tudo – em excesso.

Durante a década de 1960 houve um jovem radical chamado Cat Stevens. Ele cantava músicas sobre ser jovem e querer ser ouvido. Ele colocou a sua esperança no "Peace Train" [o "Trem da paz"]; então, como tantos idealistas, achou tudo isso uma fantasia. Assim, ele virou-se para encontrar Deus – e surgiu uma teologia quase idêntica à de Eliú. Ele havia encontrado um deus que governa o mundo com base na "justiça". Não há graça – isso seria injusto. Isso seria uma blasfêmia. Se você já tentou explicar a graça de Deus no evangelho de Jesus Cristo a um muçulmano, você teve de entrar na peça teatral de Jó.

Precisamos de jovens cheios de zelo – mas o zelo pelo evangelho da graça e, assim, um zelo é em si a graça em ação.

Quando Jesus foi abordado por um rapaz que demonstrava zelo pela justiça, seu coração ficou penalizado por ele. Ele viu nesse jovem o poder de um evangelho da prosperidade. Ele era um jovem rico – e um líder de seu povo. Marcos nos diz que "Jesus, fitando-o, o amou" (Mc 10.21). Assim, Jesus lhe disse a verdade e lhe deu a escolha que desmascararia uma falsa esperança e a substituiu pela verdadeira. Satanás teria vencido se Jó tivesse crido no evangelho de Eliú. Nós não podemos servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6.24; Lc 16.13). O evangelho é sobre a graça, e somente a graça da cruz pode dar verdadeiramente a salvação com a justiça. Todas as cinco afirmações devem ser verdadeiras ou nenhuma delas – e então Jó apegou-se a isso com total obstinação.

E você, também fará isso?

Para reflexão adicional

1. Tome um momento para rever alguns de seus momentos "Eliú". Há um padrão neles que ainda precisa ser trabalhado?

2. O que o livro de Jó nos ensina sobre como os idosos e os jovens devem se relacionar na igreja local?

3. Você está apegado ao evangelho com um sentimento realista de desespero e de garantia?

13

Afinal, a resposta (38.1–42.6)



Eu lecionava em Broken Hill, uma cidade à beira do grande sertão da Austrália. A oeste dessa cidade há um enorme planalto argiloso conhecido como o Mundi Mundi Plain. Sendo um planalto, é perfeitamente plano por mais de 80 quilômetros. Quando você vai para um lugar como esse, percebe que o horizonte não é uma linha reta. Pode-se ver a curvatura da terra. É como estar na Lua, especialmente à noite. Disseram-me que num desses locais, se você caminhar alguns quilômetros na paisagem plana e em seguida deitar-se de costas e olhar para o céu à noite, vai se sentir como se tivesse sido colado ao fundo do planeta. Fica uma sensação terrível de que a qualquer momento você pode escorregar para fora e cair através do espaço. Lá, o céu não tem a aparência de uma folha preta plana com pequenos pontos brancos. Sua profundidade é perceptível.

Gosto de levar minha família e amigos, especialmente as crianças em acampamentos, para lugares como esse, e ficar deitados lá e olhar para o céu, e depois ler o Salmo 8. Davi entendeu algo dessa realidade, quando ele o escreveu. Ele deve ter passado muitas noites acampado sobre as colinas da Judeia, e algumas noites silenciosas olhando para o céu noturno. Não havia nenhuma cidade, luzes, ou a poluição do ar para estragar a vista. Para ver o céu dessa maneira hoje você tem de ir para o sertão. Enquanto estava lutando com o Senhor em meio aos seus problemas, Davi escreveu estas palavras: "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres, e o filho do homem, que o visites?" (Sl 8.3-4).

Para conhecer a Deus, temos de nos colocar na nossa devida proporção. Deitado lá na noite olhando para todas aquelas estrelas, Davi perguntou como Deus ainda poderia se lembrar de que estamos aqui, para não dizer de visitar particularmente um homem – eu!

Vale a pena gastar o tempo para meditar sobre a enormidade da criação. Ela nos ajuda a colocar o nosso relacionamento com o Criador na perspectiva correta. Quando você está lidando com Aquele que colocou as estrelas no lugar como um joalheiro que define os diamantes numa tiara, não faz muita diferença se você tem um metro e meio de altura ou dois metros e dez. Davi está certo. Como é que Deus ainda se lembra de que estamos aqui? E, no entanto, aqui vem ele numa nuvem de tempestade para visitar Jó. Nesse ponto, não importa o que eles veem ou ouvem. O fato de Deus vir para visitar um homem é assoberbante em si mesmo.

O aparecimento visível do Senhor

> Depois disto, o SENHOR, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó. (Jó 38.1)

Ninguém naquele lugar, naquela época, nunca tinha visto, ou mesmo conhecido, alguém que tivesse visto a aparência visível de Deus dessa maneira. Tampouco muitas pessoas que leram Jó também o teriam visto. Como tal, o público de Jó está prestes a descobrir todo um novo significado ao seu conceito de Deus. Nós também precisamos de uma pausa para refletir sobre o que está acontecendo aqui.

Em 1952, J. B. Phillips escreveu um livrete muito útil chamado *Your God Is Too Small* [Seu Deus é pequeno demais].[1] Havia um ursinho de pelúcia na capa! Era um livro útil, porque fazia as pessoas repensarem suas ideias sobre Deus. De muitas maneiras, pensamos em Deus como se ele fosse uma pessoa grande, como nós, mas sem um corpo, que é tanto uma parte da criação como nós somos. E esse é o problema.

Quando o Senhor fala a Jó e seus amigos, o primeiro ponto que ele está explicando é que ele *não* faz parte desta criação. Então, faça uma pausa e reflita por um minuto.

Isso significa que Deus não tem um lugar. Ele não tem dimensões. Ele não é limitado pelas leis da física. Ele não está sujeito a conceitos

de justiça, de sabedoria ou equidade de ninguém. Essas coisas são definidas pelo seu caráter, e não o contrário. Ele criou o tempo. Quando lemos em Gênesis 1.1: "No princípio Deus criou os céus e a terra", isso significa que esse foi o início do espaço-tempo. Deus, que é infinito e não uma parte da criação, criou o tempo. Perguntar o que havia lá antes da fundação da terra é um disparate. Você não pode ter o "antes de" se o tempo não existe. Quando Deus criou os céus e a terra ele não apenas criou uma "massa" – as "coisas" que preenchem o cosmos. Ele também criou o lugar que essa massa ocupa. Pare por um momento para pensar sobre isso. Você está confuso? Tente consultar um físico para explicar o conceito de espaço-tempo.[2] É um conceito fascinante. Deus o criou, e nós estamos lutando para até mesmo começar a entender o que é isso.

Como poderia, então, o Criador, que existe fora dos limites dessa criação, comunicar-se conosco? Como poderíamos conhecê-lo? Como poderia um Deus como esse relacionar-se com Jó ou conosco?

Quando Deus criou Adão e Eva, ele os fez à sua imagem (Gn 1.26-28). É por isso que o terceiro mandamento nos proíbe de fazer imagens de Deus (Êx 20.4-6). Nós somos as imagens do Deus vivo – imagens vivas do Doador da vida. Agora somos imagens vandalizadas desde que Adão pecou e a morte nos prejudicou. Mas ainda somos imagens de Deus (Tg 3.9). Como tal, o conhecemos (Rm 1.18-20), mesmo que não queiramos isso.

Ao longo dos séculos abrangidos pelo Antigo e pelo Novo Testamento, Deus falou conosco usando as palavras das línguas das pessoas. Ele apareceu tanto na forma humana (p. ex., Gn 18; Js 5.13-15; Jz 13.2-23), como na forma da sarça ardente (Êx 3) ou da coluna de fogo (Êx 19-20; 40, 34-38). Essa revelação impressionante é apropriadamente chamada de "a glória do SENHOR" (Ez 1). Talvez, depois de todas essas revelações não é de admirar que João nos diga: "O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.10-11, 14).

Esse Criador, que existe à parte da criação, no entanto assumiu a carne humana (não apenas a forma humana), tornou-se um de nós, sofreu como um de nós e morreu por nós. Uma vez que não se encaixava em nossa compreensão ou expectativas, nós vimos tudo, mas não entendemos nada – até que o Espírito Santo foi derramado no dia de

Pentecostes e vimos a coluna de fogo de novo, quando ele se mudou para viver com seu povo.

E então, aos negócios

Em duas fases, o Senhor responde ao pedido de Jó que lhe seja dada uma audiência com Deus para fazer sua defesa: "Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber" (Jó 38.2-3); "Disse mais o SENHOR a Jó: Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argúi a Deus que responda" (Jó 40.1-2).

Várias coisas estão acontecendo aqui. Em primeiro lugar, Jó recebeu o que havia pedido. Ele queria defender o seu caso diante do Senhor. Em segundo lugar, ele queria que Deus dissesse a todos ao redor que ele não estava sendo punido por algo que tivesse feito de errado. Jó não pediu para ser curado ou ter sua riqueza restaurada. Em todos os seus discursos, Jó foi constante em sua crença de que ele era correto para com Deus. Em certo sentido, Jó não estava preocupado com o motivo de tudo isso ter acontecido para ele. Ele queria que Deus confirmasse que ele não havia pecado ou feito qualquer coisa para que recebesse tal punição. Ele quer que a sua fé nas palavras de Deus e sua integridade sejam publicamente vindicadas. Em razão do que aconteceu, isso exigiria uma palavra audível de Deus. E agora ele está conseguindo exatamente isso.

Jó falou longamente sobre como ele iria apresentar a sua defesa perante o Senhor. Ele reconheceu que não tinha a sabedoria e estatura para isso. No entanto, disse a todos que quisessem ouvir que uma vez que Deus é justo, devia haver uma maneira de ele apresentar a sua defesa, e Deus teria de julgá-lo como estando correto. Ele explorou a necessidade de um mediador ou um advogado para falar com Deus em seu nome. Apesar do absurdo da criatura tentando ficar diante do Criador e pedir sua justificação (um conceito blasfemo na compreensão de todos reunidos em torno de Jó), logicamente Jó insistiu em que isso devia ser possível de alguma maneira. Agora, aqui está Deus. E Jó não tem ideia de como proceder. "Então, Jó respondeu ao SENHOR e disse: Sou indigno;

que te responderia eu? Ponho a mão na minha boca. Uma vez falei e não replicarei, aliás, duas vezes, porém não prosseguirei" (Jó 40.3-5).

Mas tampouco teve algo em troca.

Uma rápida sucessão de perguntas

Os dois discursos do Senhor vêm como rajadas de uma britadeira, servindo para esmagar qualquer sentimento de orgulho ou autoconfiança. No entanto, é preciso perguntar: Deus está zangado com Jó? Jó realmente pecou, e nós estamos vendo aqui a derrocada final da recusa obstinada de Jó se arrepender? Esse entendimento parece ser categoricamente desmentido pela declaração de Deus em Jó 42.7, repetindo, para ênfase, que os amigos "não disseram de mim o que era reto, como o meu servo Jó". Para começar, Deus não apenas disse que Jó era um homem íntegro, mas agora ele justifica Jó e declara publicamente que aquilo que Jó tem falado a respeito de Deus está correto – as mesmas coisas que os amigos e muitas pessoas da plateia tinham considerado chocante. O que, então, devemos deduzir dos discursos de Deus e do arrependimento de Jó em 42.6?

É interessante observar que em nenhum momento Deus declara que está irritado com Jó nesses dois discursos, como ele faz quando fala de Elifaz (Jó 42.7). A retórica nos discursos de Deus é profundamente intimidadora. Jó falou ousadamente a Deus (como se ausente, mas capaz de ouvir) e sobre Deus. Talvez na sua paixão ele tenha "obscurecido" o conselho ou, para colocar de modo mais coloquial, confundido as questões. Ele certamente tentou "contender" com Deus – a palavra significa levar alguém ao tribunal para resolver uma disputa (ver Jó 9.3, 14-16). Algumas de suas declarações se aproximam de acusar Deus de ter feito algo errado, como Jó 9.21 e Jó 10.4-7. Os amigos de Jó compreenderam a insistência em sua inocência como necessariamente acusar Deus de injustiça. Se Deus estivesse aqui fazendo essas acusações contra Jó, ficaria difícil saber o que fazer com sua afirmação de que Jó tem "falado de mim o que é reto".

Do mesmo modo, o arrependimento de Jó (Jó 42.6) não parece se encaixar no fluxo do que está acontecendo. Há vários problemas.

Em primeiro lugar, ao traduzir como "arrepender-se", estamos lendo de novo nessa palavra mais do que existe nela. "Arrependimento", no

uso cristão atual, é um termo teológico que inclui os conceitos expressos por três termos gregos do vocabulário do Novo Testamento (veja *O Breve Catecismo de Westminster*, P. e R. 87) – um fala de uma mudança de emoção, um sentimento de pesar (*metamelomai*), outro de uma mudança de atitude ou mente (*metanoeō*) e o terceiro de uma mudança de estilo de vida (*epistrephō*). A palavra hebraica usada em Jó 42.6 refere-se apenas a uma emoção de tristeza, pesar ou desespero.

Em segundo, se Jó estivesse admitindo a culpa ou erro, isso estaria em contradição com tudo o que Jó afirmara até esse ponto, bem como as declarações de Deus no início da história e no versículo seguinte, afirmando que Jó é inocente e justo. Deus expressamente afirma que Jó só tem dito constantemente o que é certo (Jó 42.7-9). A solução sugerida para esse problema tem sido que Jó estava arrependido pela maneira como falou, e não pelo conteúdo dos seus discursos. Se assim for, esse ponto não é explicitado no texto e é deixado para a conclusão do leitor.

Terceiro, o verbo que aqui é traduzido como "arrependimento" pode ter outros significados. Pode significar estar triste por uma pessoa (ver o Sl 90.13). Em algumas ocasiões, ele descreve uma pessoa lamentando-se por uma ação (ver 1Cr 21.15; Jr 8.6,18.8, 10; Jl 2.13; Am 7.3, 6; Jn 3.10, 4.2) – e, assim, "arrepender-se" nesse sentido é uma tradução apropriada nesses contextos.

Em todos os casos em que esse verbo é usado com essa preposição, esta nos aponta para a causa ou a ocasião da angústia da pessoa. Então, onde o arrependimento é considerado, a pessoa se arrepende, por causa da "sua perversidade" (Jr 8.6), ou o Senhor se arrepende relativamente a uma "catástrofe" que ele iria trazer (Êx 32.12, 14; Jn 3.10, 4.2). É difícil entender por que Jó se arrependeu "relativamente ao pó e cinzas". Tecnicamente é possível que a frase significasse que Jó arrependeu-se "em" seu pó e cinzas, mas essa seria uma expressão incomum.

Em muitos contextos, a expressão significa ser consolado a respeito de uma tragédia. Davi foi "consolado acerca de Amnom, que era morto" (2Sm 13.39); a voz de Raquel foi ouvida, estava chorando e se recusava a ser consolada, porque seus filhos "já não existem" (Jr 31.15), Ezequiel seria consolado "do mal que eu fiz vir sobre Jerusalém" (Ez 14.22, 32.31). É nesse sentido que a frase é usada mais uma vez em Jó 42.11: "Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado; cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro".

Também é importante observar que a Septuaginta (a tradução do Antigo Testamento para o grego que foi feita em alguma data nos três séculos anteriores a Cristo) e a tradução de Jó para o aramaico encontrada entre os Pergaminhos do Mar Morto (11Q10 xxxvii.8-9) retratam Jó se dissolvendo em pó e cinzas e não têm o sentido do arrependimento de Jó.

Por conseguinte, sugerimos o seguinte entendimento de Jó 42.6: "Por isso, me abomino (cf. Jó 9.21: "não faço caso da minha vida") e me arrependo no pó e na cinza".

O sentido seria o de que o aparecimento do Senhor e as coisas que ele disse atenderam ao clamor de Jó para Deus ouvi-lo e justificá-lo. É isso que Jó estava pedindo o tempo todo. Então, precisamos perguntar como o bombardeio de perguntas do Senhor iria responder as perguntas de Jó.

Seria justo imaginar que, com a presença visível de Deus que se aproximava, o público iria se perguntar se Deus abateria Jó.

"Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?" (Jó 38.2). Os amigos têm certeza de que se trata de Jó. Jó é aquele que está sendo chamado para se colocar diante de Deus e dar sua resposta. Para os amigos e o público, parece que Deus veio para vingá-los e confirmar suas acusações contra Jó.

Podemos ser perdoados se suspeitarmos de que haja algo deliberadamente armado aí. Deus está questionando Jó agressivamente, e é claro que tudo o que eles haviam dito sobre a soberania e a transcendência de Deus está sendo agora aplicado por Deus a ele. Quando se recuperaram do choque de ver a nuvem de glória e de ouvir a voz de Deus, talvez depois do primeiro discurso do Senhor, os amigos estavam começando a pensar que haviam vencido a disputa com Jó em grande estilo.

Quando ouviram sarcasmos como "Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido e porque é grande o número dos teus dias!" (Jó 38.21), todos estavam pensando que Jó estava perdido.

O Senhor, então, leva Jó, por assim dizer, para uma excursão pelo cosmos, desde o início da criação até as constelações do céu, das condições climáticas para o comportamento dos animais, e pergunta qual é o seu papel nesse processo. Como se isso não fosse suficiente, ele se concentra em duas das mais temíveis criaturas conhecidas por Jó: Raabe e Leviatã. Pode ser que esses fossem animais verdadeiros, possivelmente o hipopótamo e o crocodilo, ou poderia estar referindo-se a animais da mitologia local. Esse longo e um tanto repetitivo monólogo serve para

permitir que o choque inicial da chegada do Senhor passasse e para que o público pudesse se acalmar e captar o que estava sendo dito.

Mais e mais o crescendo dessas perguntas convenceria qualquer público de que Deus iria declarar que Jó era um homem ímpio e blasfemo, merecedor de tudo o que lhe acontecera. Os amigos podem ter até começado a aplaudir interiormente quando Deus disse a Jó: "Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?" (Jó 40.8).

Essa pode ser a história que os amigos de Jó inventaram daquilo que Jó estava dizendo, mas foi isso mesmo que Jó havia dito? Será que Deus estava concordando com os amigos? A declaração de Deus em Jó 42.7 é apenas uma afirmação da orientação geral dos discursos de Jó enquanto expressava ofensas nos detalhes significativos do que ele havia dito? Se assim for, essa é uma maneira confusa de afirmar a retidão de Jó. Você quase pode ouvir os amigos ao fundo sussurrando: "Amém! Sim, Senhor! Coloque-o de joelhos!"

A outra possibilidade, que parece mais de acordo com o restante do estilo retórico dos debates anteriores, seria ver os discursos de Deus como um exercício de pedagogia dramática. Quando Deus falou pela primeira vez a Satanás, ele empregou uma ingenuidade deliberada ou polida em sua fala. Ele agiu como se não tivesse ideia do que Satanás estava fazendo (Jó 1.7) ou o que ele fez com a fidelidade de Jó (2.2-3). Foi uma armação, atada a uma boa dose de ironia sarcástica. Aqui, mais uma vez, quando o Senhor se dirigia a seu servo, ele não estava olhando para os amigos e aqueles que o acusaram com tamanha indignação moral viciosa e cheia de justiça própria? Será que Jó "descreu da minha justiça", ou foram os amigos que sempre afirmaram que Deus não poderia trazer tal calamidade a um homem justo? Será que Jó tentou condenar o Senhor para se justificar – ou as tentativas dos amigos de Jó de condená-lo não apoiavam a acusação original de Satanás e, ao fazê-lo, estavam sugerindo que Deus era um mentiroso? Talvez tenhamos de ver nos discursos de Deus uma série de acusações que, embora dirigidas na forma de perguntas a Jó, eram acusações contra seus amigos. Quando chegarmos a Jó 40.12-14, a armadilha será desarmada, quando Deus diz para Jó: "Olha para todo soberbo e humilha-o, calca aos pés os perversos no seu lugar. Cobre-os juntamente no pó, encerra-lhes o rosto no sepulcro. Então, também eu confessarei a teu respeito que a tua mão direita te dá vitória".

Jó nunca alegou que a sua própria mão direita poderia salvá-lo. Mas seus amigos insistiram para que ele pensasse que poderia salvar-se se admitisse a sua culpa e mudasse o seu estilo de vida. O evangelho deles era um evangelho da justiça da reciprocidade pelo qual o arrependimento e o viver corretamente restaurariam a prosperidade, sem qualquer conceito de fé ou de graça.

Se você quiser um evangelho como esse, então, diz o Senhor, terá de ser capaz de cuidar de toda a criação, e você terá de ser capaz de consertar todos os problemas do mundo e também levar todos os vilões à justiça. Se você pode fazer tudo isso, então, diz Deus, você pode salvar a si mesmo.

Essa é a hipérbole divina. É a mais sublime ironia – tudo o que os amigos disseram deu meia-volta e foi redirecionado diretamente contra eles. Você quer acreditar num evangelho como esse – mostre-me! Faça-o funcionar! E faça-o diante da presença visível da glória do Senhor.

E Jó fica comovido e responde com admiração e exaustão (Jó 42.5-6).

É como se esse aparecimento grande e temível de Deus tivesse vindo em direção a Jó, fazendo pergunta depois de pergunta com a velocidade de uma rajada de metralhadora, e dando a todos e a cada um a impressão de que Jó estava prestes a ser severamente punido por seu orgulho e autojustificação. Então, quando toda a cena atinge um crescendo, Jó, como uma criança, protesta com uma expressão não diferenciada de tristeza e dor – talvez esperando morrer por razões que ainda não faziam nenhum sentido para ele.

Então, no momento em que esperamos que Deus atingisse Jó, todo o movimento da nuvem de glória não chega até ele, mas faz uma curva brusca à esquerda, e desce sobre os três amigos – agora a ira e o julgamento de Deus chegam ao seu verdadeiro destino. O protesto de Jó não é reconhecido. Pelo contrário, como que escapando da morte por alguns centímetros, Jó levanta os olhos para ouvir a justificação pela qual ele ansiava o tempo todo, e as advertências anteriores que ele havia feito aos amigos (cf. Jó 19.28-29) se mostram verdadeiras.

Jó cria num evangelho da graça. Ele tomou Deus em sua palavra, quando Deus o declarou ser justo, e ele nunca abandonou essa crença nem por um instante. Agora Deus publicamente, e na terra, declara que Jó tinha razão.

> Tendo o SENHOR falado estas palavras a Jó, o SENHOR disse também a Elifaz, o temanita. A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. (Jó 42.7-8)

Qual é a base sobre a qual um homem afirma estar correto com Deus? É aquilo que eu fiz? Ou é o que Deus tem feito por mim?

Jó colocou sua confiança na palavra da promessa de Deus (Jó 6.10). Hoje, podemos colocar nossa confiança numa promessa mantida na História e da qual temos, nos documentos do Novo Testamento, o depoimento de muitas testemunhas (At 2.32; 1Pe 5.1; 1Jo 1.1-3, 4.14).

Nosso parente vingador de sangue veio em carne, morreu e pagou por nossos pecados, ressuscitou de entre os mortos, subiu ao céu, e de lá derramou sobre nós o seu Santo Espírito. E nós temos a sua Palavra escrita, como Paulo nos diz: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito. O justo viverá por fé" (Rm 1.16-17).

É um exercício interessante ler todo o discurso de Deus a Jó uma segunda vez, só que, dessa vez, imagine que as palavras dele não são dirigidas a Jó em sua pilha de cinzas, mas a Jesus em sua cruz.

> Deus: "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra?" (Jó 38.4)
>
> Jesus: "Exatamente ali!" (Cl 1.16)
>
> Deus: "Acaso, desde que começaram os teus dias, deste ordem à madrugada ou fizeste a alva saber o seu lugar?" (Jó 38.12)
>
> Jesus: "Todos os dias!" (Hb 1.1-4)

E esse é nosso vingador de sangue, o Redentor, nosso Advogado e Mediador, e ele fala em nosso nome de um trono dentro da nuvem de glória.

Como você vai responder ao Senhor quando ele fizer essas perguntas a você?

Para reflexão adicional

1. Leia o Salmo 8 e João 3.16 e pense sobre o que é ser um filho de Deus.

2. Leia Ezequiel 1 e Êxodo 40.24-28. Então pense novamente nas implicações de Atos 2.

3. Reflita de novo sobre as perguntas que Deus fez a Jó como se fossem destinadas a Jesus – especialmente Jó 40.12-14.

4. Recentemente, John Chapman fez esta pergunta para alguns alunos: "Se você morrer e encontrar-se de pé diante do trono de Deus, e se ele lhe perguntar por que deve permitir que você entre no céu, qual será a sua resposta?" Então, ele fez uma pausa: "Sua resposta provavelmente vai começar com a palavra 'porque'. Agora, pense. A próxima palavra que você disser identificará a pessoa em quem você colocou a sua fé e esperança para a vida eterna. Que palavra é essa: 'Jesus' ou 'eu'"?

Parte cinco

Um tempo para se recuperar

14

Graça sobre graça (42.7-17)



No final de uma provação como a que Jó passou – e não nos é dito quanto tempo durou – qual seria a primeira coisa que você gostaria de fazer? O tempo do sofrimento acabou. Não há mais argumentos para suportar. Deus disse ao mundo que você estava certo e todos os outros estavam errados. Como você se sente? O que está pensando quando olha para seus amigos e se lembra das palavras deles? Lembra-se de quando lhe disseram que seus filhos morreram porque eles tinham feito algo para merecer isso? Que você havia oprimido os pobres e era um blasfemador e havia recebido uma punição menor do que merecia?

A experiência de Jó não é diferente da de muitos cristãos que foram presos por sua fé – e torturados. Se reescrevêssemos a história de Jó e a adaptássemos aos nossos valores e cultura ocidentais, neste momento na História todos estariam recebendo apoio e a peça iria terminar com todos os envolvidos sendo encaminhados para aconselhamento. Depois dos conselheiros viriam os advogados e os processos. As fofocas do rádio estariam correndo quente, e os tabloides estariam ficando ricos enquanto as massas expressavam sua indignação para com os amigos de Jó. Um banco também patrocinaria um fundo de ajuda a Jó. É assim que tudo deveria acabar?

As prioridades de Deus são interessantes, não são? Observe.

> Tendo o Senhor falado estas palavras a Jó, o Senhor disse também a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o

> que era reto, como o meu servo Jó. Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. Então, foram Elifaz, o temanita, e Bildade, o sunita, e Zofar, o naamatita, e fizeram como o SENHOR lhes ordenara; e o SENHOR aceitou a oração de Jó. (Jó 42.7-9)

Depois de justificar Jó, a primeira prioridade de Deus é restaurar e perdoar os amigos dele e, portanto, restaurar a amizade que Jó tinha com essas pessoas. Isso diz muito, não diz? Lá está Jesus, nu, pregado numa cruz, próximo do final de ter sido torturado até a morte; enquanto seus inimigos zombam dele, o que ele diz? – "Pai, perdoa-lhes" (Lc 23.34) – e eles jogam os dados para ver quem fica com suas roupas.

É esse Jesus que nos diz: "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas" (Mc 11.25).

Alguns anos atrás, uma senhora idosa chegou com sua bagagem para o curso de verão da Church Missionary Society em Katoomba, cerca de 100 quilômetros a oeste de Sydney. Quando ela chegou, uma jovem viu sua dificuldade e ofereceu-se para ajudá-la. A senhora era Kathy Diosy, uma judia húngara que tinha perdido todos os homens de sua família nos campos da morte de Hitler. A jovem era Hanna Collison – uma missionária que trabalhava no Quênia – cujo pai tinha sido um soldado da SS de Hitler. Quando Kathy contou sua história mais tarde durante a conferência, Hanna teve de enfrentar algumas verdades terríveis. Hanna nunca havia encontrado um sobrevivente do Holocausto antes. Algumas perguntas precisavam de respostas, então ela se aproximou de Kathy com a verdade. Kel Richards registrou a resposta de Kathy.

> Você é minha irmã em Cristo, eu a amo. Quando me tornei cristã, perdoei tudo o que já aconteceu comigo ou com minha família. Você não deve se sentir assim. Estamos juntas, somos irmãs, não há nenhuma barreira entre nós.[1]

A comunidade cristã pode multiplicar essas histórias milhões de vezes.[2] O perdão é uma coisa incrível, se vier cinquenta anos depois do acontecimento, ou como quando um pastor como Kefa Sempangi orou para

que Deus perdoasse os homens que Idi Amin tinha enviado para matá-lo, no mesmo momento que eles estavam apontando suas armas contra ele.[3]

Na nossa língua, a palavra "perdão" tem todos os tipos de conotação moral. Na Bíblia, ela significa simplesmente deixar que alguma coisa se vá. A mesma palavra pode ser aplicada para atirar uma flecha ou libertar um prisioneiro.

Como alguém pode se esquecer dos horrores do Holocausto, o assassinato da esposa, a traição de um amigo, ser ridicularizado e abusado em circunstâncias como a de Jó, ou tantas outras experiências que ocorrem em todo o mundo?

Tudo começa quando estamos ao pé da cruz e vemos o que custou a Deus *nos* perdoar. Quando entendemos esse conceito, então perdoar os outros acontece naturalmente. Se Deus tornou-se homem para morrer por mim, então eu não posso condenar ninguém, nem me apegar ao ódio e a sonhos de vingança. Sou por demais envergonhado para ser capaz de fazer isso (Ez 16.63). Jesus disse: "mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama" (Lc 7.47). E, depois, há Jesus que não cometeu nenhum pecado e amou mais!

A primeira prioridade para Deus e para Jó é fazer que os amigos sejam perdoados e restaurados. A graça é justificada. Agora é a hora de colocá-la em ação.

Então Jó, o servo sofredor, torna-se Jó, o sacerdote, novamente. Dessa vez não é por seus filhos que ele ora, mas pelos amigos que o traíram. Imagine ser um dos amigos e entregar seus animais para morrer em seu lugar – para Jó. Imagine-se no lugar de Jó quando apanha a faca para cortar a garganta daqueles catorze animais. E então o fogo – queimar as carcaças de sete touros e sete carneiros não é pouca coisa. Não, mas pela graça de Deus... E esse é o ponto. O evangelho ao qual Jó apegou-se durante todo o tempo era esse, de que Deus estava prestes a tornar-se um homem no lugar de Jó e pagar por seus pecados, os pecados dos amigos, e os nossos. É graça esmagadora, e responde a todas as nossas perguntas.

E, assim, para a festa

Chega dessas lágrimas. Tragam a comida e o vinho, e reúnam a família. Jó está curado e restaurado, e as provações passaram.

> Mudou o SENHOR a sorte de Jó, quando este orava pelos seus amigos; e o SENHOR deu-lhe o dobro de tudo o que antes possuíra. Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado; cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro. (Jó 42.10-11)

É significativo que nenhuma das nossas perguntas seja sequer percebida aqui. Nós nos perguntamos – de onde vêm todos esses irmãos e irmãs? Onde estavam quando Jó precisou deles? Que ideia é essa de lhe dar prata e anéis de ouro agora que ele está recuperado? Ou isso é a família colocando as mãos nos bolsos para dar a Jó um novo começo financeiro?

Parece que essas perguntas foram para o segundo plano quando as celebrações começaram. O foco está todo na alegria liberada por uma grande quantidade de pressão.

É interessante, porém, justapor o conforto e consolo que agora estão acontecendo com aquilo que passou. Talvez, até que o Senhor tivesse justificado Jó, tal conforto e consolo não fossem possíveis. O pensamento positivo e adoráveis palavras sentimentais sobre um futuro brilhante são como sal numa ferida em carne viva quando Jó está em seu monte de cinzas clamando a Deus que o justificasse. Não se trata de dinheiro. Não é nem mesmo a respeito dos filhos. No seu nível mais profundo, a questão dizia respeito à própria vida. Qual é o propósito? Há um propósito? Qual é a verdade em toda essa bagunça? Pensamentos positivos e lindas expressões sentimentais nessas ocasiões podem ser irritantes.

Mas agora as perguntas foram respondidas, e todos podem participar e desfrutar dessas respostas. E não há maior conforto do que estar rodeado por pessoas que são testemunhas da defesa do evangelho. É bom voltar para casa.

O padrão de imagens do nosso futuro no Novo Testamento é que, no final da nossa luta, quando Jesus retornar, o primeiro item da ordem do dia é a festa.

> Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de

> justiça dos santos. Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras palavras de Deus. (Ap 19.7-9)

Em retrospectiva, quando olhamos para trás, para a época do ministério público de Jesus, muitas de suas ações e palavras de repente fazem sentido – mas só depois que sabemos sobre a sua prisão, julgamento, crucificação, ressurreição, ascensão e a efusão do Espírito Santo no Pentecostes.

Por que Jesus escolheu levar seus discípulos ao alto de uma montanha e fazer com que vissem a glória do Senhor e ouvissem sua voz e passassem um tempo com Elias e Moisés (Mt 17.1-13; Mc 9.2-13; Lc 9.28-36)? Como isso os ajudaria a entender o que estava prestes a acontecer – com exceção talvez do indício misterioso de que nunca ninguém encontrou os corpos de Moisés e nem de Elias. As palavras de Deus sobre a montanha são uma repetição do que ele havia dito.

Por que Jesus passou a noite da traição dizendo a seus discípulos que depois que ele fosse embora estes deveriam fazer regularmente uma refeição juntos e lembrar-se do que estava prestes a acontecer (Mt 26.17-30; Mc 14.12-26; Lc 22.7-23)?

Isso ajuda a manter nossos olhos no futuro e nos assegurar da verdade do evangelho que finalmente será vindicado quando Jesus voltar. Quantos irmãos e irmãs irão aparecer que nós nem conhecemos? E quais serão suas histórias – quando todos estiverem presentes, terão andado por onde Jó andou cada um à sua maneira? Quando a igreja local se senta à mesa do Senhor, e fazemos uma pausa para nos lembrar, olhe ao redor para "discernir o corpo" de Cristo [as pessoas, e não o pão] (1Co 11.29) – essa é a razão de nos maravilharmos.

Um gostinho do paraíso

Quando Deus criou o homem e a mulher, ele lhes disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). Jó certamente parece ter cumprido essa comissão. A última parte da vida dele parece tão perto de um retorno ao Éden quanto pode ser visto na Bíblia.

> Assim, abençoou o SENHOR o último estado de Jó mais do que o primeiro; porque veio a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. Também teve outros sete filhos e três filhas. Chamou o nome da primeira Jemima, o da outra, Quezia, e o da terceira, Quéren-Hapuque. Em toda aquela terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos. Depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração. Então, morreu Jó, velho e farto de dias. (Jó 42.12-17)

Em Jó 42.10, somos informados que Jó recebeu de volta o dobro de tudo o que havia perdido, e os números estão lá para deixar claro que Deus literalmente fez isso.

É difícil entender como a justiça e a graça podem existir lado a lado como atributos de Deus. A cruz resolve essa questão enquanto a justiça é feita e a graça é realizada como um resultado. Aqui, novamente, temos as duas juntas.

Jó tinha razão quando declarou: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 1.21).

Nada temos que seja nosso. Tudo pertence a Deus, e ele está no seu direito de fazer com sua criação aquilo que ele quiser (Rm 9.20-21). Esse ponto ficou claro pelas perguntas que Deus acabou de fazer a Jó. Ele é dono do gado sobre os milhares de montanhas (Sl 50.9-12). Ele não deve nada a Jó. E, no entanto, ele ainda dá a Jó o dobro de tudo que ele perdera e, ao fazer isso, Deus cumpriu a lei, como revelou mais tarde a Moisés acerca de propriedade roubada, perdida ou danificada (Êx 22.1-15). Deus dá a Jó o que Jó teria o direito de recuperar dos sabeus e caldeus (Jó 1.13-17). Graça e justiça aqui operam juntas, porque esse é o caráter de Deus.

É interessante que ele também teve o dobro do número de filhos, embora no início esse não pareça ser o caso. Os animais não irão ressuscitar de entre os mortos, mas filhos e filhas irão. No entanto, devo admitir que andei me perguntando sobre sua esposa. Não há menção dela nesse capítulo. Será que ela voltou? Teria ela ido embora? Quem era a mãe desses dez filhos adicionais? Não nos é dito.

Também é significativo que o autor quebra a tradição bíblica e nos dá os nomes das filhas, mas não dos filhos. Pode ser que o autor soubesse

algo do prazer especial que um pai tem em suas filhas, e o modo em que elas eram um consolo e uma alegria para Jó. É justo que no final de tal triunfo da graça, os filhos e herdeiros sejam, por assim dizer, algo tido como certo, e a atenção recaia sobre aqueles que normalmente não são notados. Onde houver graça, deve haver o irmão mais velho da parábola do filho pródigo. Tais filhos são homens fiéis e maravilhosos e seus pais os amam – mas eles podem pagar para os holofotes se deslocarem para onde a graça é mais evidente. As filhas ordinariamente não herdavam terras. A generosidade de seu pai reflete um copo que está verdadeiramente transbordando.

Porém, as últimas palavras são tristes. Jó morre. É uma especulação interessante que se viveu mais 140 anos após a sua perda, e Deus lhe deu o dobro do que tinha perdido, ele devia estar com 70 anos quando Satanás o atacou. Uma especulação interessante – mas ainda ficamos com um triste funeral. Imagine você, deve ter sido um grande funeral com quatro gerações que começou com dez filhos. Muito pelo que dar graças, mas no final isso não está correto, não é? Nós ainda não voltamos ao Éden.

E essa é uma lição importante para se tirar do livro de Jó. O que vemos aqui não é o fim da história. O melhor ainda está por vir.

Jó já havia aceitado a possibilidade de que ele poderia morrer antes de ser justificado (Jó 19.25-27). Os amigos estavam certos de que nenhum homem de Deus jamais poderia acabar na condição em que Jó se encontrava. Eles disseram que se ele reconhecesse sua culpa e se arrependesse, seria restaurado.

Então, Elifaz argumentou:

> Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-Poderoso... Saberás também que se multiplicará a tua descendência, e a tua posteridade, como a erva da terra. Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo a seu tempo. Eis que isto já o havemos inquirido, e assim é; ouve-o e medita nisso para teu bem. (Jó 5.17, 25-27)

> Reconcilia-te, pois, com ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem... Se te converteres ao Todo-Poderoso, serás restabelecido; se afastares a injustiça da tua tenda. (22.21, 23)

E Bildade:

> Eis que Deus não rejeita ao íntegro, nem toma pela mão os malfeitores. Ele te encherá a boca de riso e os teus lábios, de júbilo. Teus aborrecedores se vestirão de ignomínia, e a tenda dos perversos não subsistirá. (Jó 8.20-22)

E Zofar:

> Se dispuseres o coração e estenderes as mãos para Deus; se lançares para longe a iniquidade da tua mão e não permitires habitar na tua tenda a injustiça, então, levantarás o rosto sem mácula, estarás seguro e não temerás. Pois te esquecerás dos teus sofrimentos e deles só terás lembrança como de águas que passaram. A tua vida será mais clara que o meio-dia; ainda que lhe haja trevas, serão como a manhã. (Jó 11.13-17)

E aqui está Jó, desfrutando de todas as coisas que disseram que ele se beneficiaria – mas ele não voltou e reconheceu sua culpa ou aceitou que todo esse sofrimento fosse um castigo de Deus por seu pecado. Exatamente o contrário! Deus fez tudo isso como uma vindicação de seu servo, em face de tais acusações.

Mas agora Jó está morto.

E com ele muitos outros santos de Deus.

E então nós esperamos pela ressurreição. Olhamos para além do monte de cinzas e para além do túmulo para o dia quando outro Servo Sofredor vai voltar, ressuscitar das sepulturas os que lhe pertencem, e nos levar a outra criação – melhor do que o Éden. E essa será a justificação definitiva da justiça que recebemos pela fé em Cristo.

Até então, vivemos pela fé perseverante, e nos apegamos às palavras do Santo que nos diz:

> Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus. (1Co 6.9-11)

> As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. (Jo 10.27-28)

Para reflexão adicional

1. Como seria ter sido um dos três amigos de Jó? O que eles (nós) devem (devemos) fazer agora?

2. Como Lucas 7.47 opera em você?

3. Se todo o céu se alegra quando um pecador se converte, como deve reagir a igreja local? E quando? Que mensagem a nossa resposta passa nesse momento?

4. Enquanto nós nos sentamos à mesa do Senhor e nos lembramos do preço que ele pagou, como também expressar adequadamente a alegria e a maravilha de ter o direito de estar lá para comer e beber com o restante do seu povo?

15

Uma reflexão: Jó, Jesus e eu



Talvez seja hora de fazer uma caminhada e ficar sozinho com o Senhor por uma hora ou duas. Se você percorreu com sucesso todo o livro de Jó, e esses últimos catorze capítulos, deve haver muita coisa para pensar a esse respeito. E talvez haja algumas perguntas sérias que precisamos fazer a nós mesmos. Penso na cena de *Um violinista no telhado*, quando disseram a Tevye que está para acontecer um massacre na aldeia. Ele conversa com Deus como se Deus estivesse ao lado dele. Ele reflete sobre a história dos judeus e todos os seus sofrimentos, e se pergunta se Deus não gostaria de deixar alguma outra nação ser o povo escolhido por algum tempo.

Se você fosse Jó aos 20 anos de idade, e pudesse ter lido esse livro antes do tempo – o que faria? Ainda se proporia ser um servo fiel e irrepreensível do Deus vivo sabendo que ele iria em seguida escolher você para ser aquele que passaria por todo esse sofrimento? Essa não é uma pergunta justa – pelo menos não para Jó. Mas depois do que lemos no restante da Bíblia e visto especialmente no Novo Testamento, é uma pergunta séria que precisamos enfrentar. Talvez você queira ir para o seu lugar sossegado e ficar sozinho com o Senhor, orar e meditar sobre isso.

Quando Jesus chamou seus discípulos, ele disse a eles:

> Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e

> sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á. (Mt 10.32-39)
>
> Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. (Mt 16.24-25)

Você ainda quer ser cristão?

Um aluno muçulmano se apresenta. Ele conta da visita que fez a seus parentes no Líbano e de como viu as armas e lançadores de foguetes na garagem. Sua família havia fugido do país. Seu pai lhe disse que queria dar a seus filhos uma escolha, e não vê-los sendo forçados a entrar no ciclo de feudo de sangue e guerra que ele tinha conhecido. Agora o rapaz quer tornar-se cristão. Mas ele tem medo de dizer isso a seus pais, porque, se os familiares descobrem, eles irão forçar seus pais a enviá-lo de volta para o Líbano e fazê-lo voltar ao islamismo. Ele está realmente com medo. Será que você, no lugar dele, iria querer ser um cristão? Você incentivaria esse jovem a entregar sua vida a Cristo e reconhecer Jesus como seu Senhor diante de sua família?

Todos os dias, no mundo todo, as pessoas estão fazendo essas escolhas e enfrentando algumas consequências terríveis. Quantas vezes lidamos com mulheres que chegam à fé em Cristo, mas que vão para casa e enfrentam um marido violento e aterrorizante, que vai proibi-las de ter qualquer contato com o povo de Cristo – ou pior?

Há muitas maneiras em que a escolha de seguir a Cristo envolve tomar a cruz. No nível mais simples, ela envolve continuar a viver num mundo caído, com um corpo que está se deteriorando. Pode significar várias coisas ao longo do espectro das possibilidades.

Vale a pena dedicar algum tempo para pensar nessa realidade. Quando nos voltamos para a Bíblia em Gênesis 3 e revemos as maldições que Deus impôs sobre o homem e a mulher como consequência pelo seu pecado, poderíamos nos perguntar que efeito o sacrifício de Jesus já teve em nosso lugar. Quantas vezes nos dizem que se nos arrependermos e

crermos nele, seremos declarados justos por Deus – lavados, justificados e santificados (1Co 6.11)? Se Jesus morreu para tirar os nossos pecados e acabar com a maldição, por que as mulheres cristãs ainda enfrentam a maldição sobre a gravidez e o parto? Por que nosso corpo ainda se desintegra e acaba sendo engolido pela terra? E por que é que ainda vivemos num mundo de injustiça, sofrimento e violência em nada diferente do que lemos a respeito do período anterior ao dilúvio (Gn 6.5)?

Vamos refletir sobre o padrão que vemos na vida de Jó, de Jesus, e depois, na nossa própria!

1. Tudo está ocorrendo de acordo com o plano

Antes que Deus criasse os céus e a terra, ele tinha um plano, e nesse plano estavam Jó, Jesus e eu e você. "Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11).

Jó foi criado para realizar as coisas que estivemos lendo a respeito dele. Foi-lhe dada a riqueza, os filhos e as bênçãos para essa finalidade. Seus amigos foram criados por Deus para cumprir sua parte na totalidade da experiência também. Deus nunca teve dúvidas quanto ao resultado. Isso é revelado progressivamente à medida que cada um vive por meio da experiência e luta com as escolhas que tem que fazer.

As pessoas discutem sobre a questão do controle de Deus e nosso livre-arbítrio. Esse debate não parece estar acontecendo na Bíblia. É uma questão potencial tratada por Paulo em Romanos 9, mas ninguém parece estar argumentando seja contra a soberania de Deus ou a integridade das escolhas humanas. O que para nós pode ser um conceito difícil de apreender com nossa mente é uma realidade viva que conhecemos cada minuto todos os dias.

Em 1971, fui acampar com alguns amigos no final de semana da Páscoa. Na noite de sábado, os rapazes estavam enfadados, e eles decidiram que deveríamos ir caçar coelhos. Como eu era o único que tinha uma espingarda, fui encarregado de atirar. Então, lá fomos nós até a estrada de volta à procura de coelhinhos.

Nada de coelhos (o que seria quase como contar um milagre nessa parte do país). Uma hora depois, os rapazes foram ficando inquietos. Então, nas luzes da moto, avistamos um reflexo a cerca de 25 metros à frente, que parecia o reflexo do olho de um animal.

"Atire, Jacko, acerte-o!"

Estávamos em aproximadamente doze, e todos queriam que eu disparasse aquele rifle para atirar em qualquer coisa – o que fosse! Então, engatilhei a arma, entrou uma bala na câmara, coloquei a trava de segurança e andei alguns metros à frente para apontar. Quando coloquei a arma no meu ombro, estava me sentindo desconfortável. "E se for uma vaca?", disse para mim mesmo. Mirei e me esforcei para ver o que era, sem sucesso. Então, comecei a discutir comigo mesmo. Fui treinado para não visar nada que eu não pudesse identificar como meu alvo. Coloquei de volta o fecho de segurança.

"O que você está esperando, Jacko? Atire nele antes que vá embora!"

Os caras definitivamente não estavam felizes e queriam que eu desse um fim ao tédio. Destravei o fecho de segurança, mirei, e disse a mim mesmo: "Então, e se eu atirar numa pedra?" Mas eu ainda estava me sentindo desconfortável. Então, como os caras estavam silvando e insistindo comigo, tirei a pressão de sobre o gatilho – "Não! Eu quero ver melhor!"

Dedo fora do gatilho – trava de segurança – arma abaixada – subi na bicicleta, e avancei cinco metros.

Nós todos ficamos boquiabertos. Era uma perua estacionada ao lado, fora da estrada. O reflexo vinha da parte traseira direita da janela atrás da cabeça do motorista, que estava caído sobre o volante, dormindo. A essa distância eu não teria evitado colocar uma bala no cérebro daquele cara. Meu primeiro pensamento foi: "Obrigado, Senhor!" Eu estava no meio da estrada tremendo com o choque de adrenalina pelo que quase havia acontecido.

Você pode começar a imaginar como dois centímetros e meio a mais de movimento do meu dedo indicador direito teriam mudado a minha vida, sem falar na dele? Eu tinha 20 anos. Foi horrível saber quanto eu havia chegado perto. Eu sabia que podia ter escolhido disparar. O que eu não sei é como Deus me parou, mas sei que atirar naquela pessoa não era o seu plano para mim, mas que eu aprendesse algumas grandes lições e continuasse a pôr em prática seus planos para minha vida.

Deus é soberano, e tudo acontece de acordo com o plano dele. Nossas escolhas são livres no sentido de não serem forçadas e totalmente nossas. Mas aquele que nos criou não precisa violar a integridade de seus planos e propósitos para prevalecer – e eu estou maravilhado com ele.

Quando Jesus veio ao mundo, sua vida estava planejada desde antes da criação também. Jesus sabia que ele era o Cristo do Salmo 2, o

Filho de Deus de 2Samuel 7, o Filho do Homem de Daniel 7 e o Servo Sofredor de Isaías 52-53. Muitas vezes ele explicou isso aos seus discípulos e eles não entenderam (Mc 8.31, 9.12, 31-32, 10.33-34). Quando Pedro se levantou para pregar à multidão no dia de Pentecostes, sete semanas depois da ressurreição de Jesus, ele lhes disse que Jesus havia morrido de acordo com "o determinado desígnio e presciência de Deus" e que "vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos" (At 2.23).

Paulo nos diz que "somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus preparou de antemão para nós" (Ef 2.10).

Ao contrário de Jesus, nós não estivemos na corte celestial ou vimos os planos de Deus com antecedência. Nós não estávamos lá antes da fundação do mundo. Mas sabemos que ele estava, e que seus planos para nós são para o bem de todos os que creem nele (Rm 8.28) e, finalmente, para a sua glória (Rm 8.17-18; 1Co 10.31; 2Co 4.17): "Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo" (Ef 1.11-12).

2. É sobre a integridade da fé salvadora

A fé salvadora é a fé que persevera. "Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1Jo 5.4).

3. Trata de apegar-se ao testemunho de Deus no que diz respeito a nós diante da tentação

Isso significa vencer a tentação. Isso não significa concordar com o mundo ou aceitar as acusações daqueles que dizem que temos de ganhar a nossa salvação. "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13).

Deus declarou que Jó era inocente (Jó 1.8). Falou de Jesus como seu Filho, com quem ele estava bem satisfeito (Mt 3.17, 17.5; Is 42.1). E diante de todo o céu, ele declara justos e santos todos os que se arrependem e creem em Jesus. Temos a sua palavra sobre isso. E essa palavra é a nossa esperança para a eternidade.

> Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8.37-39)

4. É sobre ter um advogado no céu

Jó, como nós, precisava de alguém para fazer a sua defesa diante do trono de Deus e pleitear justificação – de um advogado e um mediador. Jesus, que pagou por nossos pecados com a sua própria vida sem pecado na cruz, subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus, e lá está como nosso representante e nosso advogado (At 1.9; Ap 12.5). A acusação de Satanás contra nós foi rejeitada pelo tribunal juntamente com Satanás e os seus anjos (Lc 10.18; Ap 12.7-9). Legalmente falando, já fomos justificados e estamos sendo justificados a cada momento que Jesus está sentado nesse trono. E ninguém pode ir para o céu e mudar isso. O que para Jó era uma necessidade lógica que ele acreditava ser verdade, para nós é uma realidade viva, resultante de um ato na História, como Estêvão viu no momento que ele também morreu nas mãos dos homens ímpios (At 7.54-56).

Mesmo se cometermos pecado e por fazer isso contradizermos a nossa fé, Jesus pagou por isso também, e por isso João nos diz: "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo" (1Jo 2.1).

5. É sobre suportar o sofrimento físico

Os aspectos físicos dos sofrimentos de Jó e de Jesus podem ser os aspectos mais dramáticos e marcantes da vida deles, da nossa perspectiva. Preparam-nos para as nossas provas físicas e advertem-nos que estar no mundo, na carne, significa que não seremos poupados dessas coisas (Dn 7.21-22; Ap 13.7). E assim chegamos a nos concentrar na esperança da ressurreição e da restauração de nosso corpo. E nós ansiamos para que isso aconteça (Ap 6.10).

6. É sobre a traição e maus-tratos

Como Jó que se senta sozinho no seu monte de cinzas e como Jesus que chora sozinho na cruz, sabemos que vamos passar por momentos

em que todos os que nos rodeiam zombarão de nós ou nos acusarão. Seguir a Cristo é caminhar na direção contrária à da sociedade em que nascemos, e que envolve ofender e ser ofendido por pessoas que amamos muito. Para Jó, estes foram a esposa e os amigos. Para Jesus, foram os seus irmãos, um dos doze, os anciãos e os governantes do remanescente de Israel – e até mesmo a multidão que antes o apoiava.

7. É sobre ser sábio ao responder aos nossos adversários

Jó se empenha num longo debate. Jesus ensinou por parábolas e confundiu os seus inimigos. Perante os juízes que o julgaram, ele ficou em silêncio. Também nós somos chamados a falar sabiamente e ainda corajosamente do evangelho e estar preparados para ele próprio e defendê-lo em todos os momentos, e fazer isso sem dar ao inimigo nenhum motivo para que nos acuse (1Pedro).

8. É sobre derramar nosso coração diante do Pai

A intensidade emocional de Jó e de Jesus nos diz que ser cristão não é uma questão de resistência estoica. Nossas emoções devem estar em sintonia com a de Deus de tal modo que quando ele ri, nós rimos, quando ele chora, nós choramos, e quando ele fica irado, estamos autorizados a nos irar também. Ser feito à imagem de Deus não é apenas uma coisa física – devemos afinar os nossos pensamentos e nossas emoções com os dele e expressamos esses sentimentos a ele em oração sem a preocupação da dignidade ou ritual, como crianças sentadas no colo do Pai, apegando-se a ele por tudo o que vale a pena. "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós. Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.7-8).

9. É saber que finalmente a justiça será feita

O que quer que tenhamos perdido, teremos de volta e ainda mais – para Jó foi em dobro. Jesus obteve como herança todas as pessoas que seriam salvas e o reino que Adão havia perdido. Todo pecado é punido. Todas as injustiças serão corrigidas. E assim podemos nos dar ao luxo de esperar até o dia em que o juiz de toda a terra vai voltar e levar tudo diante de seu Tribunal de Justiça. "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna" (Mt 19.29).

10. E vale a pena

Mas há outra coisa em que precisamos pensar.

Nas piores épocas podemos imaginar e desejar que Jesus venha rapidamente acabar com o sofrimento e a injustiça e traga essa gloriosa criação. O escritor do Apocalipse, o apóstolo João, do seu local de exílio na ilha de Patmos, escreveu para as igrejas sofredoras da época. Ele retratou os espíritos dos crentes que tinham sido mortos por sua fé. Eles estão sentados sobre as cinzas do altar no céu. Eles foram oferecidos, por assim dizer, como holocaustos. E de suas pilhas de cinzas "Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (Ap 6.10).

No final de seu livro, ele escreve: "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22.20). Mas será que queremos realmente que Jesus volte hoje?

Todo crente está dividido entre duas direções, como era o apóstolo Paulo (Fp 1.23-24). Por um lado, ansiamos pela glória – pela ressurreição e pela outra criação e de nos reunirmos àqueles que amamos e de quem sentimos falta. Mas, por outro...

Quem dentre aqueles que hoje você conhece e ama que não conhece Cristo? Se Jesus voltasse hoje e acabasse com o sofrimento, seria o fim da oportunidade para muitas pessoas de ouvir o evangelho e serem salvas. Vamos fazer uma pausa por um momento. A nossa família? Nossos pais? Filhos? Netos? Irmãos ou irmãs?

Alguns anos atrás, sentei-me com um homem santo de Deus que fora professor na Moore Theologiacal College, em Sydney, e conversamos sobre como tínhamos chegado a conhecer o Senhor. Ele era um homem familiarizado com o sofrimento e os desafios que Jó tinha enfrentado. Disse me que quando se tornou cristão, escreveu uma carta a seu avô na Inglaterra que ele sabia que era um crente e a quem nunca havia encontrado. Seu avô escreveu de volta imediatamente, obviamente muito feliz, dizendo a Bruce que havia orado diariamente pela sua conversão desde que ouviu a notícia de que sua mãe estava grávida!

Há alguns anos, minha esposa foi para Vancouver para participar de uma reunião de família. Cerca de duas centenas de pessoas reunidas na Trinity Western University – todas descendentes do bisavô de Pat. Nessa reunião, chegou um homem de seus 40 anos que não conhecia ninguém. Ele havia se convertido a Cristo e, por meio de várias coincidências, descoberto que tinha alguns parentes cristãos e que eles estavam tendo uma reunião. Assim, ali estava ele. E, claro, na área de recepção todos

tinham de ter um crachá, que identificava a que ramo da família pertencia. Depois de feita a identificação, ele foi então apresentado ao seu avô pela primeira vez. Muito antes de Donald nascer, seu pai havia deixado a família e ido para tão longe do evangelho quanto poderia ir. Agora, ali estava o pai de seu pai e um neto que tinha vindo para Cristo, apesar de tudo – e essa foi uma grande reunião de família!

No Novo Testamento, aprendemos que somos "o corpo de Cristo", e Paulo nos diz: "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja" (Cl 1.24).

"O que poderia restar dos sofrimentos de Cristo?", poderíamos perguntar. Certamente, nada mais seria necessário para expiar nossos pecados. Isso, temos certeza, está acabado. Não. Cada crente vive e sofre com um mundo decaído e ao fazê-lo ganha tempo para que outros possam ir a Cristo.

A obra não está terminada. Mais pessoas precisam ouvir antes de chegar o último dia. Para que isso aconteça, este mundo decaído tem de continuar em sua queda. Nosso corpo deve continuar se decompondo até que estejamos em nosso túmulo. Guerras e fomes, crimes e perseguições continuarão porque a única maneira de detê-los é que venha o dia do julgamento e acabe com a oportunidade em que os pecadores podem ser salvos.

É por isso que os cristãos sofrem. Aconteceu com Jó. Aconteceu com Jesus. E seu corpo, a igreja, continua a sofrer neste mundo e junto com toda a humanidade pecadora para que outros possam ter a oportunidade de ouvir, arrepender-se e serem salvos. "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânime para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9).

E é por isso que vale a pena!

Para reflexão adicional

1. Como Mateus 16.24-25 funciona em sua vida?

2. Olhe para trás e procure lembrar-se de como, por meio das suas escolhas do passado, você pode ver o plano de Deus

se revelar. Como isso ajudará a entender a soberania de Deus? Como isso o ajuda a lidar com o presente e a encarar o futuro?

3. Habacuque profetizou um pouco antes da queda de Jerusalém ante o exército da Babilônia (2Rs 24-25; Lamentações). Como o livro de Jó ajudou Habacuque e os fiéis a enfrentar esse trauma? Como ele nos ajuda a entender a fé salvadora em Habacuque 2.4?

4. Como o fato de que, em Cristo, fomos santificados e justificados nos ajuda a lidar com as escolhas pecadoras que ainda fazemos?

5. Faça uma lista e ore pela conversão dos mais próximos de você diariamente. Deixe que a realidade de um mundo de sofrimento dê urgência às suas orações.

Apêndice A
A justiça de Jó

Provavelmente o conceito mais difícil nas Escrituras seja a graça de Deus. Porque nós somos feitos à imagem de Deus, o conceito de justiça está profundamente enraizado em nossa natureza. Num nível profundamente fundamental, conhecemos o conceito de que as boas obras merecem uma recompensa, e os maus ou as obras más merecem ser punidos; também temos um forte compromisso emocional com isso. Nem mesmo os nossos argumentos altamente desenvolvidos e diferenciados do nosso mundo ocidental, secular e pós-tudo não apagaram essa paixão pela justiça de nossa psique.

Assim, quando lemos acerca de algum patriarca da Antiguidade, que Deus o julgou como sendo "um homem justo e íntegro entre seus contemporâneos" (Gn 6.9), ou de "um homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (Jó 1.8), o nosso entendimento incorreto é de que esses eram homens que viveram vidas perfeitamente justas desde o nascimento. Porém, imediatamente nos lembramos de que todos nós nascemos em pecado, inimigos de Deus danificados em resultado da queda de Adão (Gn 6.5; Rm 3.23, 5.12-21; etc.). Talvez, então, esses patriarcas justos tivessem vivido vidas que eram tão extraordinariamente piedosas, em comparação com todos os outros, que obtiveram a aprovação de Deus e não eram mais considerados pecadores. Mas então, como isso se encaixaria no restante do que dizem as Escrituras sobre a salvação pelas obras? Como é que "a justificação pela fé" operava com os antigos patriarcas, como Noé, Abraão e Jó?

Neste ponto, nos tornamos muito conscientes das dificuldades que teríamos se considerássemos que os patriarcas conheciam a ampla explanação dos conceitos como "expiação substitutiva" ou "justificação pela fé" do Novo Testamento. No livro de Jó não há nenhuma indicação

de qualquer conhecimento prévio da história da redenção como definido no restante da Bíblia, com exceção da única referência a Adão em Jó 31.33 (cf. Gn 3.10) e talvez Jó 31.40 (cf. Gn 3.17-18, 4.11-12).

Essa impressão é reforçada pela extensão em que o livro de Jó coloca tanta ênfase no piedoso estilo de vida e sabedoria de Jó.

Por outro lado, junto com os amigos de Jó, nós, os leitores que estão acostumados a uma forma piedosa e respeitosa de oração e conversa, ficamos chocados com a maneira desenfreada e confrontadora dos discursos de Jó, não só quando dirigidos aos amigos, mas particularmente quando ele fala com Deus ou sobre Deus. Em seus discursos, a figura inicial que evoca compreensão e simpatia rapidamente se torna um caráter desafiador e ofensivo que expressa quase puro vinagre e sem mel. Consequentemente, quando ele começa o longo solilóquio em Jó 27, é fácil para um público devoto e piedoso concordar com a posição dos três amigos, e declarar Jó um homem muito perverso e ímpio, que trouxe todos esses problemas para si mesmo.

Para sustentar esse entendimento, o leitor deve, em seguida, voltar e lidar com os capítulos 1 e 2 e, em particular, com as afirmações repetidas de Deus e do narrador de que Jó era, na verdade, "um homem íntegro e reto". Um modo de explicar essa dificuldade tem sido a de afirmar, sem base em nenhuma evidência externa, que os dois primeiros capítulos de Jó foram inseridos na história original a partir da "lenda" numa tentativa bastante desajeitada e mal-sucedida de reinterpretar a coisa toda. Com esse entendimento, Jó era um homem pecador que foi levado ao arrependimento apenas por meio de argumentação extensa e intensiva e até mesmo pela intervenção divina.

Se, no entanto, levarmos a sério o conceito de pecado original, nossa primeira questão seria a de chegar a algum entendimento a respeito de como Deus, e o narrador, poderiam declarar que Jó era "um homem íntegro e reto" em primeiro lugar. Essa foi simplesmente uma avaliação relativa? Ou seja, foi só uma declaração sobre o estilo de vida de Jó em comparação com outros homens? Se assim for, o livro ignoraria a questão do padrão absoluto da justiça de Deus. Antes, o autor estaria limitando-se à questão da teodiceia, ou como Deus poderia permitir que uma pessoa exemplar como Jó sofresse tais horrores. O problema, naturalmente, com essa solução é que a linguagem utilizada em Jó 1.8 vem da boca do próprio Deus. É falada no contexto formal de sua corte celestial, e tem marcantes semelhanças com a linguagem usada em Isaías 42.1 e Mateus 3.17. É claramente mais do que uma avaliação relativa do

estilo de vida de Jó emitidas por seus pares. Essa é a avaliação de Deus de Jó proclamada do seu trono nos céus.

Se Jó então realmente era justo, a outra opção seria não se preocupar sobre como a salvação operava, ou o que as pessoas precisavam crer antes da revelação da lei mosaica. Antes, podemos assumir que esses patriarcas, não tendo praticamente nenhuma informação a respeito de como a salvação operava, simplesmente confiaram que Deus apresentaria uma solução a seu bom tempo. Assim, Jó teria crido em Deus para consertar as coisas, sem a compreensão do conteúdo real de seu compromisso. Porém, Jó fala de ter colocado a sua fé nas "palavras do Santo" (Jó 6.10).

Dentro da história da interpretação judaica dos patriarcas, é interessante observar a abordagem adotada pelo autor do Livro dos Jubileus (175-165 a.C.). Esse escritor não podia antever nenhuma justiça sem que a lei mosaica fosse cumprida. Além disso, ao crer num Deus de absoluta coerência e ordem, ele concluiu que a lei mosaica tinha sido promulgada antes da criação. Portanto, ele descreve em detalhes como os patriarcas observavam os sacrifícios, as festas, e assim por diante, de acordo com o calendário correto e os regulamentos, e assim foram salvos. Esse escritor pertencia a uma seita ainda mais radical do que os fariseus. Eles acreditavam que a posição de uma pessoa diante de Deus era uma questão de ser um dos "fazedores da Torá" (1QpHab 7.11, 8.1; 12.4; fl_10ii 4Q171.14).

O Novo Testamento também afirma que pessoas foram salvas e receberam a confirmação de Deus quanto à sua justiça durante o período patriarcal. Em Gênesis lemos a respeito de alguns indivíduos que, especificamente, foram declarados "justos" ou "irrepreensíveis" pelo próprio Deus, ou que "andaram com Deus". É claro que outros também estavam em graça diante de Deus quando receberam as promessas da aliança, e encontramos muitos casos em que a graça de Deus foi estendida durante esse período.

O escritor da Carta aos Hebreus é nosso guia mais explícito a respeito de como devemos entender o processo pelo qual os patriarcas foram salvos. Ele nos diz especificamente: "Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho" (Hb 11.1-2).

Essa simples afirmação nos diz que quando encontrarmos Deus declarando que um patriarca foi "aprovado", essa aprovação foi dada mediante a fé do patriarca. O escritor aos Hebreus continua a nos dizer

que essa fé não era uma simples crença – um exercício de pensamento positivo. Pelo contrário, seu conteúdo era "Cristo":

> Pela fé, Moisés, quando já homem – feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto *considerou o opróbrio de Cristo* por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão. (Hb 11.24-26; ênfase acrescentada)

Mas o que eles sabiam de "Cristo"? O conceito de Messias era uma das muitas maneiras de compreender a pessoa e a obra de Jesus. Cada um desses (Filho do Homem, Servo sofredor, Semente da mulher, etc.) seria progressivamente revelado e explicado ao longo dos séculos, por meio de muitos homens e por uma variedade de métodos (Hb 1.1-2).

Tomamos Jó 31.33, 40 como apoio explícito para o nosso pressuposto de que Jó teria tido algum conhecimento de alguma forma dos acontecimentos descritos em Gênesis 1.11, pelo menos. Também precisamos levar a sério o fato de que o livro de Jó está no cânon das Escrituras e, portanto, é regido por esse contexto. Concluímos, por isso, que a retidão de Jó tinha de ter acontecido por meio de sua fé em Deus, na promessa de um Salvador conforme expresso em Gênesis 3.15, em qualquer forma e com todas as informações adicionais que pudessem ter sido ensinadas a Jó. O que quer que ele soubesse da história da redenção, parece que Jó apegava-se especificamente e explicitamente a alguma promessa ou afirmação de Deus (Jó 6.10). Nós não temos nenhum registro de Deus haver falado com Jó, ou de ele ter enviado um anjo para visitar Jó antes de Jó 38. Assim, quaisquer "palavras do Santo", nas quais ele estava determinado a crer, apesar de todos os argumentos em contrário, devem ter sido alguma forma de primeira promessa do evangelho que havia sido transmitida a ele. Sua fé tinha conteúdo ("palavras") e não era apenas um "assobio no escuro" de pensamentos positivos. Em algum lugar no meio do caminho, ele tinha sido convencido de que Deus havia feito uma promessa de graça, e de que ele poderia apegar-se a essas palavras com plena certeza. Tomamos isso como uma promessa de graça, não de obras, porque em outra parte Jó é bastante claro de que ele era um pecador e que Deus o havia perdoado. Os amigos negam que ele tinha sido perdoado. E na ocasião Jó apresenta seu caso a Deus e pede a Deus

para falar em seu favor. Mas ele não afirma que nunca tivesse pecado (Jó 7.21).

Portanto, o livro de Jó é entendido como sendo a respeito de um homem que, com Abraão, Noé e muitos outros, foi justificado pela fé na promessa do evangelho. Como tal ele fala alto para nós, hoje, que podemos ser justificados pela fé, uma fé que tem, como seu conteúdo, o cânon da Escritura inteira e os testemunhos escritos das testemunhas oculares que viram Deus cumprir as promessas que Jó se recusou a negar.

Apêndice B

Satanás

Quando abrimos o livro de Jó e começamos a ler, recebemos como um choque o fato de Satanás encontrar-se no céu. Quase que universalmente, ao abrirmos o livro de Jó em igrejas e salas de aula, encontramos a crença de que Satanás era um anjo no céu que tentou algum tipo de golpe contra Deus e foi jogado para a terra, algum tempo antes de entrar no Jardim do Éden para seduzir Adão e Eva. Há uma diferença substancial entre a quantidade considerável de informações sobre Satanás que as pessoas geralmente pensam que está na Bíblia e do muito pouco que realmente está lá. Satanás provavelmente aparece apenas em três locais no Antigo Testamento – Gênesis 3 (e não sabemos com certeza que é Satanás até Ap 12.9), Jó 1-2 e Zacarias 3.1-5.

Em nenhum texto do Antigo Testamento "Satanás" é um nome, como está no Novo Testamento. Antes, é um substantivo hebraico comum (ou mesmo um verbo) e refere-se a um cargo ou função. Significa "opor-se". Na maioria das vezes esse cargo ou função é realizado por seres humanos. Em uma ocasião, ele é desempenhado pelo Anjo do Senhor!

É sempre uma boa ideia tentar trabalhar com informações sobre temas importantes como esse desde o início da revelação de Deus, e seguir o caminho em que mais e mais informações são reveladas para que, quando chegarmos ao Novo Testamento, possamos apreciar a importância das coisas que aprendemos lá atrás. Às vezes, o nosso conhecimento do Novo Testamento nos permite supor que os povos no Antigo Testamento sabiam coisas, quando na verdade eles não tinham essa informação.

Nosso entendimento de Satanás também é obscurecido por todos os mitos e histórias que a nossa cultura foi elaborando ao longo dos

séculos, quando as pessoas que viviam com medo usaram sua imaginação para preencher as lacunas do seu conhecimento da vida espiritual e do reino do pecado e do mal. Esses mitos e lendas, no Ocidente pelo menos, são uma interessante mistura de material bíblico e também de algumas superstições e medos pagãos.

Então, vamos começar com o que sabemos no Antigo Testamento.

A palavra hebraica "Satanás" significa um adversário, oponente ou inimigo. Num contexto legal, esse termo remete a um promotor ou acusador. Ao longo de todo o Antigo Testamento, encontramos uma série de adversários ou inimigos.

Quando Davi estava se escondendo de Saul, ele refugiou-se com os filisteus e agiu por um tempo como uma espécie de força mercenária. Finalmente, os filisteus foram confrontados com uma escolha difícil. A guerra com Israel levantou a questão da fidelidade de Davi. Deveria ele e suas forças marchar com os filisteus contra seu próprio povo, Israel? Seria ele confiável? Um dos comandantes filisteus, Aquis, confiava em Davi e queria que ele fosse incluído. O restante se recusou.

E, assim, lemos:

> Os príncipes dos filisteus muito se indignaram contra ele; e lhe disseram: Faze voltar este homem, para que torne ao lugar que lhe designaste e não desça conosco à batalha, para que não se faça nosso *adversário* no combate; pois de que outro modo se reconciliaria como o seu senhor? *Não seria*, porventura, com as cabeças destes homens? (1Sm 29.4)

Nesse caso, a palavra "satanás" é traduzida como "nosso adversário". Davi não mataria um israelita, e justamente por isso suspeitavam que ele pudesse virar e atacar os filisteus. Aqui a palavra "satanás" também poderia ser traduzida como "um inimigo".

Do mesmo modo, em 2Samuel 19.22 Davi tinha dificuldades com Abisai e os filhos de Zeruia, que se opunham à sua decisão de mostrar misericórdia para Simei. Em resposta à sua exigência de que Simei fosse executado, Davi respondeu: "Que tenho eu convosco, filhos de Zeruia, para que, hoje, me sejais *adversários*? Morreria alguém, hoje, em Israel? Pois não sei eu que, hoje, novamente sou rei sobre Israel?" (2Sm 19.22).

Mais tarde, quando Salomão subiu ao trono, ele escreveu a Hirão, rei de Tiro, para lhe dizer que Deus o abençoou com um tempo de paz.

"... o SENHOR, meu Deus, me tem dado descanso de todos os lados; não há nem *inimigo*, nem adversidade alguma" (1Rs 5.4).

Perto do fim do seu reinado, no entanto, como a infidelidade de Salomão crescesse mais extensamente:

> Levantou o SENHOR contra Salomão um *adversário*, Hadade, o edomita; este era da linhagem real de Edom. (1Rs 11.14)
>
> Também Deus levantou a Salomão *outro adversário*, Rezom, filho de Eliada, que havia fugido de seu senhor Hadadezer, rei de Zobá. (1Rs 11.23)
>
> Este foi *adversário* de Israel por todos os dias de Salomão, fez-lhe mal *como* Hadade, detestava a Israel e reinava sobre a Síria. (1Rs 11.25)

Esses "satanases" eram os reis das nações que lutaram contra Salomão.

Davi escreveu o Salmo 109 como um clamor contra todos aqueles que tinham falado mentiras e palavras de ódio contra ele. Numa canção que poderia facilmente recordar as experiências de Jó, Davi clama a Deus para ajudá-lo e salvá-lo de todos esses homens que têm tantas coisas a dizer contra ele. Esses homens são "satanases" para Davi – eles são "acusadores" que "falam mal" contra a sua vida (observe o plural nos v. 20, 29).

> Suscita contra ele um ímpio, e à sua direita esteja um *acusador*. (Sl 109.6)
>
> Tal seja, da parte do SENHOR, o galardão dos meus *contrários* e dos que falam mal contra a minha alma. (Sl 109.20)
>
> Cubram-se de ignomínia os meus *adversários*, e a sua própria confusão os envolva como uma túnica. (Sl 109.29)

Provavelmente o uso mais interessante da palavra "satanás" ocorra em Números 22.22, 32, em que o próprio Deus, na forma de "o anjo do SENHOR", funciona como um "satanás" para bloquear o caminho do falso profeta Balaão. Nesse contexto, a palavra significa simplesmente "um oponente". Balaão está aqui cavalgando no seu jumento para ir

profetizar para os moabitas. Primeiro, o Anjo do Senhor, espada na mão, bloqueia a estrada diante dele. Como o jumento, em seguida, desvia-se para a vinha ao lado da estrada, o Anjo do Senhor novamente bloqueia seu progresso, dessa vez entre as videiras, de modo que não há nenhuma saída à volta dele. Aqui, o Anjo do Senhor permanece como "um satanás" ou oponente para Balaão; assim:

> Acendeu-se a ira de Deus, porque ele se foi; e o Anjo do SENHOR pôs-se-lhe no caminho por *adversário*. Ora, Balaão ia caminhando, montado na sua jumenta, e dois de seus servos, com ele. (Nm 22.22)
>
> Então, o Anjo do SENHOR lhe disse: Por que já três vezes espancaste a jumenta? Eis que eu saí como teu *adversário*, porque o teu caminho é perverso diante de mim. (Nm 22.32)

Essa passagem ajuda a compreender melhor as palavras de Jesus a Pedro em Mateus 16.23: "Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens".

Não é a função de Pedro bloquear o caminho de Jesus enquanto ele segue em frente em obediência ao Pai. Não é apropriado que uma pessoa se oponha a Deus e seus planos. Pedro está fazendo para Jesus aqui o que o anjo do Senhor fez com Balaão. Ele está sendo "um satanás" para o Senhor.

Outro conjunto interessante de passagens é a comparação entre 2Samuel 24.1 e 1Crônicas 21.1. Se colocarmos as duas passagens juntas, como elas aparecem na New American Standard Bible, veremos claramente o problema de ler nessas passagens a figura do Satanás do Novo Testamento:

> Tornou a *ira do Senhor* a acender-se contra os israelitas, e ele *incitou a Davi* contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá. (2Sm 24.1)
>
> Então, *Satanás* se levantou contra Israel e *incitou a Davi* a levantar o censo de Israel. (1Cr 21.1)

Em 2Samuel é a ira do Senhor contra Israel que incita Davi a levantar o censo de Israel. "Recensear Israel" envolvia a imposição de

serviço obrigatório, quer como uma forma de trabalho para o rei (como Salomão e Roboão mais tarde exigiram), ou como, nesse caso, o serviço militar. Sob a aliança de Deus com Israel, Deus lutou nas batalhas de Israel as quais foram conquistadas pela fé, não por força militar superior. O exército de Israel, por conseguinte, era estritamente um corpo de voluntários. Ao estabelecer uma forma de serviço militar obrigatório, Davi estava virando as costas para o Senhor e suas promessas. Comparando os dois relatos, o problema teológico que se apresenta é: o Senhor estaria tentando Davi ou levando-o a pecar? No relato de Crônicas do mesmo incidente "um adversário", sem nome e não identificado, ergue-se para opor-se a Davi, e como resposta Davi apela a um censo de seus homens. Se tomarmos 2Samuel 24.1, tal como está, Israel rompeu a aliança com o Senhor de alguma maneira e Deus está zangado com ele. Entre as consequências enumeradas nas maldições da aliança (Lv 26.17; Dt 28.25), estava a promessa de que Deus traria as nações vizinhas contra Israel como inimigas, e Israel seria derrotado na batalha. Assim, tendo feito isso, as ações de Deus contra Israel provocaram Davi para ordenar o serviço militar obrigatório. No relato do cronista, as ações do Senhor contra Israel não são mencionadas. O interesse do cronista está na possibilidade do perdão e da graça. Consistentemente ele evita ir em frente e lembrar a Israel de sua culpa. Então, aqui ele simplesmente afirma que "um inimigo / um Satanás" se levantou contra Israel e, em resposta, Davi ordenou o recenseamento. Aqui estamos lidando com "um satanás / um adversário ou inimigo", assim como em outras passagens acima.

A palavra "satã" também ocorre como verbo nestes versículos:

> ... os que pagam o mal pelo bem são meus *adversários*, porque eu sigo o que é bom. (Sl 38.20)
>
> Sejam envergonhados e consumidos *os que são adversários* de minha alma; cubram-se de opróbrio e de vexame os que procuram o mal contra mim. (Sl 71.13)
>
> Em paga do meu amor, *me hostilizam* [agem como meus acusadores]; eu, porém, oro. (Sl 109.4)

Há apenas duas passagens no Antigo Testamento em que deparamos com um "satã", específico, literalmente "o satã": Jó 1-2 e Zacarias 3.1-5. Em ambas as passagens, estamos lidando com um "satã" específico, que

não é humano e que funciona como promotor ou acusador do homem de Deus. O satã em ambas as passagens é anônimo e não identificado. Ele é simplesmente aquele que exerce esse ofício. À luz da revelação mais recente podemos ter certeza de que "o satã" nessas duas passagens é "Satanás" ou o "Demônio", como vamos encontrá-lo no Novo Testamento.

O que é interessante, e talvez um pouco intrigante, é que "o satã", como especificado nessas duas passagens, não é apresentado. Os dois autores assumem que nós sabemos quem é "o satã". Temos de esperar até Apocalipse 12.9 para ligá-lo à serpente que tentou Eva e depois Adão em Gênesis 3, mas essa conexão então está correta. Essencialmente, nesse ponto, a nossa informação do Antigo Testamento, pelo menos em termos explícitos, está completa. Temos de esperar pelo Novo Testamento para juntar todo o resto das peças do quebra-cabeça, ou tanto quanto Deus vai nos dizer o que, ao que parece, é muito menos do que a maioria de nós gostaria de saber.

Para complicar a nossa compreensão de Jó, então, é entendimento comum de que Isaías 14.3-23 e Ezequiel 28.1-19 falam da queda de Satanás no pecado.

Contra esse entendimento, fazemos as seguintes observações:

Em cada caso, a passagem é uma longa profecia contra o rei de uma nação que tinha sido inimiga de Israel – Isaías 14.2-23 é uma "provocação" contra o rei de Babilônia e Ezequiel 28.1-19 é parte de uma profecia contra o rei de Tiro. Em ambos os casos, essas profecias estão no meio de uma série de profecias semelhantes, contra uma lista mais completa dos inimigos de Israel, incluindo (Is 13-24) Babilônia, Moabe, Damasco, Etiópia, Egito, Tiro, e toda a terra e (Ez 25-32) Amom, Moabe, Edom, Tiro, Sidon, Egito e Assíria.

Em ambas as passagens, as alegações do rei de que ele é um deus são contrastadas com a realidade da sua humanidade – ele é apenas um homem como todos os outros e será levado para a sepultura onde os vermes estão esperando para comer sua carne (Is 14.11, 16, 20-22; Ez 28.2, 9-10, 17-18).

A linguagem que atribui a esses reis títulos que os colocam na condição de deuses está em conformidade com os tipos de reivindicação feitos por uma série de reis e governantes, não só no antigo Oriente Próximo, mas, mais tarde, por Alexandre, o Grande, e os imperadores de Roma. Atribuir tais títulos aqui para esses reis e usar esses títulos como "provocações" é um exercício de zombaria e sarcasmo – um julgamento de acordo com suas derrocadas, e a destituição pública de tais alegações

à medida que esses homens são destronados em derrota militar e morte física. A descrição de Tiro como "Éden, jardim de Deus" e do rei de Tiro como "o querubim da guarda ungido... no monte santo de Deus" está em sintonia com a localização de Tiro (Gn 2.10-14), como acontece com as riquezas e a glória da cidade fortificada de Tiro, o centro de um império comercial baseado na navegação e na construção de navios (veja as referências ao comércio marítimo em Ez 28.2, 4-5, 8, 16, 18). Essa cidade, localizada num istmo, foi planejada para ser inexpugnável. Como o Éden, ninguém poderia forçar a entrada nessa cidade – não até que Alexandre, o Grande, o fez.

Quaisquer que sejam as palavras ou passagens nessas profecias que possamos pensar que soam como uma referência ao que já sabemos de Satanás, o contexto deixa claro que esse não é o significado que o autor pretendeu e que ele está falando de verdadeiros reis humanos, e não de um Satanás não humano, espiritual. Por mais que seja tentador permitir que essas passagens preencham as lacunas do nosso conhecimento, fazer isso é dividir o texto em partes e usar as partes dele para falar de Satanás e o restante para falar no seu contexto original.

Então, não sabemos de onde Satanás veio, mas sabemos que ele foi criado por Deus e que Deus governa e controla tudo o que ele faz. Podemos sentir a necessidade de nos apressarmos em defender Deus da acusação de que ele, então, é o responsável pelo mal e pelo surgimento e a ocorrência do pecado no mundo. Essa questão é na verdade levantada pelos autores da Bíblia, e a resposta é sempre a mesma – para quem nós achamos que Deus deva prestar contas de suas ações? Se Deus está sendo acusado de ser responsável pelo mal, a quem ele é responsável? Isso é evidente, no interrogatório de Deus para Jó em Jó 38-41, na discussão de Paulo em Romanos 9.20. "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?" Antes, nos alegramos de que o mal que vemos e o sofrimento que ele produz não são o resultado de um campo de batalha entre Deus e Satanás onde eles mediram suas forças, nem são fenômenos sem sentido e inúteis da "natureza". Regozijamo-nos com o governo de Deus, e que ele faz todas as coisas para sua glória e que o Deus de toda a terra trará justiça e paz por meio da obra redentora que realizou quando ele entrou nesse sofrimento e sofreu o castigo pelos nossos pecados em nosso lugar.

Apêndice C

Jó arrependeu-se no final?

Provavelmente a questão mais confusa e difícil em qualquer leitura do livro de Jó sejam as palavras finais de Jó em Jó 42.6: "Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza".

Depois de ler a narrativa de abertura em Jó 1-2, o leitor espera que Jó seja justificado ao final do livro, e, com efeito, se pularmos para 42.7-17, ele certamente é. Ao longo do caminho lutamos contra o modo como Jó às vezes fala com e sobre o Senhor nos capítulos 3–31. Ficamos surpresos, se não chocados, com a maneira como o Senhor fala a Jó nos capítulos 38–41, nos quais não parece estar respondendo as perguntas de Jó de modo algum. Em seguida, vem 42.6 e o que parece ser um tipo de retração e admissão do erro por parte de Jó. Isso é ainda mais confuso, porque Deus, em seguida, por duas vezes, dirige-se a Elifaz, dizendo: "minha ira se acendeu contra ti e contra seus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó" (42.7, cf. v. 11).

Perguntamo-nos, então, o que Jó havia acertado. E do que ele sente a necessidade de retratar-se e que pecado havia cometido do qual ele precisava se arrepender? Nossos problemas se aprofundam quando nos voltamos para Jó 42.6 e o texto silencia sobre essas coisas. Estudiosos evangélicos conservadores têm tradicionalmente feito uma distinção entre o conteúdo dos argumentos de Jó, os quais Deus afirma como "retos", e são de opinião que Jó aqui está se retratando e se arrependendo da maneira que falou sobre o Senhor e com ele. A porta fica aberta, então, para que cada leitor julgue os excessos de Jó de acordo com seus próprios gostos e conceitos de piedade, oração e maneira adequada de falar.

Não há dúvida de que podemos encontrar muitas coisas que Jó disse que poderiam soar, no mínimo, como excessivas ou inadequadas para os lábios de um crente. Há um contraste significativo entre, digamos, Jó

7.17-21 e o Salmo 51. Podemos simpatizar com Deus, quando ele pergunta a Jó: "Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?" (40.8). Certamente poderíamos ser desculpados se considerássemos que ele fez exatamente isso em 9.22-24. Certamente poderíamos concordar que Jó foi longe demais quando declarou: "sabei agora que Deus é que me oprimiu", em 19.6.

Assim, parece relativamente fácil encontrar as coisas das quais Jó deveria se retratar e pelas quais ele deveria se arrepender. O problema é que Deus afirma que o que Jó disse era reto.

Quando revemos os discursos e refletimos sobre essas coisas, percebemos que as palavras de Jó, de fato, concordam exatamente com as do Senhor. Assim, Jó pode dizer: "Porque me esmaga com uma tempestade e multiplica as minhas chagas *sem causa*" (Jó 9.17); e Deus disse a Satanás: "me incitastes contra ele, para o consumir *sem causa*" (2.3). De acordo com o roteiro do livro, não havia nenhuma maneira de Jó saber o que se passara entre o Senhor e Satanás na corte celestial. Jó havia, com base na necessidade lógica da sua fé "nas palavras do Santo", concluído acertadamente por si mesmo o que Deus havia respondido a Satanás.

Obviamente, esse é um conceito chocante e muito perigoso. Será que Deus de fato fez alguma coisa errada? Será que Deus admitiu a Satanás que ele tinha feito algo de errado com Jó? Se não tivéssemos conhecimento do que tinha ocorrido na corte celestial, nós, com os amigos de Jó, poderíamos facilmente concluir que Jó estava blasfemando. Mas no início e no final do livro, o próprio Deus faz essa afirmação e justifica Jó por fazer tal afirmação. O que foi feito a Jó foi "sem causa".

Em sua pressa para defender Deus de Jó, os amigos e, talvez nós, os leitores, temos nos focado tanto nessa tarefa que perdemos o ponto e fomos, com os amigos de Jó no final, silenciados, abalados, e certamente impressionados com o Deus com quem estamos lidando.

Se nos voltarmos, então, para a fala de Deus a Jó, encontramos, em meio às longas seções que afirmam a diferença entre o Criador e a criatura, um pequeno conjunto de perguntas que soam como graves acusações de erro; assim, Deus lhe pergunta:

> Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. (Jó 38.2-3)

> Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argui a Deus que responda. (Jó 40.2)
>
> Cinge agora os lombos como homem; eu te perguntarei, e tu me responderás. Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares? (Jó 40.7-8)

Numa análise mais atenta descobrimos que essas são, de fato, as mesmas acusações que os amigos haviam feito contra Jó durante todo o debate.

Embora Jó afirmasse que Deus "Das trevas manifesta coisas profundas e traz à luz a densa escuridade" (Jó 12.22), Elifaz acusa-o de dizer que Deus não pode ver nada "através de densa escuridão" e que grossas nuvens o "encobrem" (22.13-14). Foram os amigos que exageraram e distorceram o lugar do Deus exaltado nos céus, de modo a colocá-lo acima de qualquer preocupação com as realidades terrenas.

De modo consistente Jó pede a Deus para instruí-lo e responder a seus clamores e perguntas (Jó 10.2b, 13.22-23, 23.5) e ele foi o único que afirmou que ninguém pode instruir Deus (21.22). Em contrapartida, Jó diz que se pode aprender tudo o que seus amigos disseram de um peixe ou um pássaro (12.7-8). Jó, por outro lado, está cheio de perguntas, não respostas. É o jovem Eliú que dá um passo à frente alegando ter todas as respostas (33.12, 33, 36.4).

Jó não encontra falha em Deus (cf. Jó 10.3, 7). Ele está apegando-se ao extremo à justiça de ambos, de Deus e a sua própria, e busca a vindicação de ambas (Jó 27). São os amigos que encontram falha em Jó. Eles alegam que, se Jó está dizendo que não há motivo para Deus ter enviado todo esse sofrimento sobre ele, então ele está acusando Deus de ser injusto (Jó 8.3, 15.4, 13, 25).

Jó certamente desejava "contender" com Deus e levar seu caso perante o trono de Deus. Ele quer que Deus, e não os amigos, ouça o seu caso e decida entre ele e seu adversário (Jó 31.35). São os amigos que estão tentando contender com Jó em favor de Deus (13.8), e estão deturpando Deus (13.7). As palavras de Deus a Jó em 40.2 resumem as acusações de Jó contra os amigos no capítulo 13.

Como em Jó 40.8, a questão é saber se Jó é justificado. Em nenhum ponto Jó argumenta que, para que ele seja justificado os juízos de Deus devam ser anulados, ou que Deus deve ser condenado por ter agido injustamente para com ele. Os amigos, pelo contrário, retratam Deus

como totalmente despreocupado com a justiça de Jó (Jó 22.3) e afirmam que a pecaminosidade humana é inerente à nossa natureza como criaturas (15.14, 25.4). Eliú falsamente acusou Jó, dizendo: "Maior é a minha justiça do que a de Deus?" (35.2).

As acusações de Deus contra Jó resumem tudo o que os amigos têm dito sobre ele durante todo o debate. E, no entanto, Deus está prestes a declarar que os amigos não haviam falado o que é reto, como Jó o fez.

Concluímos, portanto, que a fala de Deus é de fato uma repreensão mais confrontadora não direcionada a Jó, mas sim aos amigos dele. Ele aparece com um poder avassalador e pergunta: "Então, quem aqui está me acusando de estar errado ou tentando justificar a si mesmo?" O redirecionamento dramático dessas acusações para longe de Jó, em direção aos amigos, é um dos mais poderosos crescendos, levando-nos ao clímax em Jó 42.6.

Se Jó se declarasse culpado de todas essas acusações nesse momento e se arrependesse, estaria completamente destruído todo o sentido e a finalidade do livro até agora. O que Jó realmente diz é algo completamente diferente.

Os verbos em Jó 42.6 são difíceis e podem ter uma variedade de significados. O primeiro verbo, quando utilizado sem um objeto direto, significa algo como "derreter" ou "dissolver"; assim, em Jó 7.5, a pele de Jó "supura" e em 7.16 seus dias são "um sopro". No Salmo 58.7, o salmista diz: "*Desapareçam* como águas que se escoam". Jó repetidamente ensaia como ele iria reagir se ficasse na presença de Deus. Ele diz que, só de pensar em ver a Deus: "Meu coração desfalece dentro de mim!" Então, aqui, em Jó 42.6, podem ser mais bem compreendidas as palavras de Jó como expressão desse sentimento de temor esmagador.

O segundo verbo, traduzido por "me arrependo", equivale a um sentimento de tristeza e dor, e pode significar "consolar a si mesmo" ou "ser consolado". Consolo, para usar a mesma palavra, é um tema importante no livro de Jó (2.11, 7.13, 16.2, 21.34, 29.25 e, em seguida, no contexto próximo, 42.11). Em outra parte do Antigo Testamento, lemos de Isaque sendo consolado depois da morte de sua mãe (Gn 24.67), Judá encontrando consolo após a morte de sua esposa (Gn 38.12) e Davi sendo consolado a respeito da morte de Amnom (2Sm 13.39). O salmista, no Salmo 77.3 recusa-se a ser consolado, como fez Raquel, que, de acordo com Jeremias 31.15, ficou inconsolável por causa de seus filhos (cf. também Ez 14.22, 32.31).

Concluímos, portanto, que Jó não se arrependeu. Antes, a presença visível do Senhor, aparecendo a pedido de Jó, trouxe consolo a ele. Jó acreditava que esse era o Deus que havia dado sua palavra de que Jó era justo e íntegro diante dele. É difícil acreditar nessa resposta, mas então, se Jó estivesse errado e essas acusações tivessem razão de ser, não haveria salvação, nem evangelho e nenhuma esperança de modo algum. Como os discípulos disseram a Jesus: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo 6.68). E assim, com muitos outros estudiosos, podemos observar o paralelo com Jó 19.27 e nós traduzimos Jó 42.5-6:

Jó 19.27	**Jó 42.5-6**
Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros.	Eu te conhecia **só** de ouvir, mas agora os meus olhos te veem.
De saudade me desfalece o coração dentro de mim.	Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.

Esse entendimento do texto está em consonância com o que encontramos nas versões anteriores à Vulgata, incluindo a Septuaginta e a versão 11Q Targum Jó.

A referência a "pó e cinzas" pode descrever a localização de Jó. À luz de Gênesis 18.27 (cf. Jó 30.19), parece mais provável é que seja uma referência à sua mortalidade.

No final do livro, somos deixados para lutar com a percepção de que o sofrimento de Jó era, afinal, "sem causa". Vale a pena observar que a palavra traduzida por "sem causa" é uma forma adverbial de uma mesma palavra que significa "graça". O sofrimento de Jó foi sem causa, ou *gratuito*, porque a base de seu sofrimento não estava nele ou em qualquer coisa que tivesse feito. Do mesmo modo, a nossa salvação é gratuita – um produto da graça – porque, também, não está baseada em nós, ou em qualquer coisa que tenhamos feito. O escândalo de um pecador salvo pela graça, e do sofrimento gratuito de um justo, é uma e a mesma coisa "pedra de tropeço". Não estamos então lidando com um Deus imoral ou amoral, mas sim com o Deus da graça.

Não precisamos nos apressar para salvar Deus do mal-entendido. Jó nos ensina que é melhor simplesmente apegar-nos ao evangelho.

Assim, onde quer que nos encontremos, pela fé, devemos nos colocar no colo do Pai, e, humildemente, olhar com respeito e admiração para o Criador do mundo. Sabemos que ele é o único que nos estendeu a sua graça e misericórdia na cruz. Sabemos que ele não é responsável perante nenhuma criatura, muito menos aqueles que são objetos dessa graça. Sabemos também que, em seu infalível amor, ele nos ouve quando derramamos nosso coração para ele.

Apêndice D

A representação de Jó

O livro de Jó se presta a uma apresentação na forma de um programa de rádio ou leitura dramática em partes. Dada a extensão do trabalho, é muitas vezes útil dividir as partes em séries em seções adequadas, tais como numa série de sermões ou estudos. Quando o tempo for um fator importante, o livro de Jó também se presta a uma única apresentação resumida por uma cuidadosa seleção de partes de cada discurso. O que se segue é oferecido para ajudar na preparação dessa apresentação. Conquanto a peça possa ser divertida, é importante exercer cautela quanto a essa "diversão". Se bem-feito, o trabalho como uma peça teatral deve ter pessoas discutindo e envolvendo-se na substância das questões e não se distraindo com a atuação. Assim, é importante não dramatizar demais.

Dramatis personae

(Em ordem de aparecimento)

Narrador: um locutor de rádio.

O Senhor: uma voz masculina fora do palco.

Satanás: um misto entre um advogado e um espião. Pense num personagem que é um "James Bond", mas trabalhando em seus próprios planos para derrubar o governo que o emprega.

Mensageiros 1, 2, 3: homens com idade acima de 14 anos; homens da terra que passam mais tempo com o gado, jumentos, ovelhas e camelos do que com as pessoas. O equivalente atual seria algo entre um ordenhador e um homem que dirige um trator de grande porte, colheitadeira ou outra peça de maquinaria agrícola.

Jó: um homem de cerca de 50 anos, muito distinto e culto, bem-educado e de classe social nobre.

A esposa de Jó: uma mulher nobre na casa dos 50.

Elifaz: um senhor da idade de Jó ou mais velho, um homem piedoso, algo nos moldes de um diácono batista ou secretário da igreja, um presbítero presbiteriano, ou um sacristão anglicano. Muito provavelmente ele teria de ser um empresário ou comerciante terrificado pelo confronto.

Bildade: outro cavalheiro, mas mais moralista. Ele se espoja diante da perspectiva de Deus punir o imoral.

Zofar: um especialista. Ele é o lógico. Sua teologia é impessoal; não tem tempo para sentimentalismos. É clínico e arrogante. A coisa mais próxima que temos em nossa cultura seria o estereótipo do médico frio que trata seus pacientes como "carne".

Eliú: um homem jovem, provavelmente um estudante, cheio de seu próprio conhecimento e indignação farisaica. Ele é o "jovem turco" com fogo em sua barriga – disposto a fazer proselitismo e convencer o mundo de que ele está certo e todo mundo é um idiota.

Notas

Capítulo 1: A leitura do livro de Jó

1. John E. Hartley, *The Book of Job*, The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 7 cita um trabalho egípcio datado do século 21 a.C., que tem um formato semelhante ao de Jó, incluindo uma narrativa em prosa, no início e no final, com nove discursos entre eles.
2. Para um tratamento completo desse aspecto do livro de Jó, ver Robert S. Fyall, *Now My Eyes Have Seen You: Images of Creation and Evil in the Book of Job*, New Studies in Biblical Theology, org. D. A. Carson (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002).
3. Ver David J. A. Clines, *Job 1-20*, Word Biblical Commentary 17 (Dallas: Word, 1989), 10-11.

Capítulo 2: A cena no céu

1. Metallica, *Master of Puppets* (escrito por Ulrich, Burton e Hammett; PolyGram, 1986).
2. Ver a discussão em Robert S. Fyall, *Now My Eyes Have Seen You: Images of Creation and Evil in the Book of Job*, New Studies in Biblical Theology, org. D. A. Carson (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002).

Capítulo 3: A pergunta

1. John E. Hartley, *The Book of Job*, The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 73, and n.12.
2. Francis I. Andersen, *Job: An Introduction and Commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity Press, 1976), 85.
3. Na maioria das traduções consta que Satanás está dizendo que Jó "blasfema contra ti na tua face" (Jó 1.11). A palavra hebraica aqui, e em Jó 1.11, 2.5, 9, é a palavra usual para "abençoar". As traduções estão na verdade parafraseando a sutileza e o sarcasmo do que está acontecendo aqui. Em Jó 1.11 e 2.5 Satanás está dizendo: "estende a tua mão e toca-lhe em tudo quanto tem" / "toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face" num tom que hoje seria seguido por um "Ah!, está bem! É isso o que vai acontecer" à parte. Em Jó 2.9, a esposa de Jó simplesmente diz para ele "Amaldiçoa a Deus e morre", que poderia refletir uma mentalidade semelhante à eutanásia, como em

"Está tudo bem, querido, tudo bem. Você ainda tem a sua integridade; agora deite-se, faça suas orações e morra com dignidade. Você não vai mais sofrer", ou seria uma maneira cruel de acabar com aquilo, dizendo: "Veja, você tem a sua integridade, e aqui você está sofrendo. Ponha um fim a isso. Louve a Deus por fazer coisas tão maravilhosas para você e morra. Isso vai acabar com todas as suas preocupações (e as minhas)".

Capítulo 4: A resposta: sabedoria

1. John E. Hartley, *The Book of Job*, The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 77.
2. Como afirmado na Convenção Katoomba na Páscoa de 1996. O vídeo e a gravação de áudio dessa apresentação podem ser obtidos de Katoomba Christian Convention, P. O. Box 672, Seven Hills. 2147 Australia.
3. Ver David J. A. Clines, *Job 1-20*, Word Biblical Commentary 17 (Dallas: Word, 1989), 61
4. *Ibid.*, 50.

Capítulo 5: Clamando no silêncio

1. Ver David J. A. Clines, *Job 1-20*, Word Biblical Commentary 17 (Dallas: Word, 1989), 64.
2. Para o primeiro termo, *sha'agah*, como verbo, ver também Ez 19.7; Zc 11.3; como substantivo, Jz 14.5; Jó 37.4; Sl 22.14, 38.9, 74.4, 104,21; Is 5.29; Jr 2.15, 25.30, 51.38. Ez 22.25; Os 11.10; Jl 4.16; Am 1.2, 3.4, 8; Sf 3.3; e para o segundo termo, '*anakhah*', veja o Sl 31.10, 35.10, 51.11, Jr 45.3.
3. Ver discussão em Leon Morris, *The Gospel According to John: The English Text with Introduction, Exposition, and Notes,* New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), 555-558; D.A. Carson *The Gospel According to John*, The Pillar New Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 415-416.
4. Ver discussão em Clines, *Job 1-20*, 98.

Capítulo 6: Apegando-se ao evangelho

1. Observamos, de passagem, que os teólogos [chamados "Doutores em divindade"], que reuniram os Padrões de Westminster, incluíram um documento chamado *The Sum of Saving Knowledge*. Eles estavam incomodados com a pergunta sobre o que uma pessoa precisa saber para ser salva. A resposta deles compensa uma leitura cuidadosa.
2. Veja nesta série Tremper Longman III, *Immanuel in Our Place* (Phillipsburg, N.J.: P&R, 2001), 1-24.
3. Phillip Adams e William Craig Lane, 2002, *"Absolute Reality?" – A Debate on the Existence and Relevance of God* (CD de video, Sydney University Evangelical Union, Box 58, Holme Building, Sydney University, NSW Australia 2006).
4. John M. Frame Veja, *No Other God: A Response to Open Theism* (Phillipsburg, Nova Jersey: P & R, 2001).

Capítulo 7: O último homem

1. David J. A. Clines, *Job 1-20*, Word Biblical Commentary 17 (Dallas: Word, 1989), 212.

Capítulo 13: Afinal, a resposta

1. J. B. Phillips, *Your God Is Too Small* (Londres: Epworth, 1952).
2. Para uma discussão interessante sobre as questões, veja William Lane Craig, *Time and Eternity: Exploring God's Relationship to Time* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2001).

Capítulo 14: Graça sobre graça

1. Kel Richards, *Forgiving Hitler: The Story of Kathy Diosy as told to Kel Richards* (Sydney: Matthias Media, 2002), 191.
2. Se você quiser ler mais, recomendo Philip Yancey, *What's So Amazing About Grace* (Grand Rapids: Zondervan, 1997).
3. Kefa Sempangi, *Reign of Terror, Reign of Love* (Tring, Hertfordshire: Lion, 1979); ou a edição dos Estados Unidos sob o título *A Distant Grief: The Real Story Behind the Martyrdom of Christians in Uganda* (Glendale, Calif.: Regal, 1979). Aqueles homens saíram antes do encerramento da oração de Kefa, e mais tarde ele soube da conversão deles e do papel que tiveram para ajudar ele e sua família escapar de Uganda. Kefa já atuou como membro do Parlamento de Uganda e como um Ministro de gabinete. Hoje, ele retomou sua posição como o líder fundador da The Africa Foundation, um ministério cristão para os órfãos em Uganda. Visite http://www.africa-foundation.org para mais informações.

Clamor por justiça

O evangelho segundo Jó

David R. Jackson

Em algum ponto em nossa vida também perguntamos ao Senhor o nosso "por quê?" Pode não ter sido relativo a nós, mas a respeito de uma pessoa próxima. Às vezes, nos sentimos como se tivéssemos caído numa emboscada. É como se um inimigo saltasse do nada diante de nós e nos atacasse.

Vamos descobrir, com Jó, mais da profundidade da graça de Deus para conosco em Cristo – que, por sua própria escolha, sofreu mais do que Jó para salvar-nos da crueldade e da dominação do pecado. No pior dos tempos, quando estamos emboscados e feridos, precisamos saber essas coisas, crer nelas e nos apegar a elas. E, assim, nos juntamos à plateia para aprender a sabedoria do evangelho segundo Jó.

David R. Jackson (M.Div., Th.M., Westminster Theological Seminary; Ph.D., University of Sydney) é o chefe de estudos bíblicos na William Carey School, Austrália, e associado honorário na University of Sydney.

Estudo bíblico
Cristo no AT
Vida cristã

ISBN: 978-85-7622-389-4

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.editoraculturacrista.com.br